



Os Cavaleiros do Tempo III

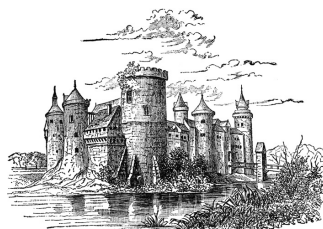
A Promessa

Jimena Cook



A Promessa
(Os Cavaleiros do Tempo 03)

Jimena Cook



Sinopse

Um amor capaz de transpassar a linha do tempo e uma promessa que nunca será esquecida.

«Agora posso senti-la... Volte para mim!»

Mónica soube desde o primeiro momento que não havia sido um sonho. Ele aparecera em sua vida de repente, sem prévio aviso, para protegê-la e ajudá-la a cumprir uma missão. Uma pitonisa¹, uma promessa feita há muitos séculos e uma carta de um cavaleiro de outra época, irromperão em sua vida até chegar a obcecá-la e forçá-la a procurar respostas para todas as incógnitas.

Aldan Macrae resiste a realizar a tarefa encomendada por seu pai: acompanhar um rapaz inglês até à abadia de Kinloss. Aquele jovem representa a esperança das Highlands, mas o guerreiro não considera que seja uma responsabilidade para o chefe do clã Macrae. Sua atitude muda quando descobre que debaixo da aparência de menino se esconde uma bela dama, Katherine Dunnottar, uma jovem misteriosa que guarda um grande segredo.

Mónica ou Katherine? Passado ou Presente? Ela precisará escolher, mas antes deverá vencer seus medos e os perigos do século XI que a perseguem.

*A minha mãe, a mulher que mais admiro e amo. Sempre em
meu coração.*

Prefácio

“Faz muito tempo fizemos uma promessa, um compromisso entre você e eu, um pacto de amor que nem o tempo, nem o espaço, foram capazes de romper. Ambos sabemos que voltaremos a ficar juntos. Apesar de tudo o que nos aconteça, nossa promessa prevalecerá e nada, nem ninguém, poderá romper nosso juramento até que você retorne para mim... agora posso senti-la, sei que está aí... volte para mim!

“Onde você estiver meu amor, eu a encontrarei”.

Prólogo

— Onde estou? — Perguntei à mulher despenteada e com roupa do século XI, que estava em frente a mim. Ela, ao me escutar, virou-se para me olhar.

— Que pergunta! Sabe muito bem, lady Katherine. Não demore, ele está esperando-a, — continuou andando a passo ligeiro.

— Ele, quem é ele?

— Pode-se saber o que lhe acontece hoje, senhorita? Seu pai lhe explicou antes que abandonássemos Dunnottar. Por favor, não fale, já sabe que não devemos chamar a atenção e precisamos passar despercebidas. — Puxou o capuz de sua capa marrom para se ocultar atrás dele. Deteve-se, estava em frente a mim. — Cubra-se! Não podem reconhecê-la. Ninguém deve saber, nem sequer ele, que você é a primogênita do conde de Dunnottar. Recorde-se das palavras de seu pai, no momento em que descobrirem sua identidade não hesitarão em matá-la.

Não entendia nada do que estava me acontecendo, preferi não fazer mais perguntas. Imittei-a, me cobri com o capuz de minha capa negra. A noite era fria e úmida, e a névoa cada vez mais espessa em um bosque desconhecido para mim.

Apesar da escuridão, a mulher conhecia perfeitamente o caminho que devíamos seguir. Levava uma tocha que

iluminava o chão onde pisávamos. Depois de muito caminhar chegamos às proximidades de um rio, ela se deteve.

— Eu não gosto disso — ela sussurrou.

— O quê? — Perguntei assustada pela incerteza e desconcerto da situação.

— Seu cavalo não está. Não se mova — ela ordenou.

Mas eu fui incapaz de obedecê-la. Segui-a sigilosamente e naquele instante ambas o vimos. Junto à margem do rio jazia morto um homem de avançada idade, um fio de sangue escorria de sua boca. Ela se virou, apagou sua tocha. Tapei meu rosto com minhas mãos ao ver a imagem.

— Disse-lhe que não se movesse!

— Está morto? — Perguntei assustada.

— Sim, assassinaram-no e o executor não deve estar muito longe daqui. Devemos retornar a Dunnottar. — Escutamos o relinchar de vários cavalos.

— Corra senhorita! Estão aqui!

Sentia sua presença muito perto de mim. A mulher parou, assinalou-me alguns arbustos atrás de algumas árvores. Escondemo-nos ali, então os vi, três cavaleiros ocultos atrás de suas capas negras detiveram seus cavalos e um deles desmontou de seu corcel; observava, pressentia nossa presença. Uma rajada de vento retirou seu capuz mostrando seu rosto, assustei-me ao vê-lo, possuía uma parte de seu rosto queimada. Voltou a montar em seu cavalo e fez um sinal para seus acompanhantes que continuassem em outra direção. Notei que os três cavaleiros usavam um anel de ouro com um rubi encravado no centro, no qual havia um dragão esculpido.

— Uff, eram eles! Desta vez os despistamos, mas vieram por você. Vamos retornar a Dunnottar. — Agarrou um alforge e me entregou. — Você precisa levá-lo. — Olhou-me com seus grandes olhos azuis. — Lady Katherine, é a nossa salvação, já sabe. O manuscrito e amuleto, do qual seu pai lhe falou, estão dentro da bolsa, proteja-os com sua vida — dizendo isto tirou um cordão de couro no qual estava pendurada a cruz de David, e colocou em mim. — Isto a protegerá, mas jamais a deixe à vista de ninguém. Agora, se apresse! Precisamos chegar antes que amanheça.

Atravessamos o bosque com cautela, podia sentir a respiração dos guerreiros atrás de nós.

O que estava acontecendo? Não entendia nada, devia ser um pesadelo, mas era muito real para me enganar. Algo havia acontecido na Torre de Hércules, enquanto eu contemplava o brilho de luz que o farol projetava. A névoa era espessa e a escuridão da noite havia irrompido com brutalidade. Recordei que senti uma força que me empurrava e me forçou a cair ao chão, no momento que decidi retornar a minha casa, quando quis levantar, minhas mãos estavam sobre uma terra úmida, minha roupa não era a mesma e eu me encontrava em um bosque, sob o olhar severo de uma mulher que se dirigia a mim dizendo outro nome: Katherine.

— Dunnottar! — Disse a anciã assinalando a distância.

Elevei o olhar e divisei uma grande fortaleza desafiando a borda de um escarpado, um lugar estratégico para uma boa defesa. Os primeiros raios de sol apareceram no horizonte, a luz intensa me cegou, então voltei a sentir a mesma força.

Doía-me a cabeça, abri os olhos e estava outra vez na colina onde se levantava desafiante a Torre de Hércules. A intensa claridade me deslumbrava, oculteí minhas pupilas com o braço.

I

— Não entendo por que teve que fazer essa promessa, pai! Não estou disposto a aceitá-la!

— Aldan, não resta mais remédio do que cumprir com nosso dever. Você sabe muito bem que são tempos difíceis, eles querem guerra. Você tem consciência de que o jovem rei tem muitos inimigos, entre eles o conde de Leicester, Simón de Monfort, um maldito inglês, ambicioso e com muito poder. Ele quer o trono e fará o que for preciso para consegui-lo. — Meu ódio para o conde do Leicester é indiscutível. — Monfort quer acabar com todos nós e está disposto a semear a discórdia entre os escoceses e centrar a atenção do rei inglês contra nós. Está planejando um perverso plano para tomar nossas posses.

— Isso eu sei, pai, mas eu devo estar com meus homens, lutando pela defesa de nossas terras. — Olhei nos olhos de meu progenitor. — Os ingleses violam nossas mulheres e se apropriam de nosso gado e colheita. Não quero acompanhar um rapaz até Kinloss, enquanto sei que meu braço e espada podem fazer falta a qualquer momento. — Golpeei com meu punho a mesa de madeira que me afastava dele. — Os Mackenzies nos apoiam e seus homens se somarão aos nossos para proteger nossos interesses. Eu quero e devo estar lá.

— Aldan, não é um assunto que preciso debater, é uma

ordem. Como chefe do clã e seu pai você deve me obedecer — ele respondeu energicamente. — Deverá somente se assegurar que o menino chegue são e salvo até a abadia que está na borda dos escarpados, um dos frades que habitam lá os estará esperando e se encarregará dele. — Guardou silêncio e baixou seu rosto. — Murdor o acompanhará. — Sentou-se, estava fraco e muito doente. — Estou morrendo e não quero ir à tumba com esta amargura.

— Não diga isso, pai! — Embora fosse óbvio que ele não gozava de boa saúde, eu não gostava de escutar de sua boca a palavra morte. — O que é o que me esconde? Por que esse jovem é tão importante?

— Já sabe da maldição de nossas terras, ele é o único que nos devolverá a paz. — Olhou-me com expressão de súplica. — O conde de Dunnottar confiou em mim, já sabe o vínculo que une há anos os Macrae com os Dunnottar.

— Que relação tem esse jovem com o conde?

— Não posso lhe contar mais, você saberá tudo a seu devido momento.

— Uff! — Eu me movia nervoso e incomodado de um lado para outro. — Está bem, mas somente até Kinloss.

— Tomou a decisão correta. Somente um Macrae pode fazer isto.

— Conduzir e proteger um rapaz são coisas que qualquer um pode fazer — eu lhe disse com resignação.

— Mas não é um simples rapaz, é perseguido pela ordem do Dragão e, portanto, já sabe quem está por trás. Além disso, o manuscrito que você guarda também deve ser levado com

você para ser entregue ao frade.

O manuscrito? Fazia tanto tempo que o escondera que já não me lembrava dele. Como meu pai sabia? Somente os membros da ordem de Os Cavaleiros do Leão sabiam. Virei-me com rapidez para estar em frente a ele.

— Faz muito tempo que sei Aldan. O livro onde está escondido caiu em minhas mãos. Lembra-se que fui membro da Ordem, sei a importância do que ele esconde.

— Não posso me desfazer dele, prometi a Korvan que o guardaria em um lugar seguro.

— Chegou o momento de se desprender dele. Mandarei uma mensagem aos cavaleiros da ordem para que saibam de sua partida com o manuscrito e o amparo do rapaz, eles também devem saber. Ele é nossa salvação, possui a chave para que haja paz nas Highlands. Em seu poder está a outra metade do manuscrito. — Fez uma pausa e me olhou. — E você, meu filho, é o escolhido para esta missão, deve proteger o rapaz com sua vida se for necessário. — Estava preocupado. — Simón de Monfort quer encontrar o rapaz e suspeita que nós o protegemos.

Eu sabia que o conde de Leicester considerava a ideia, há muito tempo, que uma das partes do manuscrito estava nas mãos de um dos cavaleiros da Ordem, éramos somente quatro, e fazíamos incursões muito frequentemente em nossas terras. Korvan já me alertara disso, ele suspeitava que sabíamos de algo e nos mantinha vigiados. Agora, isso me havia dito meu pai, ele também sabia da existência do rapaz e da outra parte do documento sagrado. Se eu saísse do castelo o manuscrito

deveria sair comigo. Suspeitava que em minha ausência o conde de Leicester poderia aparecer e se aproveitar da debilidade de meu pai para seus fins sádicos.

II

A jovem havia escapado. Hernes estava zangado e carregou sua ira contra os outros dois cavaleiros que estavam com ele.

Inúteis! Ele pensou. Na realidade sabia que deveria fazer sozinho, mas tornara a se unir à ordem do Dragão, porque suspeitava que, cedo ou tarde, Juan de York apareceria em cena.

Estivera três anos na França perseguindo seu rastro. Queria o livro secreto que ele escondia e estava sob seu poder. Mas aquele abade era muito ardiloso e sempre conseguia permanecer oculto. Além disso, ele suspeitava que York houvesse ido à França procurando uma das partes do manuscrito, e também intuía que sabia onde encontrá-lo.

Desta vez o mataria. A maldição continuava perseguindo-o, devia acabar com a mulher que continuava com a estirpe daquela bruxa. Acreditou que fosse a jovem portadora do anel, mas agora, estava convencido que lady Katherine era a última descendente da feiticeira. Sim, a filha do conde de Dunnottar deveria morrer, ele pensou. Averiguou-o quando se deparou com aquela anciã, ele estava a caminho de Dunnottar, ao ver o olhar dela de medo suspeitou que ela escondesse algo e assim foi, seu olfato de caçador nunca falhava. Entre as mãos ela

escondia um pergaminho assinado pelo conde e onde se podia ler:

“Begira, minha filha corre perigo. Deverá proteger sua vida e o que lhe pertence há muito tempo. Ela é a única que nos poderá salvar da guerra e devolver a paz para nossas terras. Preciso de você. Recorde-se da profecia. Deve vir o quanto antes”.

Ele a olhou e preferiu deixá-la escapar, ela os levaria até à jovem, seguiram-na sem que se desse conta disso. Dunnottar era muito vigiado pelos soldados do conde, mas Hernes não temia nada, nem ninguém, considerava-se invencível.

Olhou os dois cavaleiros, estavam ao redor da fogueira. Precisava se desfazer deles. Devia ir sozinho.

III

— Mónica! Pode se saber onde você esteve? Olhe como você está! — Disse Sara, minha amiga de infância.

Nesse momento é que fiquei consciente de meu aspecto, estava suja e com o cabelo revoltado e enredado.

— Uff! Pois se lhe disser a verdade, eu não sei.

— Não retornou para casa. Rodrigo esteve esperando no sofá e, na verdade, já sabe que eu não gosto de ter seu noivo rondando por aqui. Não o suporto!

— Senti-me indisposta e perdi a consciência. — Eu me auto convenci que havia sido assim.

Estava esgotada, fui diretamente ao meu quarto para descansar. Sara se interpôs em meu caminho.

— Pode-se saber aonde vai?

— À cama, estou esgotada.

— Pois não se lembra? Prometeu-me isso! Iríamos ao mercado medieval.

Era verdade! Eu havia jurado acompanhá-la pelos arredores da Praça da Maria Pita onde montaram o mercado.

— Deixe-me tomar um banho e vamos em seguida.

Sara me olhou com interesse.

— E essa bolsa? Nunca havia visto. Eu adorei!

Então é que me dei conta que levava o alforje de couro

trançado, o mesmo que a anciã me dera. Comecei a ficar nervosa. O que é o que estava acontecendo?

Entrei em meu quarto, tirei a bolsa, abri-a, havia um documento antigo. Examinei o manuscrito, tratava-se de uma série de círculos concêntricos que eram a continuação de outra folha que faltava para que o desenho ficasse completo, fora arrancado de propósito. Ao redor das linhas circulares estavam escritas frases em um idioma que eu desconhecia. Assustei-me. Levei a mão direita a meu pescoço e o toquei, o colar com a cruz de David estava ali.

Meu Deus, o que está acontecendo! Agarrei o amuleto, era uma pedra polida com forma quadrangular; em uma parte havia um símbolo em forma de hélice rodeada por um círculo, na outra parte três linhas paralelas coroadas com três círculos. O que significava aquilo? Voltei a guardar tudo no alforje, escondi na gaveta de minha mesinha de noite. Eu sentia uma forte dor de cabeça.



No mercado havia muitos ambientes, música celta de fundo, jogos, tendas e tudo recriando a época. Sara estava entusiasmada, mas eu não podia me esquecer de tudo o que estava me acontecendo. Sara se encontrou com alguns amigos de seu trabalho, eu não gostei de ficar ali, então comecei a caminhar pelas tendas; gostava de ver os objetos que vendiam. Detive-me em um, de ervas medicinais.

— É muito boa para os resfriados, senhorita — disse uma jovem de grandes olhos azuis, que estava atrás do mostrador. — E esta é para a dor de cabeça.

— Obrigada. — Sorri.

— E estas para o mal de amores. — Ela me piscou um olho.

— Bom, mas no momento não preciso dela.

— Uy! Pois muito em breve precisará.

Não entendi muito bem por que ela dizia isso. Ela se deu conta de minha expressão de assombro.

— Perdoe-me se a incomodei com meu comentário. Era somente um comentário. Não dê importância.

— Não me incomodou. Possivelmente você tenha razão e eu me arrependa de não ter comprado as ervas. — Ambas rimos.

— Veio sozinha? — Ela me perguntou.

— Não, estou com minha amiga.

— Ah! Pois ela a está procurando.

— Como? — Disse sem saber ao que se referia.

— Sim, ali. — Assinalou uma moça morena vestida de negro. Ela estava com o cabelo preso em uma trança. Seu olhar estava fixo em mim. Senti um calafrio ao vê-la. Desviei o olhar e em poucos segundos voltei a observá-la e ela continuava ali, imóvel, me escrutinando.

— Não, ela não é minha amiga — eu respondi.

— Ah! Perdoe-me, acreditei que a conhecia.

Decidi continuar passeando pelas diferentes tendas. Olhei para trás e não vi Sara. Onde teria se metido, eu pensei. Notei que aquela mulher seguia meus movimentos a certa distância,

mantinha seu olhar fixo em mim. Acelerei o passo, virei na primeira esquina e decidi esperá-la ali, precisava saber o motivo pelo qual me seguia. Transcorreram alguns segundos quando ela passou diante de mim. Pus-me atrás dela.

— Por que me persegue?

Ela se deteve em seco e se virou lentamente até posicionar-se em frente a mim. Não respondeu a minha pergunta.

— O que quer de mim? — Voltei a repreendê-la.

Sem me dizer nada, colocou a mão em seu bolso e extraiu uma medalha de forma quadrangular, mostrou-me aquilo, em cada uma das faces havia um amuleto, os mesmos que eu possuía em meu poder. Meu rosto ficou tenso. Todo meu corpo tremia. O que aquilo significava?

— Reconhece-os, não é verdade? — Ela me disse.

— Não entendo nada, — eu falei. Na realidade eu estava assustada depois dos acontecimentos da noite anterior.

— Siga-me, aqui não podemos falar. — Olhava para todos os lados, temerosa de que estivessem nos observando.

Minha mente se debatia entre a desconfiança para com aquela jovem estranha e a grande curiosidade que sentia de saber o que era queria me dizer. Ela, ao se dar conta de que eu não a seguia, e continuava imóvel, parou, elevou a mão e fez um gesto para que eu fosse até onde ela estava.

Guiou-me pelas ruas estreitas e cobertas de pedras dos arredores da praça. Andamos por ruelas até pararmos em frente a uma porta de madeira, ela a abriu e me olhou.

— Venha comigo, — disse.

Entramos em uma loja de objetos antigos, atravessamos o local até acessar um ambiente escuro, somente uma tênue luz de um abajur iluminava o pequeno recinto. Uma anciã sentada no centro da sala nos olhou, a jovem se virou para me observar.

— Ela a está esperando, — disse-me a moça. Depois partiu.

— Por favor, sente-se — ordenou a anciã.

— O que eu faço aqui? — Eu perguntei.

— Em seguida saberá — Ela respondeu.

Acomodei-me em uma cadeira em frente a ela. Sem dizer nada ela pegou um baralho de cartas de tarô, colocou três cartas sobre a mesa com a face para baixo; depois extraiu outro baralho de cartas, selecionou outras três e as alinhou por cima das outras. Levantou o olhar e me olhou.

— Escolha uma carta da primeira fila e outra da segunda.

— Eu obedeci. — Depois de feito isto ela as virou. Era um cavaleiro de espadas e a carta dos apaixonados. Afastou ambas. — Escolha outra. — Assinalou-me a primeira fila. Selecionei uma e a entreguei, ela virou-a, assustei-me ao vê-la, era a figura do demônio. A mulher elevou seu rosto, sua expressão era de preocupação.

— O que significa isto? — Eu perguntei.

Levantou as cartas que restavam, uma era o mundo e as outras duas continham os símbolos do amuleto que estava em meu poder.

— Uma maldição a persegue, querida, deve escolher entre dois mundos. Mas somente poderá fazê-lo quando cumprir uma missão que lhe foi confiada.

— Que maldição, que missão? Não sei do que está falando.
— Também vejo uma promessa que você fez anos atrás...
— Uff, vou enlouquecer! — Fiz menção de me levantar, mas ela me deteve com sua mão.

— Há um homem que cruzou em sua vida e está ligado a você há muito, muito tempo... Ele é o escolhido para ajudá-la a terminar a missão que você nunca terminou, deverá confiar plenamente nele, um cavaleiro de honra cuja espada velará por você em todos os momentos. Mas deve tomar cuidado, o mal a persegue, algo escuro à espreita, está muito próximo de você.

— Não sei o que faço aqui, não compreendo o que está me dizendo.

— Espere, por favor, estou há várias noites sonhando com você e com estas duas cartas. — Assinalou as que continham os símbolos do amuleto. — Sabia que hoje você estaria no mercado, sonhei, por isso mandei Lídia para buscá-la. — Fez uma pausa. — Em meus sonhos só observo que um ser escuro a persegue, quer algo que está em seu poder. Vejo duas vidas paralelas e você está nelas, pressinto perigo iminente. — Olhou para mim. — Vê estas duas cartas? — Eu assenti. — As três linhas em paralelo eram conhecidas dos antigos druidas como Awen, o nome de uma mulher de dois mundos, uma harmonia que se rompe e uma escolha que se precisa fazer; mas Awen é o grande segredo druida, ninguém conseguiu decifrar o mistério oculto atrás dessas três linhas. Muitos pensaram que representavam a três mulheres, cada uma delas com uma missão diferente e, unidas, com um vínculo de sangue, elas se encontrarão em algum desses dois mundos. — Olhou ao outro

amuleto. — E este outro com forma de hélice e um anel ao redor representa o renascer em outra vida, mas também, a invisibilidade e a morte. Uma presença que você não vê nem percebe a persegue e não é desta época.

— Agora sim é que estou me assustando.

Relatei-lhe todo o acontecido na noite anterior. Fixou seu olhar na carta do cavaleiro de espadas, depois voltou a levantar o olhar.

— Sei, ontem eu sonhei o mesmo, estive lá — disse a anciã.

— O que significa tudo isto? — Perguntei-lhe.

— Há algo do passado que retorna ao seu presente.

— Não era um sonho, era muito real. Amanheci na Torre de Hércules com um manuscrito e um amuleto.

— Precisa escondê-lo, Katherine. — Eu me surpreendi que tivesse me chamado por aquele nome.

— Katherine? Por que me chamou assim? Meu nome é Mônica.

— Para mim é Katherine e assim a chamarei.

IV

O abade, Juan de York, estava nervoso, sabia que não podiam reconhecê-lo. Precisava caminhar à noite e esconder-se pelos atalhos escuros. Fazia dois dias que retornara da França e, finalmente, sabia onde poderia encontrar o manuscrito. A chave estava com ele. Ele a descobrira fazia muito tempo na biblioteca da abadia de Fountains. Como podia ter estado tão cego? Repetia-se uma e outra vez.

Todos aqueles anos que o abade estivera na França lhe haviam servido para dar respostas às incógnitas que deixara em solo inglês. Agora era quando devia ter mais cuidado. A ordem do Dragão o procurava, queria sua morte, na França conseguiu despistá-los, mas em terras inglesas não seria tão fácil, estavam por toda parte, e sabia que aquele bastardo, mais do que ninguém, desejava a sua morte.

O ardiloso abade se cobriu com o capuz de sua capa e entrou pelo bosque de Sherwood, lugar ideal para avançar sem ser avistado. Precisava tomar cuidado, desde a morte do rei Juan o bosque estava cheio de ladrões dispostos a tudo por um par de moedas, esse pensamento o fez sorrir, ele possuía algo para aqueles ladrões. A viagem até Kinloss seria longa e pesada. Suspirou. A névoa espessa e o abundante arvoredado ocultaram sua figura conforme avançava pelos caminhos

úmidos e de difícil acesso.

V

Eu não entendia como meu pai escolhera a noite do juramento. Podia compreender que ele aproveitasse a estadia do conde de Dunnottar para esconder o rapaz e a anciã, mas aquela noite não era a mais apropriada para isso, chamaria a atenção entre a servidão. Só de pensar na ideia do que ele me obrigava a fazer fazia meu sangue ferver.

Observei pela janela de meu aposento que o pátio era um ir e vir de escudeiros, soldados e serventes. Tudo deveria estar preparado para receber os membros do clã e suas mulheres; assim como, os nobres amigos de meu pai que deviam realizar o juramento de amizade e obediência para Fionnla Macrae, meu pai, em troca de amparo. Era o caso do conde de Dunnottar que vinha acompanhado de sua filha, a anciã e o misterioso rapaz.

Decidi me afastar dali, estava nervoso e irascível, queria estar me exercitando na luta com meus homens contra nossos inimigos, os amigos do rei inglês. Baixei com rapidez as escadas, agarrei meu cavalo e depois de passar a ponte de pedra me dirigi à zona escarpada. A umidade da espessa névoa transpassava meus ossos, mas o frio não era um obstáculo para me deter. Sabia que estava anoitecendo e que muitos convidados já estavam acomodados no castelo, e apesar de que

eu devia ser o primeiro a prestar o juramento a meu pai, desta vez não o faria nessa ordem, era minha forma de protesto diante da tarefa que me confiava. Eu era consciente que ao orgulhoso e soberbo Fionnla não agradaria em nada meu comportamento e que depois, em particular, ele me faria saber isso, mas era algo que eu não temia, nunca me havia intimidado frente a meu progenitor, um homem distante e frio que jamais dera amostras de carinho para mim, seu primogênito, o herdeiro de suas terras.

Parei na beira dos escarpados, desafiando a todos os elementos da natureza. O vento soprava cada vez mais forte, mas sequer me movia com exceção de meus cabelos e do kilt. Gritei, precisava descarregar toda a raiva que carregava dentro. Transcorreu bastante tempo até que decidi retornar ao castelo, irrompi galopando a grande velocidade no pátio sem me dar por conta que uma jovem, acompanhada de um cavaleiro e uma anciã, encontravam-se no meio do meu caminho. Esquivei a dama, mas estive a ponto de atropelá-los. Desci do cavalo com rapidez e fui verificar se estavam bem. Encontrei uma jovem de cabelos negros, longos, despenteada pelo vento. Seu olhar estava fixo em mim, desafiante, mas notei que nas profundidades de suas pupilas havia uma sombra de medo, que eu tanto havia percebido em meus competidores nos campos de batalha.

— Encontra-se bem?

Ela não me respondeu, estava tensa, deu-me as costas e começou a caminhar em direção ao interior do castelo seguida da anciã. O cavaleiro de idade avançada seguiu seus passos

com o olhar durante alguns segundos e depois se centrou em mim.

— Desculpe-a, está esgotada da viagem. Deverá estar na cerimônia do juramento que terá lugar em breve.

A atitude da jovem me surpreendera. Se tivesse sido um homem, aquela atitude teria acabado em briga, um Macrae jamais permitia um desprezo assim.

O cavaleiro se afastou. A voz de Paul fez com que eu voltasse à realidade.

— Senhor, seu pai o está procurando.

— Obrigado, Paul.

Sabia que eu seria o último a prestar o juramento, estava justamente para entrar no salão de reuniões quando me golpearam pelas costas. Coloquei minha mão no cabo de minha espada e me precipitei para me virar e ver quem estava atrás de mim. Era outra vez aquela mulher! Chocou comigo. Fugia de alguém ou de algo. Estava claro que corria com alguma intenção e seu olhar estava concentrado em ver se a perseguiam. Levantou seu rosto para me olhar. Notei outra vez o medo nela. Era muito bonita. Como não havia me dado conta na primeira vez que a vi? Seus expressivos olhos negros me observavam sem piscar.

— Outra vez você! — Eu lhe disse.

Ela não respondeu, nesse momento apareceu a anciã, o olhar dela era severo.

— A cerimônia é nesta sala, lady Katherine — disse a mulher. Agarrou-a pelo braço e a levou ao grande salão. Entrei atrás delas. Perdi-as de vista em seguida.

Avancei devagar, com minha mão colocada no cabo de minha espada. Cheguei até o lugar onde meu progenitor estava sentado, olhei-o, tirei minha espada colocando o fio ao alto, reclinei-me apoiando um joelho sobre o chão e apoiei o fio de minha espada.

— Eu, Aldan Macrae, herdeiro do clã Macrae, juro proteger com minha espada a todos os integrantes do clã; assim como a meu pai, Fionnla Macrae — evitei a palavra obedecer, muitas de suas ordens não coincidiam com as minhas e sabia que nem sempre as acataria.

Meu pai se ergueu enquanto eu permanecia reclinado, fez-se um grande silêncio. Ele fez um gesto para que eu me endireitasse. Observava-me com intensidade enquanto ambos bebíamos da mesma taça de vinho. Então meu pai mostrou seu sorriso mais falso e os serventes começaram a colocar sobre a grande mesa de madeira com forma de U, as viandas repletas de carne e verduras, a cerveja e o vinho. Sabia que ele não me perdoaria por aquilo, mas eu não juraria algo contra meus princípios. Sempre seguiria os valores que minha mãe me inculcou, uma Macrae que me fez compreender que as pessoas estavam acima dos bens de um clã.

Os trovadores animavam a festa. Logo o silêncio cessou e começaram a se escutar as risadas e as conversas das vozes estridentes de alguns barões. Do meu lugar eu procurava a jovem de olhos negros. Vi-a sentada ao lado do homem com o qual ela havia chegado e da anciã. Percebi que estava com ar ausente, não bebia e quase não comia.

Meu pai se aproximou de mim e me sussurrou.

— Ali está o conde Dunnottar com sua filha. — Assinalou o homem que acompanhava a jovem. — Ela é lady Katherine, e a mulher, que está com eles, é a dama que acompanha a jovem em todos os momentos. O rapaz também está no castelo, escondido nos aposentos do conde. Logo o conhecerá, ele somente pode ser visto à noite, por segurança. Amanhã, quando o sol se ocultar, partirão em direção a Kinloss. Em você estão depositadas todas as nossas esperanças.

Então aquela era a filha do conde.

— E o conde e sua filha? Retornarão a seu castelo?

— Sim, imediatamente. Eles correm perigo, sobretudo a jovem.

— Ela? Por quê?

— Ter-se-á dado conta de que ela é muito bonita, não?

— Sim, bastante. Não passa despercebida.

— Pois Simón de Monfort também pensa o mesmo. Parece que se enamorou da jovem e já sabe como é aquele bastardo, embora seu pai tenha se negado a entregar a mão dela, ele é um homem que jamais aceita uma negativa como resposta e tem o apoio do rei de Inglaterra que justificará qualquer uma de suas maldades.

— Aquele maldito! Precisamos acabar com ele. Ele força os camponeses a trabalhar mais do que podem e pagar mais do que devem por suas terras, aproveita-se de nossas mulheres e de nossas terras. Quer se apoderar de tudo o que nos pertence à força. Acompanhá-los-ei até Dunnottar antes de levar o rapaz.

— Não, Aldan, o mais importante é o jovem. Se ele chegar

a Kinloss, todos, inclusive a jovem, estarão a salvo. Ninguém deve saber a identidade do rapaz, para o resto dos mortais o jovem não pode falar.

Olhei-o estranhando.

— Falar? Por quê?

— Para que ninguém o submeta a perguntas que possam revelar sua identidade. São muitos os que o querem, a ordem do Dragão e Simón de Monfort também estão atrás dele.

— Amanhã ao anoitecer partiremos. Assim que eu retornar me encarregarei pessoalmente de Simón de Monfort — eu lhe disse. Aquele homem já nos havia causado muito dano.

— Dele nós nos ocuparemos na sua volta, Aldan. — Fionnla baixou seu olhar. Eu sabia que na realidade ele temia que na minha volta não estivesse mais entre nós, ele estava muito doente.

Escutava-se a música, os cavaleiros e suas damas dançavam. Buscava-a com o olhar, as palavras de meu pai bombardeavam minha mente. Aquele inglês! Eu pensei. Sabia que mulher que o interessava ele tomava sem olhares, mas, a jovem Dunnottar era da nobreza e ele não podia agir como o fazia com as camponesas que trabalhavam em suas terras. Mas se havia se interessado por ela ele faria o impossível para tê-la. Não suportava aquele homem. Havia algo naquela moça que me fazia sentir a necessidade de protegê-la.

Ela não estava. Fui falar com o conde Dunnottar.

— Desculpe, não sabia que você era Aldan Macrae — disse-me o conde.

— Desculpas aceitas. Eu desconhecia que você era a quem

eu preciso ajudar levando o rapaz e a anciã a Kinloss. — Sorri.
— Estamos em paz.

— Agradeço-lhe o que vai fazer por mim. É de suma importância que o rapaz chegue naquele lugar. Eles... — Olhou para todos os lados e baixou seu tom de voz, sussurrava. — Imagino que já sabe a quem me refiro. — Eu assenti —, querem pegar o jovem e o que ele carrega.

— Comigo não existe nada a temer.

— Lá está ela! — Ele exclamou. — A moça...

Olhei para onde ele mostrava, estava separada do resto dos convidados. Tentava sair para o exterior. Nesse momento ela se uniu à anciã que viera com eles. Algo naquela mulher me parecia familiar, era como se eu a conhecesse e não sabia onde a havia visto.

— Meu senhor, lady Katherine não atende a razão. Sua filha é uma teimosa.

— Sei Begira.

Begira! Eu pensei, aquele nome me era conhecido. Eu precisava averiguar onde havia visto a anciã.

— Begira — disse o conde, — este homem é Aldan Macrae, ele conduzirá a você e... ao jovem — ele titubeou — até Kinloss. — O conde me olhou. — Não sei se seu pai lhe disse que o rapaz somente deverá caminhar durante a noite e descansará durante dia. É mais seguro.

— Viajaremos também durante o dia. Levaremos uma carroça, no interior ele e a mulher poderão descansar durante as horas de sol. Quero chegar o quanto antes possível a Kinloss — eu disse.

— Sim, é o melhor. Cada dia que passa o perigo é mais iminente.

— Lá está ela, senhor — interrompeu Begira. — Deve recriminá-la, seu comportamento não é o apropriado de uma dama. Além disso, é perigoso que continue agindo dessa forma.

O conde se dirigiu para o lugar afastado do salão da celebração onde estava a jovem. Eu observava com curiosidade aquela cena, a anciã estava atrás do conde, este agarrou a moça pelo braço enquanto a recriminava por seu comportamento. Eu precisava tirá-la para dançar, sentia curiosidade para conhecê-la. Aproximei-me.

— Acredito que estou tonta — disse a jovem, — vou cair. — Assustei-me e em seguida envolvi a cintura dela com meus braços evitando que caísse ao chão.

Coloquei-me de joelhos, a cabeça e ombro da jovem descansavam sobre meu peito. Begira se aproximou.

— Respire lady Katherine. — A moça obedeceu à anciã.

O conde olhava a jovem, assustado, e Begira o agarrou pelo braço e o afastou. Nesse momento Katherine me olhou.

— Eles se foram? — Ela me perguntou.

— Não, ainda continuam aqui, — respondi sem entender a jovem, parecia que ela havia simulado.

— Por favor, avise-me quando partirem.

— Acredito que não o farão até que você se recupere.

— Ah, claro...! Já estou melhor — ela disse enquanto se levantava como se nada tivesse acontecido. Arqueei as sobrancelhas ao vê-la e meio sorriso se desenhava em meu rosto. Ela havia fingido uma tontura para que ele não

continuasse advertindo-a por seu comportamento.

— Deveria estar mais aturdida — eu lhe sussurrei, — senão seu pai vai se dar conta de que você mentiu. — Ela se virou para me olhar.

— E acredita que me importa.

O conde e Begira se aproximaram de nós.

— Se já se encontrar melhor devemos entrar no salão — disse o conde em um tom severo.

Vi quando se afastaram. Esbocei um sorriso, aquela mulher era incrível, diferente do resto das damas com que eu costumava tratar. Divertia-me seu comportamento. Estava decidido a procurar um momento para estar sozinho com ela.

— Desculpe, permite-me dançar com sua filha? — Ela me olhou com curiosidade, o conde estava vermelho de ira.

— É óbvio. Katherine! — Ele lhe ordenou.

— Eu não gosto de dançar — respondeu.

Sua resposta me surpreendeu. Elevei as sobrancelhas.

— Vá dançar! — ordenou o conde. — Begira se aproximou dela e a agarrou pelo braço com força, trazendo-a até a minha frente.

— Faz o que seu pai lhe ordena! Depois você e eu falaremos. — Dizendo isto ela se afastou.

Olhei com interesse para seus bonitos olhos negros.

— Não sei o que acha tão engraçado, cavalheiro! — Ela me disse.

— Tem certeza de que não sabe? — Sorri e antes que ela me respondesse a agarrei pela mão e a levei ao centro da sala para dançar. Notei que ela analisava com curiosidade o kilt que

eu usava. Sua mão estava fria e me deu a sensação que tremia.
— Observei-a nos olhos, ela baixou seu olhar com acanhamento. — O que teme lady Katherine? Estou intrigado. — Ela levantou o rosto.

— O que o faz supor isso?

— Treme e vejo medo em seu olhar. Sou um guerreiro e percebo essas sensações.

— Pois nesta ocasião se equivocou. Seu instinto não funciona comigo.

Não pude conter uma gargalhada. Sua resposta me surpreendeu. A música cessou e ela me olhou antes de se virar me dando as costas. Tentei segui-la, mas nesse momento Lezley ficou diante de mim.

— Ignorou-me toda a noite, Aldan. — Ela me observava com seus grandes olhos azuis.

— Sabe que isso não é verdade.

— Sim, sim que o é. Desde que retornou das terras dos Maclean não prestou nenhuma atenção em mim, e já sabe quais são meus sentimentos, Aldan.

— Lezley, querida, já lhe disse que a aprecio muito porque a vi crescer nas terras de meu pai, mas meu coração não pertence, nem pertencerá, a nenhuma mulher.

— Mas precisará se casar, Aldan! Você será o chefe do clã e sua obrigação é ter herdeiros. Eu posso ser sua mulher, sei que terminará me amando.

— Lezley, não continue mais com este assunto. Quero que não mantenha esta ideia em seus pensamentos.

Naquele momento eu partia para procurar a jovem

Dunnottar.

— É por causa dela, não é verdade? Vi como a olhava enquanto dançava com aquela mulher.

Detive-me, eu não esperava isso. O que ela estava insinuando? Virei-me para olhá-la.

— Já lhe disse que não há nenhuma mulher em minha vida, Lezley. — E parti.

Não entendia a moça, sabia de sua atração por mim, em mais de uma ocasião ela se insinuou, mas eu não estava apaixonado pela jovem e, embora me atraísse, pois era muito bonita, não tentei nada com ela, porque sabia que qualquer contato com Lezley suporia uma exigência de sua família para que eu respeitasse sua honra e fizesse o que se esperava do herdeiro do clã Macrae. Não, não estava disposto a me casar e muito menos com uma mulher a quem não amava.

Queria procurar lady Katherine, o conde Dunnottar falava com meu pai e eu vira a anciã ir para seus aposentos, mas ela não dava sinais de vida por nenhuma parte. Fui para o exterior, apesar da época em que estávamos, a noite era úmida e fria. Observei e ela estava lá. O que ela pretendia? Afastava-se do recinto protegido como se quisesse entrar no escuro bosque. Fui direto até ela, em seguida a alcancei.

— Fora destas muralhas, milady ninguém poderá defendê-la dos perigos que espreitam lá fora. E não só me refiro a ladrões e malfeitores, mas também aos guerreiros do clã Macdonald, inimigos nossos... e acredite em mim, que com as mulheres não tem muita chance e ainda mais se forem amigas do clã Macrae.

Ela se virou para ficar de frente para mim.

— Não pensava em me afastar dos muros de sua fortaleza, desejava somente passear e pensar, embora tampouco me deem medo os guerreiros Macdonald, não sou uma mulher covarde, Aldan Macrae. Além disso, é somente um passeio. — E piscou um olho.

— Ora, ora, ora! Pois não acredito que seja o melhor momento para fazê-lo, com uma festa como a de hoje, em que muitos dos guerreiros que fizeram o juramento bebem até perder o sentido, é melhor estar dentro do castelo do que fora na escuridão.

— O que está insinuando?

— Não acredito que lhe interesse que eu lhe conte todo tipo de detalhes. — Eu sorri.

— Pois acredito que sim, eu gostaria que fosse mais claro em seus comentários.

— Muito bem, milady, você o quis, vou ser muito explícito em minha resposta, — eu disse enquanto me aproximava dela que me desafiava com seu olhar. — Muitos desses homens que estão aí dentro, ébrios, perdem as maneiras e a educação, não sabem distinguir entre o que é bom e o que é mau, se a avistarem, sozinha, no meio da noite, não hesitarão em tentar beijá-la e fazê-la sua, entende-me agora ou quer que ainda seja mais claro?

— Não, já entendi obrigada. A verdade, não me surpreende, são todos uns bárbaros que se comportam como animais, eu pude comprovar em sua festa a grosseria desses homens e suas maneiras. Tenho certeza de que você justificaria

esse tipo de comportamento.

— Não, jamais o faria, não o toleraria. Qualquer homem, inclusive de meu próprio clã, que abuse ou maltrate uma mulher eu o mataria com minhas próprias mãos e seu corpo depois seria exposto para todo mundo, para evitar que alguém voltasse a cometer tal atrocidade. Disso você pode estar segura.

— Arqueou as sobrancelhas diante de meu comentário e mordeu o lábio inferior. Não pude evitar centrar meu olhar em sua boca.

Ela ficou me olhando atentamente, deu meia volta e começou a andar para dentro. Eu caminhava junto a ela.

— Você tem me intrigado — eu lhe disse. — Não consigo entender por que seu pai e a mulher que a acompanha estão tão preocupados. — Ela não respondeu, continuava andando cada vez mais depressa.

— O que é que teme? — Perguntei-lhe. Intuí-a que havia algo que a fazia manter aquela atitude de medo a todo o momento. Ela se deteve em seco e se posicionou em frente a mim, olhando-me com intensidade nos olhos.

— No suposto caso que houvesse algo em minha vida que me preocupasse ou me fizesse temer, você acredita que eu contaria? Para um homem do qual não conheço nada?

— E por que não? Seu pai jurou obediência e lealdade ao chefe dos Macrae, e isso deveria ser suficiente.

— Para mim não é. Se me desculpar. — Desapareceu de minha vista. Fiquei observando como ela se afastava dali.

VI

Era ele o que me acompanharia até Kinloss, Begira me dissera. Não acreditava em tudo o que estava me acontecendo. Aquela situação precisava ter alguma explicação, mas eu resistia a pensar que não fosse um sonho, a verdade era que quando anoitecia minha vida trocava, via a chama de luz que me transportava a uma época passada, que significado teria? Begira se empenhava em me avisar do perigo que eu corria. Mas de qual perigo ela falava? Explicou-me que eu deveria usar uma roupa de rapaz e que Aldan Macrae jamais deveria suspeitar que minha identidade não fosse a que eu tentaria aparentar. Não falaria com ninguém que não fosse ela e me afastaria dos olhares do jovem guerreiro para que ele não me reconhecesse.

Naquela manhã decidi procurar novamente a anciã que sonhava comigo e me fizera aquelas revelações, eu precisava encontrar alguma explicação.

Entrei na ruela escura e estreita do dia anterior. Observei à distância, a porta da loja, estava aberta, passei e observei que tudo estava desordenado e inclusive havia objetos no chão. O que acontecera?

— Olá! Há alguém aí? — Eu gritei. Ninguém me respondia.

Nesse momento a anciã apareceu pálida e despenteada e

observei que mostrava arranhões em uma das mãos.

— Deve sair daqui o quanto antes lady Katherine. — Outra vez aquele nome, eu não entendia por que ela se empenhava em me chamar assim.

— O que aconteceu?

— Ele está procurando você.

— Ele? Quem é ele?

— O homem escuro, aquele que deseja sua morte e quer a parte do manuscrito que está em seu poder.

— Compreenda que não sei do que você está falando.

— Querida, aquele homem tem a capacidade de atravessar o Portal dos Homens. Os antigos druidas já falavam de um feixe de luz que comunicava dois mundos de dimensões e épocas diferentes. Nem todas as pessoas podem transpassar o portal, somente os escolhidos. Você é uma delas, mas aquele homem também. Ele sabe que você é a mulher que carrega o manuscrito. Não sei nem como conhece sua identidade, nem como chegou até aqui, mas é perigoso e nos olhos dele está o desejo de sangue.

— Está me assustando.

— Precisa ir para Inverness, depois deve viajar até Kinloss. Lá você encontrará as respostas que procura. O manuscrito deve ser levado para terras escocesas. Eu tentarei estar com você na outra época...

— Na outra época...?

— Sim, essa é a viagem que ambas faremos, em paralelo, duas dimensões, dois mundos, duas épocas... deve ser assim. Vá à capital das Highlands e organize sua viagem para

encontrar uma explicação a tudo o que está acontecendo. Leve com você o manuscrito, a pedra e o colar da cruz de David. Agora... parta, ele pode estar por aqui.

— Mas não pode me dizer isto e me expulsar sem dizer mais nada. Preciso de respostas. Não entendo o que está me acontecendo!

— Não posso lhe dizer nada, você precisará encontrá-las lady Katherine. Quando chegar o momento você tomará uma decisão que mudará o rumo de sua vida. Descobrirá o sentido para tudo o que está lhe acontecendo. Mas para isto, não confie em ninguém, não revele seu segredo.

— Hum...! — eu comecei, mas ela não permitiu que eu continuasse lhe perguntando.

— Faça o que eu lhe disse e parta senhorita, aqui corre perigo.

Saí da loja. Não entendia nada, olhei para todos os lados, não havia ninguém. Saí dali apavorada. Como iria para Inverness? Eu pensei. Estávamos em junho e poderia tirar férias, mas ir sozinha não me emocionava. Eu comentaria com Sara, seguramente ela se animaria a ir. Fazia muito tempo que estava insistindo em que deveríamos fazer uma viagem, sozinhas.



Rodrigo estava na sala de estar me esperando. Seu rosto estava sério, intui que ele estava zangado. Depois dos

acontecimentos eu pouco havia prestado atenção a ele.

— Já era hora de que você aparecesse por aqui — disse Rodrigo.

— Estive muito atarefada com um novo projeto para as crianças da escola — menti.

— Mas ao menos poderia ter respondido às minhas chamadas ou ao WhatsApp.

— Tem razão. Sinto muito.

Caí desabada no sofá, estava esgotada. Ele se aproximou para me dar um beijo e eu me esquivei. A verdade é que fazia muito tempo que não sentia nada por ele. Seu caráter dominante e possessivo havia provocado que pouco a pouco fosse me desiludindo até o amor, que inicialmente sentia por ele, desaparecesse. Agora somente sentia carinho, e era consciente que deveria ser sincera com ele, embora nesse momento eu não gostasse de enfrentar a discussão que sabia que aconteceria com o término de nossa relação. Sara entrou nesse instante e foi minha salvação. Ele, ao vê-la, decidiu partir, ambos, não se davam nada bem. Quando vi que Rodrigo fechava a porta e desaparecia, suspirei. Minha amiga me olhou e se sentou a meu lado.

— Quando vai dizer-lhe que não quer continuar com ele?

— Logo.

— Logo? Isso é uma resposta? Ele é uma pessoa que não te faz feliz, já a vi mais vezes discutir com ele do que feliz e animada para desfrutar uma tarde com seu namorado. Quanto antes dê o passo melhor.

— Você iria comigo à Escócia? Para Inverness? — Troquei

de assunto. Sara abriu os olhos, olhava-me aturdida e sem reagir.

— Inverness?

— Sim, às Highlands. Às Highlands.

— Pois sim, é claro! — Ela disse com um grande sorriso. Já sabe que sempre senti curiosidade pelo que aqueles escoceses têm debaixo de suas saias.

— Sara! — Ri com a imaginação de minha amiga.

VII

Era a primeira vez que Hernes estava nervoso. Nunca em sua vida sentira medo por nada, nem por ninguém, mas intuía que algo não ia bem. Era noite e a névoa apenas deixava a abadia aparecer. Hernes deixou seu cavalo pelos arredores e avançou sigilosamente até à porta de entrada, ela se abriu somente ao tocá-la, estavam esperando-o. Ali estava um magro frade, de olhar frio.

— Chegou tarde.

— Eu disse que hoje estaria aqui, mas não especifiquei em que momento, — respondeu Hernes olhando ao homem que estava à sua frente.

O frade se virou e guiou Hernes pelos frios e escuros corredores do lugar. Atravessaram o corredor. Hernes podia sentir o cheiro de pão recém assado que, da cozinha, invadia grande parte dos acessos à abadia. Antes de entrar no claustro, o frade se virou com rapidez para observar pelo canto do olho o encapuzado que andava atrás dele, voltou a reatar o passo. O gotejar da água fez com que Hernes se centrasse na fonte que havia no centro daquele lugar. O frade se deteve em frente à porta que dava passagem à igreja. Ambos se dirigiram ao interior. O frio do lugar fez Hernes estremecer, seu olhar se fixou nas três velas vermelhas que havia no altar, a única

luminosidade daquele lugar. Em seguida o viu. O frade se aproximou do cavaleiro ajoelhado em frente à grande cruz de madeira, que estava pendurada na parede, sussurrou-lhe algo no ouvido e partiu. Hernes ficou à espera de algum movimento por parte do homem que estava ajoelhado. Em seguida notou que a espada dele estava no chão e não havia tirado as luvas, suas botas estavam manchadas de barro recente, com aquilo Hernes soube que não fazia muito tempo que ele estava ali. O cavaleiro se benzeu e se ergueu, virou-se para ficar de frente para ele, e Hernes viu seu olhar de ódio. Simón de Monfort agarrou sua espada e avançou lentamente.

— Ele está aqui — Ele disse.

— Sei — respondeu Hernes.

— Então, o que está esperando para trazê-lo diante de mim? Sabe o que quero dele. Aquele sanguessuga do York nos traiu.

— Eu sou o primeiro interessado em pegar aquele bastardo — respondeu Hernes.

VIII

— Onde está o rapaz? — Eu perguntei para Begira, que saía rapidamente das quadras. Ela se sobressaltou ao escutar minha voz.

— Ele... está descansando, senhor.

— Descansando? Quero vê-lo! Esta noite partiremos e desejo conhecer o rapaz que preciso proteger com minha vida.

Begira baixou o rosto, estava nervosa.

— Ele é um rapaz frágil. A luz prejudica a sua saúde, por isso descansa pelas manhãs e pelas noites se faz visível; não obstante, durante o dia será melhor que se esconda para não ser visto pelos que o perseguem. — Olhou-me com atenção enquanto os dedos de suas mãos se entrelaçavam.

— Por favor, mulher! Nem que fosse uma frágil dama!

— Senhor, eu rogo, respeite seus costumes e não tente alterá-los. Pelo bem de todos. — Dito isto ela se afastou correndo às cozinhas.

Eu não entendia nada. Podia compreender que fosse melhor começar a viagem durante a noite, sempre se passava mais despercebido, inclusive que ninguém pudesse ver o rapaz, mas, tanto mistério e segredo em torno dele fazia com que eu sentisse curiosidade. Por outra parte, o conde Dunnottar e sua filha haviam partido de madrugada, eu não havia me despedido

da jovem, aquela mulher!... Havia algo nela diferente das outras. Nesse momento apareceu Lezley, ela me viu e correu com rapidez para onde eu estava, não a esperei, continuei andando até onde estavam meus homens, precisava falar com Murdor e com os demais. Sabia que estavam ajudando o padre Lean na capela, já que, devido às fortes chuvas, uma parte do telhado se desprendeu.

— Aldan! — Gritou Lezley.

— O que quer moça? — Detive-me.

— Que bom que você ainda não partiu! Queria vê-lo antes que se fosse. Quando retornará?

— Não sei Lezley. Preciso falar com meus homens. É algo importante o que tem para me dizer?

— Amo você, Aldan. — Ela se aproximou de mim, ficou nas pontas dos pés, abraçou-me e me beijou nos lábios.

Afastei-a.

— O que está fazendo mulher?

— Mas Aldan, antes você gostava de me beijar.

— Lezley, sabe que nunca foi assim. Era você que me beijava, eu não respondia a nenhum de seus beijos, e mais, nunca lhe dei esperanças de que pudesse sentir algo por você.

— Sempre pensei que chegaria a me amar e que acabaria se casando comigo.

— Nunca a enganei, sempre lhe disse a verdade e sabe disso. Nunca me casarei com nenhuma mulher. Desculpe-me moça, mas agora preciso ir com meus homens.

Afastei-me dela, era uma jovem que sempre estivera obcecada comigo. Suspirei.

Murdor e Brod estavam no telhado, Balgair e Ailbert estavam tendo uma discussão com o padre Lean; o sacerdote me olhou.

— Finalmente! — Ele disse vindo para mim com os braços estendidos para o céu. — Aldan, preciso que diga a estes dois brutos que eles devem ser responsáveis por suas ações, e como os vejo rondando as jovens sem intenção de formalizar a relação com elas, vou forçá-los a se casar. — Olhou a ambos. — Vou falar disto com Fionnla.

Balgair e Ailbert me olharam com expressão de súplica.

— Padre, não é necessário que fale com Fionnla sobre este assunto, prometo-lhe que repreenderei estes dois sobre o comportamento deles.

— Assim espero moço, porque senão, ver-me-ei na obrigação de tomar providências no assunto.

O padre Lean se foi à horta que estava perto da capela, grunhia e movia a cabeça de um lado para outro. Sorri, apesar de ele ser um velho rabugento, possuía um bom coração.

— Ora, ora, ora! — Balgair e Ailbert riram ao mesmo tempo. Coloquei-me em frente a eles.

— Caso voltem a estar com as jovens, eu mesmo os obrigarei a casar.

— Isso você não pode fazer, Aldan! Além disso, elas não se negam a estar conosco — disse Balgair.

— Mas pertencem a nosso clã, e se a honra delas for manchada vocês precisarão responder perante o laird, vocês sabem disto.

Nesse momento Murdor descia do telhado.

— Finalmente já está acabado! Aquele velho resmungão... espero que fique contente com o trabalho que temos feito.

— Murdor, esta noite partiremos — Eu lhe disse. Assentiu.

— Partir? — Perguntou Brod.

— Sim — não questione o motivo de minha marcha. — Meu orgulho me impedia de me justificar diante de meus homens, eu mesmo me envergonhava daquilo, qualquer um podia acompanhar um rapaz e eu me zangava de precisar ser eu a fazer isso.

Balgair e Ailbert se adiantaram e os três se posicionaram diante de mim e de Murdor com os braços na cintura.

— Por que não podemos ir com você? — Disse Balgair.

— Não posso levar mais de um homem, chamariamos muito a atenção.

— Pois eu não o entendo — respondeu Brod.

— A ordem do Dragão está atrás do assunto que tenho entre as mãos e Murdor é aquele que mais conhece esse grupo. Preciso de vocês aqui. Os homens de Simón de Monfort podem visitar meu pai e vocês terão que protegê-lo, ele está muito doente.

— Aonde se dirige? — perguntou Ailbert. Observei que ele ficava nervoso ao ouvir mencionar Simón de Monfort.

— Para Kinloss. Não devem dizer a ninguém para onde vou.

Já havia anoitecido e o rapaz e Begira ainda não haviam aparecido. Fui ver meu pai, mas antes disse para Murdor que procurasse os dois, tínhamos que partir já. Sabia que Fionnla estava na torre, estava muito fraco e temia que a qualquer

momento ele pudesse morrer. Subi a grandes pernadas pelas escadas e bati à porta com energia, não esperei que ele me permitisse entrar. Fionnla estava de costas à entrada da estadia, observando pela janela que havia em frente a ele.

— Quando parte? — Ele me perguntou.

— Assim que encontre o rapaz e a mulher que o acompanha.

— Tome cuidado. — Ele se virou para ficar de frente para mim. — Assegure-se que o jovem chegue à capela e entregue o manuscrito ao frade, sua parte do manuscrito também deve ser entregue.

— Sim, não se preocupe que tudo será feito como você me ordena. Logo estarei de volta. — Virei-me para partir.

— Espere Aldan. — Ele se aproximou de mim e pousou sua mão sobre meu ombro. Olhou-me com intensidade nos olhos. — Filho, Monfort é muito ardiloso, tem olhos em todas as partes e sua ambição e maldade são desmesuradas.

— Fique tranquilo, pai, estive em situações piores. — Coloquei minha mão sobre a dele, surpreendeu-me seu gesto já que era a maior amostra de carinho que ele me dera desde que nasci. — Ele baixou seu rosto e se virou me dando as costas e observando pela janela.

— Sabe que estou muito doente. O juramento de ontem na realidade foi deixar claro que você é o novo laird do clã e a fidelidade que me prometeram é um ato que também se estende a você, filho.

— O que está querendo me dizer, pai?

— Que a partir de hoje você é o laird do clã Macrae.

Amanhã reunirei todos os homens e anunciarei, igualmente farei os clãs amigos conhecerem. — Fez uma pausa e respirou. — Estou morrendo, Aldan.

— Mas... pai! — Aproximei-me dele, mas ele se afastou de mim, não queria nenhuma amostra de carinho de minha parte. — Agora parta e cumpra com seu dever e obrigação. — Ele sempre havia demonstrado frieza e falta de sentimentos para mim. Não queria continuar falando comigo. Afastei-me dali, magoado por sua falta de carinho e por suas palavras.

No pátio de armas estavam me esperando Murdor com Begira e o rapaz. Era a primeira vez que o teria perto, os dois estavam diante de uma carroça. Murdor estava montado em seu cavalo e segurava as rédeas do meu. Aproximei-me do rapaz, o qual tentava ocultar o rosto com o capuz de sua capa.

— Olhe para mim! — Eu lhe ordenei. Ele virou o rosto, lentamente e eu quase não conseguia distinguir bem seus traços, estava com o rosto sujo de fuligem, por que estava assim? Chamava mais a atenção. — Como se chama?

— Rob — Ele respondeu.

— Muito bem, Rob, a partir deste momento seguirá minhas ordens. Não quero que fale com ninguém e não deve fazer nada sem meu consentimento. — O jovem assentiu. Era um pouco estranho, magro e com extremidades delicadas e frágeis. Uff! Olhando-o intuía que a viagem se tornaria muito longa.

Murdor me observou enquanto eu subia a meu cavalo.

— Um pouco estranho este rapaz, Aldan — Ele me disse. E rimos.

— Esperem! — Parei, era o padre Lean.

— Vou com vocês. Eu também preciso chegar a Kinloss.

Corria com dificuldade até à carroça onde estavam a mulher e o jovem. Sua proeminente barriga lhe dificultava avançar mais depressa.

— Rapaz! — disse para Rob. — Fique mais atrás, eu irei à frente com a Begira.

Rob obedeceu ao padre e se escondeu na parte traseira da carroça. Eu não acreditava no que estava acontecendo, não só escoltaria aqueles dois, mas, também, agora se somava o sacerdote.

— Já podemos partir — disse o padre.

Aproximei-me dele.

— E isto é o quê? Ninguém me disse que você também viria.

— Jovem Macrae, não faça perguntas porque eu não vou dar nenhuma explicação, e agora, em marcha! — Ele disse segurando as rédeas do cavalo. Eu suspirei.

— Muito bem, padre, mas deve me obedecer a todo o momento.

— Farei, farei...

Coloquei-me ao lado de Murdor, levantei os ombros em sinal de desespero.

— Somam-se os problemas, Aldan. — Murdor me piscou o olho. — Ora, ora, ora!

Empreendemos a viagem, meu amigo ia atrás da carroça e eu diante dela. A noite era fria e úmida apesar da época em que estávamos. Olhei para trás e já não se distinguia a torre do castelo, intuía que transcorreria bastante tempo até que

retornasse a meu lar outra vez. Se meus cálculos não falhassem, em uma semana poderíamos estar em Kinloss, eu estava disposto a fazer poucas paradas; além disso, o jovem e a anciã dormiriam no interior da carroça durante o dia e Murdor e eu costumávamos descansar poucas horas, o problema era o padre Lean, ele poderia nos atrasar e fazer com que a viagem se alongasse para mais de sete dias. Havia algo que me preocupava o bastante, a passagem por Inverness, sabia que ali poderíamos nos deparar com nossos inimigos: os MacDonald, embora seus soldados estivessem por todo o território, uma topada com eles desembocaria em uma briga.

IX

Begira me olhava sem pestanejar, ela ainda não abrira a boca e isso já era de preocupar. Nas poucas ocasiões que estive com ela sempre me recriminava por meu comportamento ou me comentava o que precisávamos fazer. Eu não prestava atenção porque tentava compreender o que estava me acontecendo. Tentava me convencer de que eram somente sonhos, mas sabia que não era assim. Logo que o sol se escondia no horizonte uma luz branca me cegava e eu era transportada para uma época onde a brutalidade e a falta de humanidade, reinavam no ambiente, um lugar onde eu era lady Katherine e devia chegar até Kinloss com um manuscrito que me fora entregue. Mas o pior de tudo e o que me exauria eram os fatos da minha vida real: Aquela mulher, estranha e com dons sobrenaturais, desaparecera, e também me identificava como lady Katherine; um desconhecido me perseguia e eu devia ir até Inverness para encontrar uma explicação para tudo o que estava acontecendo. Em Inverness! E o que haveria lá, eu pensei. Não sabia por onde começar, nem o que fazer. A única pessoa que podia me ajudar havia evaporado. E ali estava eu, vestida de rapaz com um bruto e autoritário escocês, o amigo dele e um sacerdote.

A carroça parou com brutalidade. Observei Begira que

nesse momento havia desviado seu olhar. O amigo do escocês abriu a lona que nos isolava do exterior.

— Devem descer da carroça, precisamos cruzar o rio.

Observei o escocês que respondia pelo nome de Aldan, temia que me reconhecesse como a jovem com a qual ele havia dançado na noite do juramento, embora fosse difícil, Begira sujara meu rosto de propósito e me camuflara sob uma malha horrível e uma túnica que me chegava até as coxas e ocultava meu pescoço, por cima disto uma incômoda cota de malha que cobria meu corpo e por último o capacete que ocultava meu cabelo, recolhido em um coque baixo que Begira fazia com muito esmero; e ainda me entregara uma capa para me resguardar do frio.

Fixei-me disfarçadamente no laird do clã Macrae, na noite anterior seus bonitos olhos cor mel me chamaram a atenção, grandes, com um olhar penetrante, que contrastavam com o tom dourado de sua pele e seu cabelo castanho, fosco, que caía até o pescoço. Era forte e muito alto, impressionou-me sua natureza hercúlea, eu não era uma mulher alta e a corpulência dele, suas mãos largas e seus fortes braços quando me agarraram me fizeram estremecer. Nenhuma mulher se sentiria indefesa com um homem assim, eu pensei.

Observava seus movimentos ágeis e atléticos, era extremamente atraente. Falava com um camponês em gaélico, pelo que entendi através de seus gestos, pedia um barco e uma espécie de plataforma feita de troncos de madeira para os cavalos e a carroça.

— Conhece-o? — Sobressaltei-me. Era o sacerdote que nos

acompanhava. Surpreendi-me, ele não falou comigo em gaélico.

— Não — respondi.

— Pois qualquer um diria que sim, juvenzinho. Olha para ele com um grande interesse. — Abaixei o rosto, envergonhada, precisava ser mais cuidadosa, ninguém devia suspeitar que eu fosse uma mulher. — Fique tranquilo, pois eu conheço seu segredo, rapaz, Begira me contou. — Meus olhos devem ter expressado minha surpresa diante de suas palavras. — Ora, ora, ora! Não me olhe assim, tampouco é um pecado. Se não entender o gaélico não é sua culpa, ou melhor, é a culpa de seu pai por se casar com uma inglesa e permitir que ele lhe ensinasse somente o idioma inglês. — Eu me senti aliviada ao escutar suas palavras, por um momento pensei que tudo viria abaixo. — Agora sim, rapaz, quando aquele bruto, — disse apontando para Aldan com o dedo, — se der conta de que você não é quem ele acredita que é... não vai gostar nada, quando ele se zanga tudo o que está a seu redor treme, mas você não se preocupe que eu a defenderei, — ele me disse me piscando um olho.

Vi-o se afastar, o padre Lean me causara boa impressão, seus olhos expressavam bondade. Ele se aproximou de Aldan e lhe sussurrou algo ao ouvido, ambos me olharam e Aldan colocou as mãos à cabeça. Depois veio com passos rápidos para onde eu me encontrava, Begira também deve ter visto, pois em seguida se posicionou a meu lado.

— Então você é meio inglês? — Eu assenti. — Uff, era o que me faltava!

— Já está pronto o barco, Aldan — disse Murdor.

— Muito bem, subam todos, devemos cruzar à outra margem o quanto antes. A névoa cada vez é mais espessa.

Ele se afastou para preparar os cavalos, não iria no barco. Melhor, pensei, por mais atraente que me parecesse, seu olhar de desprezo para mim aumentava; assim, eu preferia que ele estivesse longe, intimidava-me e isso eu não consentiria.

O padre Lean remava com agilidade.

— Deixe-me ajudá-lo, padre — eu lhe disse.

— Não, uma jovem nunca deve fazer coisas que correspondem aos homens, — ele disse com um sorriso em seu rosto. Begira ia falar, mas o sacerdote não permitiu. — Agora que estamos longe daqueles dois brutos posso me expressar. Fionnla e eu nos reunimos antes que partíssemos, ele sabe que você é lady Katherine, querida, mas é um segredo que devemos manter, se aquele bruto do Aldan soubesse que você é uma mulher, seu comportamento protetor em sua volta faria com que seus inimigos descobrissem em seguida quem você é. Procuram você, suspeitam que seja a portadora do manuscrito, quem tem as chaves para encontrar as relíquias de Santo André, roubadas e escondidas faz muito tempo. — Ele suspirou. — Este é o motivo pelo qual maltratam a nossa gente, o rei inglês diz que somos nós, os escoceses, quem roubamos o que pertencia à coroa e à igreja. São falácias que somente possuem uma finalidade: roubar nossas terras e fomentar o ódio entre os escoceses e os ingleses. Por esse motivo eu a acompanho, Fionnla me pediu isso, já que teme que as maneiras toscas de seu filho a ofendam, juvenzinha, e porque necessitam um aliado que conheça sua identidade se por acaso em algum

momento surgirem problemas. Alguém como eu que vele por vocês e as guarde durante seu descanso matinal.

— Padre, se alguém souber que ela é a filha do conde Dunnottar a matarão — disse Begira.

— Sei... pode ficar tranquila, moça, que ninguém saberá sua identidade.

— Obrigada, padre — eu lhe disse.

— Simón de Monfort e os cavaleiros do Dragão a procuram — disse Begira. — Sabem que carrega uma parte do manuscrito.

— Sim, mas eles procuram uma jovem, não um rapaz. — Sorriu.

As águas escuras do lago estavam tranquilas e isso permitiu que o padre avançasse remando a grande velocidade até que chegamos à outra margem. Ficamos esperando. Em seguida eles chegaram e se uniram a nós, Murdor montou seu cavalo com grande agilidade, Begira e o padre Lean na carroça e eu estava envolvida com a paisagem, alheia a todos eles, parecia-me tão estranho estar ali... Não havia nenhuma das casas de minha época, nem nada que me aproximasse do século XXI. Era bem real o que eu estava vivendo, sentia a umidade em minha pele, tudo era autêntico, não era um longo pesadelo que fosse terminar a qualquer momento. O bruto escocês rompeu minha intimidade, agarrou-me pela mão e me levou a tropeções até a carroça, levantou-me como uma pluma e empurrando meu traseiro me introduziu no veículo.

— O que houve rapaz inglês? Além de não falar gaélico também é surdo? — Estava zangado, mas eu não entendia o porquê.

— O que está fazendo, lady Katherine, não pode chamar a atenção assim. Ele estava lhe dizendo que subisse na carroça e você, ali, sem ouvir, perdida em seus pensamentos. Corre um grave perigo, quando vai se conscientizar disso! — Admoestou-me Begira.

Apenas prestei pouca atenção às palavras da anciã, nesse momento a única coisa que me irritava era em como aquele bruto se atreveu a me tocar no bumbum. Quem ele acreditava que era? Não consentiria que ele me tratasse daquela forma.

— Bárbaro escocês — Eu sussurrei.

— Como? Uff! O que vou fazer com você! Não escutou nada do que eu lhe disse, continua em seu mundo — disse a anciã, resignada.

Estava muito cansada, logo amanheceria e eu sempre temia não retornar a minha época. Precisava contar a alguém o que estava acontecendo. Seria bruxaria? Devia falar com um sacerdote, mas... com quem? Fazia tempo que havia me desvinculado da igreja, mas necessitava que me dissessem o que estava acontecendo.

— Senhorita, precisa se preparar e esconder-se com as peles, logo vai amanhecer. Você deve dormir, já sabe ao que me refiro — disse-me Begira.

— A que se refere? — Eu lhe perguntei. Por acaso ela sabia que eu viajava no tempo? Era isso a que se referia?

Não me respondeu, a luz ofuscante explodiu como outras vezes me fazendo perder a consciência e controlando meu ser até me tirar a capacidade de todos meus sentidos.



— Mónica, Mónica! — Era a voz de Sara atrás da porta. — Está bem? Está dormindo há muito tempo.

— Sim, estou bem, agora sim. — Que bem me sentia em meu lar! Toquei meus lençóis, meu travesseiro. — Já saio — respondi.

Levantei-me, olhei-me no espelho. Meu Deus! Era a primeira vez que me olhava. Toquei meu rosto, estava sujo de fuligem com a qual Begira me pintara. Nunca havia acontecido, quando eu retornava a meu mundo não trazia nada comigo com exceção da pedra, o manuscrito e o colar que a anciã me deu, mas desta vez meu rosto estava sujo, outro sinal, a mais, de que tudo o que acontecia era real. Fui ao banheiro que havia em meu quarto e lavi o rosto com sabão.

— Quer sair já! — Gritava Sara.

— Sim, já vou. — Abri a porta. Minha amiga sorria. — O que houve, Sara?

— Já tenho os bilhetes para ir a Inverness! Vamos no sábado, então já podemos ir preparando as malas.

Já não me lembrava, Sara havia se entusiasmado com a ideia de viajar as duas juntas até à capital das Highlands e para Kinloss.

— No sábado? Depois de amanhã!

X

Juan de York olhava a todos os que estavam sentados junto a ele, ao redor do fogo, enquanto devorava a parte de pão e de queijo que estava em suas mãos. Sabia que eles tinham curiosidade de saber quem ele era e por que viajava com alguns ciganos afastando-se dos caminhos principais. Ele lhes dera somente uma bolsa com moedas de ouro como intuito de que pudesse acompanhá-los até Inverness, lá precisaria se dirigir, ao lugar santo situado na colina de São Miguel, acreditava que a chave havia sido enterrada pela Santa Columba, no cemitério próximo à igreja da colina. Sempre lhe disseram que eram lendas, mas ele intuía que não era assim, depois de ter estado na França soube que a Santa esteve em Inverness, pregando, e também descobriu que um mistério envolvia a vida dela: escondia uma chave que segundo a lenda abria todas as portas que levavam a um tesouro guardado pela igreja, um segredo que se ocultou à humanidade pela Santa Sede. Daquilo não havia dados nem detalhes e que somente foi revelado a poucos, entre eles à Santa, a quem foi dito que o escondesse em um lugar seguro. Ele estava disposto a se apossar daquela chave, que na realidade era o documento sagrado, sabia que quando se fazia referência a esta, do que se falava realmente era do manuscrito que continha a chave para se chegar às relíquias

do Santo, as quais todos ansiavam encontrar, sobretudo a ordem do Dragão.

Notou que um jovem o olhava com interesse, ao cruzar com o olhar do abade, o rapaz se levantou e se afastou do restante deles. A noite estava fria e úmida. Ele precisava descansar, já que depois de muitos dias caminhando com aqueles ciganos finalmente chegaria a Inverness.

XI

— Precisamos parar Aldan. Os cavalos estão exaustos. Precisam beber e descansar — disse Murdor.

— De acordo, faremos uma breve parada.

— Deveríamos descansar, olhe para o pobre sacerdote, está pálido!

— Murdor, todo o tempo que ganharmos é bom para nossa missão. Quero deixar a esses dois o quanto antes em Kinloss.

— Observei a carroça. — Eles são muito estranhos — Ele disse.

— A verdade é que são — respondeu Murdor. — O jovem aparece somente à noite e aquela mulher não permite que ninguém entre na carroça durante o dia. O que eles carregam entre as mãos? O padre Lean os protege e defende a todo o momento.

— Sim, por isso quanto antes deixemos aos três, mais cedo poderemos nos liberar desta carga.

Paramos ao lado de um rio. Ainda faltava um dia para chegar a Inverness. O sacerdote desceu da carroça, tocava com ambas as mãos suas nádegas.

— Rapaz! Vai nos matar com tão poucos descansos. Dói-me o traseiro — disse o padre aproximando-se de onde eu estava.

— Padre Lean, você é quem quis nos acompanhar e até

que não cheguemos a Kinloss vai ser uma viagem dura. Terá que aguentar.

— Uff! Nota-se que corre sangue dos Macrae por suas veias. Teimoso... — Ele se foi resmungando à parte de trás da carroça, dali saiu Begira.

— E o rapaz? Ele também precisa comer para estar forte e aguentar a viagem — eu lhe disse.

— Já sabe senhor, Rob descansa durante o dia.

— Sim, sei, mas deverá trocar seus hábitos. — Estava disposto a despertar aquele jovem. Dava-me a sensação que com tanto amparo o tornavam fraco, incapaz de se defender senão atrás das saias de mulher. Que vergonha! Eu pensei.

Caminhei a grandes passadas à carroça, Begira se interpôs em meu caminho.

— O que pretende senhor? Seu pai lhe deu umas indicações precisas em relação aos hábitos de Rob e ao que você deveria fazer.

— Sim, sempre e quando esses hábitos não interferissem no percurso. Não podemos nos adaptar continuamente a que durma durante o dia e esteja ativo durante a noite. Outros não podem seguir seus costumes, devemos descansar, embora seja algumas horas durante a noite e aproveitar o dia para avançar. Não vou permitir que nos atrase durante a viagem por causa desses hábitos!

— Sei senhor, mas ele...

Afastei-a com cuidado de meu caminho, nesse momento escutei gargalhadas atrás de mim.

— Ora, ora! Quem temos aqui? Se não é o primogênito dos

Macrae.

Conhecia aquela voz. Virei-me com rapidez, queria estar cara a cara com meu inimigo.

— Roy Macdonald! Parte se não quiser que eu lhe corte o pescoço — eu lhe disse.

— Ora, ora, ora! Está em terras que não lhe pertencem.

— Nem a você tampouco.

— O que equivocado está, Macrae! Estes são nossos caminhos, nossos bosques e terras.

— É terreno neutro — eu disse categoricamente.

Apareceram seis homens saídos da mata, rodearam-nos, coloquei com rapidez minha mão no cabo de minha espada, um Macdonald nunca me intimidava. Eram mais que nós em número, mas isso não era um problema para mim. Murdor ficou a meu lado.

— Tranquelize-se, Macrae, vou somente ver o que esconde dentro dessa carroça, tenho curiosidade. — Begira interrompeu seu passo. Ele a afastou com um empurrão e eu a agarrei para evitar que caísse por causa da brutalidade ao afastá-la. — Nem pense! — Eu gritei. Tentei impedi-lo, mas três de seus homens me rodearam com suas espadas.

— Deve ser algo muito valioso para mostrar tanto interesse.

Roy afastou o tecido que ocultava o interior, depois de alguns segundos voltou a me olhar. Aproximou-se de mim com lentidão.

— Ali dentro não há nada, nem ninguém, não sei a que vem tanto mistério. — Ele gargalhou. Fixei meu olhar em

Begira. Nesse momento apareceu o padre Lean.

— Pode-se saber o que acontece aqui? — Repreendeu-os.

— Fique calmo padre, já íamos, e o fazemos porque sabemos que há ingleses rondando e nós não gostaríamos de nos deparar com esses indesejáveis. Caso volte a encontrá-lo em meu caminho, Macrae, sintase morto!

— O mesmo eu lhe digo, Macdonald — eu lhe respondi.

Seus homens embainharam suas espadas e partiram com rapidez. Fixei meu olhar em Begira, ela baixou seu rosto, estava claro que escondia algo. No interior da carroça não havia nada, nem ninguém, isso era o que havia dito Roy. Sem mediar palavra me dirigi para lá, eu precisava averiguar o que estava acontecendo. Onde está o rapaz?

— Aonde acredita que vai, Aldan? — disse Lean.

— Vou ver o que há aí dentro — respondi com firmeza.

— Não, deixe-o. O rapaz está descansando. Devemos ir já. Há ingleses perto. Não escutou ao Macdonald?

— Sim, ouvi-o, mas agora há algo que me preocupa mais.

— Aldan, devemos ir. Acabo de escutar cavalos perto — disse Murdor.

Ele estava certo, nesse mesmo instante eu também os ouvia.

— Vamos! Mas depois terão que explicar o que aconteceu — eu disse assinalando o padre Lean e Begira.

Precisávamos nos afastar dali, temia que se fossem ingleses pudessem ser soldados de Simón de Monfort, isso seria a pior coisa que poderia acontecer depois de nos encontrar com os Macdonald.

Estávamos muito próximo a Inverness, já havia anoitecido. Passaríamos a noite no monte São Miguel, poderíamos nos esconder, já que perto estava o cemitério e a pequena igreja de madeira. O lugar ideal para não nos encontrarmos com ninguém. O povo do lugar era muito supersticioso e temia os cemitérios e arredores, sempre falavam das almas errantes. Detive meu cavalo, desmontei e fui a grandes passadas à carroça. O que Roy dissera continuava me rondando a cabeça, sabia que ele não mentiria naquilo. Olhei para Begira e para o padre Lean que seguiam meus passos com atenção. Abri o tecido que ocultava o interior da carroça e ali estava o rapaz, observava-me assustado. Eu não entendia nada.

— Saia da carroça! — disse-lhe com firmeza. O jovem me observou, assustado diante da ordem que eu lhe dava. Aquele olhar, aqueles olhos me resultavam familiares. Escrutinando o rapaz, naquele momento me dava a sensação que o conhecia. — Rob, esse é seu nome não é verdade? — Ele assentiu. — Não quero que se afaste daqui, pode ser perigoso. Entendeu? — Voltou a assentir. — Será que você não sabe falar? — Eu perguntei.

— Deixe-o já, Aldan — ordenou-me o padre Lean.

Em seguida Begira se aproximou do rapaz e ambos se afastaram do meu lado sentando-se junto à fogueira que Murdor havia preparado. Observava-o, queria saber de onde o conhecia. Begira e Rob falavam em sussurros, eu não conseguia escutar frases completas, somente palavras soltas.

— O que acontece, Aldan? Parece-me que está obcecado

com o Rob — disse-me Murdor.

— Não reparou que Roy disse que não havia nada, nem ninguém dentro da carroça? Se Roy tivesse visto o rapaz o teria tirado para fora embora fosse somente para divertir-se um pouco o ridicularizando. Assim é Roy Macdonald, já o conhece, frio, calculista e muito cruel com os fracos.

— Aldan! — Gritou o padre Lean, ele estava no rio, levantei-me e fui para o lugar onde ele me indicava.

Surpreendi-me ao ver o sacerdote descontrolado e pálido, seus olhos expressavam pânico.

— Posso saber o que houve padre?

Ele não respondeu somente me assinalou o lado do rio. Lá eu o vi, um dos homens de Roy estava morto, tinha uma ferida de arma branca no coração. Observei para todos os lados e então os vi muito próximos ao primeiro cadáver, jaziam mortos Roy e todos seus soldados. Haviam sido assassinados com crueldade. Aproximei-me deles, estavam frios, já estavam mortos há muito tempo.

XII

O que estava acontecendo? Eu estava enlouquecendo, era um pesadelo interminável. Havia anoitecido e já estava outra vez naquele lugar, nas imediações do monte São Miguel, em Inverness.

Fazia quatro dias que tínhamos chegado à capital das Highlands e nessa noite eu me encontrava naquela colina, a qual era conhecida com o nome de monte de São Miguel, ali se elevava a igreja Old High St. Stephen. Nessa mesma manhã, enquanto Sara foi em uma excursão organizada à ilha de Skye, eu inventei uma desculpa para ficar na cidade. Estive na biblioteca e em seguida vi os símbolos da pedra que estava em meu poder, pude ler a frase que havia ao lado deles, eu notei que no cemitério próximo à igreja de Santo Estêvão, em algumas tumbas antigas, se encontravam aqueles símbolos; além disso, houve algo que me chamou a atenção, os frades que residiram ali possuíam uma chave que custodiava o grande segredo das misteriosas relíquias desaparecidas de Santo André, aquela chave foi dada a Santa Columba, que pregou ali, para que ela a escondesse, mas ela foi assassinada e não se sabe o que aconteceu com a chave, segundo o livro, estava escondida no cemitério.

Nesse momento decidi ir para aquele lugar, mas tudo se

complicou e me perdi. Cheguei pela tarde à colina, daquele lugar se contemplava toda Inverness, fiquei maravilhada. Observava o rio que atravessava ambos os lados da cidade, unida através de majestosas pontes. Respirei, que paz! Tive a sensação que o tempo parava e nada do que eu havia vivido acontecera. Entrei no cemitério. Comecei a procurar entre as tumbas alguma que me desse uma pista que fosse a da Santa, tarefa difícil, havia muitos turistas. Parei para observar as tumbas mais antigas do lugar santo, deviam se encontrar na parte menos visível. Dirigi-me à área escondida onde se observavam lajes antigas com inscrições em gaélico. Senti frio e levantei o olhar para observar o céu, logo chegaria a noite e com ela meu calvário e desconcerto. Então eu o vi, um homem alto, forte, com uma capa negra e um capuz ocultando seu rosto, observava-me da distância, percebi que suas vestimentas eram pouco habituais para nossa época, olhei com rapidez a meu redor e eu ainda estava em minha época. Ele começou a caminhar para onde eu estava. Suas mãos estavam com luvas negras e por debaixo de sua capa aparecia a ponta de uma espada, assustei-me. Vinha direto a mim, eu não conhecia as intenções dele e não estava disposta a averiguar. Dei meia volta e caminhei com rapidez, notei sua respiração muito perto de mim, virei-me e o vi tão próximo que me intimidou, seu rosto era indistinto, mas seus olhos azuis, pequenos, frios expressavam ódio, agarrou-me pelo braço com força, machucando-me.

— Solte-me! — Eu gritei. — O que quer? Quem é você?

Não me respondeu, tentava me arrastar para o arvoredos

que estava nas imediações do cemitério. Armei-me de coragem, já que me via arrastada sem poder fazer nada, dei-lhe um chute na tíbia com todas as minhas forças e pude fugir dele. Corri à área onde havia muitos turistas, precisava sair daquele lugar, fui à estrada, mas antes de fazê-lo olhei para trás, para ver se me seguia, sim, ele estava ali, cruzei a estrada sem olhar e foi nesse momento que perdi a consciência, não sei o que ocorreu, não me recordava, nem sequer vi o resplendor de todas as noites; e outra vez me encontrava ali, com aquele bruto e insolente escocês, seu amigo Murdor, o padre Lean e Begira. Havia transpassado uma porta dimensional, invisível, que estava no espaço esperando que eu passasse através dela para se fechar, sem eu ser consciente daquilo.

— Está pálida, lady Katherine — sussurrou Begira. — O que aconteceu, encontra-se ruim?

Menos mal que o escocês partiu para o rio com o padre Lean e depois o amigo de Aldan fora com eles. Eu não suportava seu olhar de desprezo para mim. Ele conseguia me acender e me irritar, acreditava-se invencível, era um mandão e só dava ordens. Estava acostumado a que todo mundo o obedecesse sem pigarrear. Uff. Quanta vontade eu tinha de lhe dizer tudo o que pensava sobre ele! Embora tivesse que reconhecer que seu olhar frio, desafiador, e o quanto era grande e forte, me intimidava e me fazia sentir diminuta e insignificante, mas eu não estava disposta a que ele soubesse o que sua presença provocava em mim.

— Não se preocupe Begira, encontro-me bem. Gostaria de esticar um pouco as pernas — eu lhe disse. Reconheci aquela

colina, era a mesma em que havia estado tão somente alguns segundos atrás. Precisava encontrar o cemitério, naquela época seria muito mais fácil localizar a tumba da Santa. Levantei-me.

— Não pode se afastar, já ouviu o que o senhor lhe disse. — O olhar da mulher era de preocupação.

— Preciso Begira. Não se inquiete que em seguida estarei de volta. Ele não se dará conta de minha ausência. — Eu lhe pisquei um olho.

— Ele vai se zangar e precisamos que nos leve até Kinloss.

— Acalme-se. — Tentei acalmá-la com meu sorriso, mas ela continuava mantendo a tensão e angústia em seu rosto.

Entrei sigilosa entre o arvoredo, em seguida vi a igreja de madeira, pequena e muito diferente à construção atual, fiquei assombrada diante da mudança que eu observava. A erva bem cortada da Inverness atual nem se comparava com os musgos e arbustos que ocultavam as tumbas no futuro. Dirigi-me à zona onde eu havia visto aquele homem, ainda tremia de medo diante da situação que eu havia vivido. Na maioria dos túmulos não havia nada, somente um abaulamento do terreno, mas me dei por conta da cruz de madeira que havia em uma delas. Fui para lá, observei a cruz, abaixei-me para estudá-la com atenção, não havia nenhuma inscrição, nem nada que me fizesse acreditar que aquela era a tumba da Santa, mas o que sim era certo é que era a única que continha uma cruz. Nesse momento notei como algo agudo pressionava minhas costas.

— Pensava que poderia me enganar? — Era uma voz masculina, rouca e muito grave, deu-me um calafrio só de escutá-la.

— Quem é você? — perguntei.

— De mim você não pode zombar. Sei seu segredo assim como o de todas elas. Sabia que viria ao cemitério procurando a chave, mas isso são lendas. A chave na realidade é o manuscrito que você tem em seu poder.

— Elas? Não sei a que se refere.

— Sua vestimenta de rapaz não me despista, reconheceria você em qualquer lugar, com qualquer traje. Ponha-se de pé! — Ele ordenou. Obedeci. — Agora, vire-se devagar, quero observar o medo em seus olhos. — Não tinha intenção de me mover, mas ele pressionou com a força meu braço e me obrigou a fazê-lo.

Estava em frente ao mesmo homem que fazia alguns segundos me perseguira no cemitério. O que estava acontecendo? Quem era ele? Esse ser sinistro também estava nas duas épocas, era a ele que se referia a pitonisa.

— Quem é você? — Perguntei-lhe.

— Ora, ora, ora! Perguntas sou eu quem faz bastarda.

— Acredito que se confunde... — Não me deixou terminar.

— Acredita que sou tolo, lady Katherine? — Seus olhos desprendiam fogo de raiva. — Vai morrer, mas antes tem que me dar o documento que esconde.

— Não sei a que se refere.

— Sim, claro que sabe! Se não o fizer, vou matar sua amiga.

Sara! Referia-se a ela? Nesse momento senti medo e preocupação por ela. Chegaria de sua excursão e nem sequer me encontraria. Ela se preocuparia. Eu devia ter lhe deixado uma nota antes de ir ao cemitério. Sim, certamente que ele se

referia a ela.

— Ora..., parece que agora sim ficou calada. Seria uma pena que sua amiga, uma jovem tão bonita, desaparecesse de repente.

— Não sei o que pretende.

— Já lhe disse que eu não gosto que me tomem por tolo. — Aproximou seu rosto do meu, observei que parte de sua face estava com marcas de queimaduras. O aspecto era horrível. Ele colocou a ponta de sua espada sobre meu pescoço. — Você decide, ela ou você. — Uma grande gargalhada saiu de sua garganta.

— Não vai precisar decidir nada. Solte-o! — Era Aldan. Apesar de que aquele guerreiro não me impressionara desde o começo, eu precisava reconhecer que me alegrava vê-lo naquele momento. — Já disse que o solte!

— Não o farei! Se tentar me atravessar com sua espada morrerá.

O homem me empurrou com brutalidade e caí ao solo dando um bom golpe na cabeça. Aldan e ele chocavam os fios de suas espadas com força e violência, fazendo um ruído seco cada vez que ambas as armas se encontravam.

— Vá embora daqui! — Ele me gritou. — Vá para o acampamento, Rob!

Levantei-me tonta pelo golpe, notei como doía meu braço e depois o quadril. O homem se virou ao escutar Aldan e me ferira para evitar minha fuga. Meu Deus! Senti uma grande dor, por um impulso coloquei minha mão no quadril, o sangue fluía sujando minha roupa, eu estava tonta.

— Maldito! — Escutei Aldan dizer quando feriu o homem em seu antebraço.

Nesse momento o escocês, com grande mestria, lançou a espada do bandido pelos ares, ele o havia deixado indefeso. Eu estava desfalecendo, sentei-me no chão, as forças me abandonavam. Escutei a voz de Murdor, o guerreiro olhou para Aldan e depois para mim.

— Matarei você, maldita! — Ele me disse. Vi-o se afastar e desaparecer entre o arvoredo.

Murdor se aproximou de onde estávamos.

— Siga-o ordenou Aldan, preocupado se aproximou de mim. — Deixe-me ver essa ferida. — Começou a me desabotoar o colete, mas eu precisava evitar, ele se daria conta então que era uma mulher, a mesma que dançou com ele. Resisti. — Posso saber o que está acontecendo? Preciso ver essa ferida. — Levantei-me como pude e resisti, mas ele me imobilizou com grande agilidade, no esforço por me desfazer de seus braços o capacete caiu para trás deixando ver o coque que Begira havia feito. Ele me olhou surpreso e desabotoou rapidamente o colete ficando a descoberto a camisa metálica que se ajustava a meu corpo e não dissimulava meus seios. Desfez meu coque. — É uma mulher! A filha do conde de Dunnottar! — Seu rosto ficou desfigurado de raiva. — Por isso eu tinha a sensação de que a conhecia. Mentiu! — Seu grito soou temível.

— Eu precisava ocultar minha identidade, eles procuravam uma mulher — disse o que repetidas vezes escutara Begira dizer. Quase não possuía forças para falar, estava tremendo de frio, ele se deu conta disso.

— Eu exigirei uma explicação mais tarde, agora vamos curar essa ferida. — Fechou-me os cordões do colete e me colocou o capacete para ocultar meu cabelo. Agarrou-me nos braços. As forças me abandonavam, a ferida era muito profunda, e o sangue saía aos borbotões.

Escutava distante a voz de Aldan, falava com Murdor, mas eu já não entendia o que diziam, falavam em gaélico e, além disso, minha lucidez e sentidos foram diminuindo pouco a pouco.

XIII

Enquanto Hernes fugia, ele repetia uma e outra vez que mataria também o escocês, sabia que ele era o primogênito dos Macrae e que já liderava o clã por causa da enfermidade de seu pai. Nunca ninguém o havia desafiado como ele e muito menos ferido, ele era bom com a espada, forte, via-o como um guerreiro desumano e feroz na batalha, seria difícil acabar com sua vida. Já sabia onde e com quem ela estava. Estava certo de que eles iriam para Kinloss, ele escutara da bruxa que o acompanhava. Lá eles se encontrariam, mas desta vez ele os surpreenderia, agarraria o manuscrito e os mataria, a ambos. Bom..., a jovem seria levada à ordem do Dragão onde Simón de Monfort se ocuparia dela, mas, ele seria torturado com lentidão até que em seu corpo não restasse nenhuma gota de sangue. Entrou pelo bosque e se perdeu na escuridão deste.

Enquanto isso, muito perto dali, Juan de York observou como numerosos soldados de Simón de Monfort atravessavam o bosque: antigos templários que se uniram à ordem do Dragão para receber favores do rei da Inglaterra em troca de informação valiosa do rei escocês e seus clãs mais fortes, para assim atentar contra eles. Estes guerreiros, liderados pelo conde, atravessavam o rio em direção às Highlands. Observou que levavam dois reféns, uma velha e um sacerdote. Escondeu-

se entre as árvores e analisou cada movimento. Intuíu que iriam à abadia de Kilwinning.

XIV

Por um lado, eu estava raivoso e muito zangado com ela por ter me mentido! Eu odiava a mentira. Por quê? Não parava de repetir; embora não pudesse negar o fato de que me agradasse que fosse lady Katherine, e aquele sentimento me enfurecia. Como podia me alegrar de estar com ela? As mulheres só traziam problemas e complicações para um guerreiro; além disso, eu nunca havia permitido que uma jovem, embora fosse tão bonita quanto ela, ocupasse meus pensamentos. O que mais me martirizava era que a rebelde dama se introduziu em minha mente logo após eu conhecê-la. Uff! Grunhi alto. Mas naquele momento ela estava ferida e era muito grave, deveria esquecer de meu orgulho e me concentrar nela. Sabia que a ferida provocada por aquele mal-nascido era profunda, a moça havia perdido muito sangue. Eu devia conter a hemorragia, sabia como fazê-lo, já que havia aprendido nas batalhas, embora sempre houvesse curado homens e, ela... era uma mulher. Maldita seja! Eu gritei, não podia tirar sua camisa metálica como faria com um soldado.

— Aldan! — gritou Murdor. Então voltei a mim.

Só estavam ali, os cavalos de Murdor e o meu, não havia rastro, nem da carroça, nem do padre Lean, nem de Begira. Parecia que se travara uma grande batalha, a fogueira estava

apagada e os ramos dispersos pela área. Além disso, os restos das peles de animais que havia no interior da carroça estavam atirados no chão.

— Meu Deus! O que aconteceu? — Murdor me olhou, e tocou com sua mão direita o cabo de sua espada.

Os rastros de cavalos e as marcas das rodas da carroça estavam recentes na terra úmida. Ainda podia haver alguém nas proximidades à espera que nós chegássemos.

— Murdor, olhe se tem alguém rondando pelos arredores, preciso deter a hemorragia, a jovem está gravemente ferida.

— A jovem? — Repetiu Murdor me olhando atônito.

— Sim, nosso Rob resultou ser uma mulher. É a filha do conde de Dunnottar.

— Mas...

— Sei o mesmo que você, amigo. Agora necessito que vigie os arredores enquanto tento curá-la. Está perdendo muito sangue.

Murdor, antes de partir, estendeu uma das peles de animal no chão para que eu pudesse apoiar Katherine. Tirei a cota de malha e rasguei sua camisa interior. Fui ver onde a ferida estava. Observei-a, estava muito pálida, comecei a me preocupar, por nada no mundo ela poderia morrer. Sem pensar duas vezes desatei os cordões de seu colete, até que a camisa metálica ficou descoberta. Meu Deus! Exclamei em voz alta. O sangue tingia suas roupas, a ferida estava nas costelas, justamente sob o seio, rasguei a camisa com supremo cuidado, ela se remexeu e abriu os olhos com dificuldade.

— O que está fazendo? — Ela sussurrou com voz fraca. —

Nem lhe ocorra!

— Sinto muito, mulher, mas não há mais remédio que fazer isto. Fique calma que não verei seus encantos — eu lhe disse.

Rasguei somente a parte debaixo do seio. Limpei como pude o sangue que se grudava a sua pele e pressionei com uma parte de tecido a ferida. Passados alguns minutos eu a endireitei e apoiei sua cabeça sobre meu peito para começar a fazer uma bandagem. Quando terminei amarrei o espartilho e a tapei com meu tartan. Sua testa estava ardendo. Nesse momento apareceu Murdor.

— Não há ninguém, Aldan. — Olhou-a. — Como está?

— Tem muita febre. Se não for tratada logo a ferida se infectará, se é que já não o está. Precisamos chegar até alguma aldeia próxima.

— Mas... A moça nesse estado não pode viajar! — Disse Murdor preocupado.

— Pois precisamos fazê-lo, ou nos arriscamos ou ela morre. E não vou permitir que mora. Irá comigo, em meu cavalo.

— Não entendo nada... — Murdor movia a cabeça enquanto montava em seu cavalo.

— Agora não é momento de procurar explicações, Murdor. Vamos!

Meu amigo me ajudou a montá-la com supremo cuidado, seu corpo se apoiava sobre meu peito. Agasalhei-a com uma das peles, ela tiritava. Aproximei-a de meu peito e a agasalhei com meus braços e meu tartan para que sentisse calor e

deixasse de ter frio. Tendo-a tão perto, dei-me conta de sua fragilidade, senti necessidade de protegê-la, sentia-a minha. Não permitiria que ela morresse. Sua segurança era minha responsabilidade e eu havia falhado nisso.

Não sei quanto tempo estivemos cavalgando em direção ao norte até que, finalmente, encontramos uma aldeia, era muito tarde. Fazia muito frio e havia um pouco de névoa. Não havia ninguém perambulando por ali. Golpeamos a porta de uma das cabanas, uma mulher, anciã, abriu. Olhou-nos e se fixou em Katherine.

— Meu Deus está sangrando! — Ela disse sem deixar de observá-la. — O que aconteceu? — perguntou esperando uma resposta.

— Necessito de um lugar onde possa curá-la, um lugar quente — eu exigi.

Nesse momento saiu um homem da cabana.

— O que acontece aqui?

— Necessitam de um lugar...

Não precisou que ela continuasse o homem em seguida se deu conta do que acontecia.

— Mulher, eles são Macrae, note suas cores. Nós somos amigos dos Macrae.

— O ferido pode ficar aqui, vocês terão que se arrumar nos estábulos. Amanhã veremos onde colocá-los — disse a mulher.

Murdor seguiu o homem para os estábulos. Eu baixei a moça com supremo cuidado, estava fria e pálida e eu assustado como nunca estive em minha vida, cheguei a pensar que a perderia. Segui a mulher. A cabana era pequena, possuía

uma sala ampla e ao redor dela duas peças, guiou-me para uma delas. Era quadrada, com uma cama estreita.

— Deite-o aqui — ela disse assinalando a cama, — tire as roupas dele.

— Não posso, é melhor que você o faça. — Observava-me com desconcerto. — É uma mulher.

— Uma mulher? — Disse com assombro.

— Sim, embora esteja vestida de homem.

Saí do aposento e me sentei em uma cadeira de madeira.

A mulher saiu transcorridos alguns minutos e ficou de frente para mim.

— É muito grave, a ferida se infectou.

— Sei.

— Foi você quem lhe enfaixou a ferida.

— Sim.

— Imagino que seja seu marido.

Em seguida eu soube ao que ela se referia: uma mulher decente não podia ser tocada, nem vista em roupa interior e ainda menos o que eu fiz, romper a camisa metálica deixando sua pele descoberta. Para mim não fazia sentido, nesse momento só queria salvá-la e qualquer protocolo absurdo de atuação seria deixá-la morrer. Sabia que devia mentir, nenhuma mulher decente permitiria que uma que não fosse estivesse em sua casa, os aldeões eram muito rígidos nesses assuntos, carregavam muitas tradições e superstições; sendo assim eu sabia que o mais correto era mentir.

— Sim, é minha esposa.

— Então, se o desejar, pode passar a noite ao lado de seu

leito. Agora vou ferver água e jogar um pouco de sumo de alho, isso ajudará a cicatrizar e desinfetar a ferida. Enquanto isso coloque panos de água fria na testa, precisamos lhe baixar essa febre. Está ardendo!

Entrei no aposento, ela estava tapada com um lençol de linho. Havia uma parte de tecido branco ao lado de um recipiente de madeira com água fria. Molhei o pano e o pus com suavidade sobre a testa dela. Estava muito pálida.

— Não, não pode ser! Onde estou? Não é minha época. Isto é um pesadelo! — Ela disse inconsciente, movendo a cabeça de um lado para outro.

O que significaria aquilo que ela não parava de repetir? Eu pensei.

— Fique calma está a salvo — eu sussurrei, mas minhas palavras não a reconfortavam. Movia-se demais e estava muito quente.

Entrou a aldeã, colocou outro recipiente de madeira sobre a mesa, observei que molhava naquele líquido que cheirava a alho uma parte de tecido branco. Virou-se para me olhar.

— Será melhor que espere lá fora — ela me disse. Sabia que afastaria o lençol de linho para lhe enfaixar a ferida.

— Sim — eu respondi.

Resultava-me impossível ficar sentado, movia-me de um lado para outro em frente a fogueira, nesse instante entrou o marido da anciã na sala.

— Seu amigo e seus cavalos já estão acomodados no palheiro. Nora me disse que o estado de sua esposa é muito grave, mas não se preocupe, ela possui mãos que saram tudo o

que tocam. Por favor, sente-se, senhor. — Notei que o homem me olhava com interesse. — Ultimamente os ingleses estão irrompendo em nossas terras de forma violenta. Recentemente, um grupo de homens dos Macdonald se reuniu em nossa aldeia, estavam preocupados com a invasão de soldados ingleses nas Highlands. Sequestram nossas mulheres, crianças e tudo que os agrada. Eles comentavam que estabeleceram uma aliança com o rei que nos lidera, Robert Bruce, ele se vendeu aos ingleses. Esses soldados desumanos são liderados por um conde..., um tal... Monfort, ou algo assim.

Nesse momento meu coração começou a pulsar com celeridade, sabia a quem ele se referia, a Simón de Monfort, um maldito inglês que a única coisa que queria era poder, além de ser o primeiro inimigo de Katherine e meu.

— Quando os Macdonald estiveram aqui? — Perguntei-lhe.

— Faz três ou quatro dias.

— Disseram para onde se dirigiam?

— Sim, senhor escutei-os falar da abadia de Kilwinning.

Por seus rostos tensos e pálidos intuí que algo grave aconteceria lá, um acontecimento que deviam parar o quanto antes possível.

Estava convencido que se tratava de Roy e seus homens, já mortos. Quem os teria matado? Havia algo estranho em todo esse assunto. Depois estava o desaparecimento de Begira e o padre Lean, não havia rastro deles. Minha cabeça explodiria, o que no princípio parecia algo fácil e simples estava ficando muito complicado. Meu pai devia me ter dito que quem viajaria comigo era a jovem, e que a mesma levava a outra parte do

manuscrito secreto. Por que ele não me teria colocado a par daquilo?

Passou muito tempo até que Nora apareceu na pequena sala. Estava suando e com as mangas arregaçadas. Olhou em meus olhos.

— Sobreviverá. — A expressão de meu rosto deve ter refletido minha alegria.

— Mas devo lhe dizer que na próxima vez não permita que sua esposa use roupas de homem, confundirão e lutarão com ela como se fosse um guerreiro.

— Mulher! Ele é um chefe Macrae, não deve lhe dizer o que fazer. — O marido, que respondia pelo nome de Tom, fixou seu olhar em mim. — Desculpe-a, custa-lhe muito controlar sua língua.

— Ela tem razão, foi uma imprudência. — Nora se sentiu satisfeita com minha resposta.

Fui até palheiro com Murdor. Sentei a seu lado, estava me esperando.

— Como ela vai? — Perguntou.

— Viverá — respondi.

— Pode me explicar o que está acontecendo?

— Se eu soubesse... — Tapei meu rosto com ambas as mãos. — Não sei por que meu pai não me disse que se tratava da jovem Dunnottar. Há algo nessa mulher que me resulta estranho. Mas isso não é o pior, Murdor, Tom me disse que os Macdonald estiveram aqui faz alguns dias. Dirigiam-se a Kilwinning, pelo visto falaram da traição de nosso rei, e o apoio que este tem de alguns ingleses dispostos a trair a seu rei

inglês. Atrás de tudo isto está Simón de Monfort, é o líder daqueles homens e o chefe de um grupo secreto, adivinhe: a ordem do Dragão.

— Aquele homem! Precisamos acabar com ele. Vamos para Kilwinning!

— Sim, iremos, mas antes devo deixar a jovem na abadia da colina de Kinloss, precisamos colocá-la a salvo. O inglês se enamorou dela, ou ao menos isso me disse meu pai, na celebração do juramento. Se ele a encontrar imagine o que fará com a jovem. Depois encontraremos o padre Lean e Begira.

— Aldan, quem os levou são os mesmos que mataram Roy e seus homens.

— Sim. — Fez-se um silêncio. — Bom, Murdor, agora a garota é minha esposa.

— Como? Ora, ora, ora! Sua esposa?

— Sim, minha esposa. Fui forçado a dizer àquela mulher que o era, já sabe como são os aldeões e seus costumes...

— Muito bem, pois a partir de agora lady Katherine é uma Macrae. Ora, ora, ora! Além disso, na realidade já a cobriu com seu manto. Ora, ora, ora! — Fulminei o Murdor com o olhar, não permitiria que ele zombasse de mim sobre esse assunto.

Não dormi bem durante a noite, os primeiros raios de sol iluminavam o interior daquele lugar. Levantei-me, decidi sair dali, precisava respirar. Nora estava recolhendo ovos do galinheiro. Estava mal-humorada.

— Senhor, deve dizer a sua esposa que não se levante. Esta manhã eu entrei no aposento e ela não estava na cama. Deve lhe fazer entender que é muito grave.

— Onde ela está? — A verdade é que Katherine era um pouco estranha, diferente das outras mulheres. Por que se levantaria? E ainda mais em seu estado.

— Na cama, mas é teimosa. Sabe o que me respondeu? Que não me prometeria que não voltaria a desaparecer. Tem que repreendê-la como marido que é.

— Não se preocupe, falarei com ela.

— Ela se nega a comer. Está pálida e muito fraca e não sarará se não se alimentar. Ainda é grave, embora a febre tenha baixado.

Observei-a, recolhia os ovos e ao mesmo tempo arrancava as folhas e caules de plantas que cresciam perto do galinheiro. Entrei no interior da cabana.

— Veja se ela come o que lhe deixei sobre a mesa — ela gritou.

— Obrigado, Nora.

— Não me agradeça jovem Macrae.

Estava zangado com a atitude da jovem. O que ela pretendia? Por que havia saído? A porta do aposento de Katherine estava aberta, respirei profundamente e fui direto a repreendê-la. Surpreendi-me, estava muito pálida e mantinha o olhar perdido em direção à única janela que havia no ambiente, sua expressão era triste e quase nem se alterou diante de minha presença. Fechei a porta e me coloquei aos pés da cama, cruzei meus braços sobre meu peito e a olhei com interesse.

— Por que você levantou? Está muito machucada, não devia tê-lo feito. — Ela continuava em silêncio, sem se mover e quase sem pestanejar. — Posso saber por que não me

responde? — Nesse momento ela virou seu rosto, observei que suas bochechas estavam úmidas, estivera chorando, esta descoberta me fez sentir compaixão pela jovem embora não tenha demonstrado.

— Eu queria comprovar se já era dia. E Begira e o padre Lean?

— Eles... não estavam quando retornamos do incidente no cemitério. Estou convencido de que os ingleses os capturaram. — Olhou-me surpreendida.

— Vai os buscar não é verdade? — Ela me perguntou em tom de súplica. Rogava aquilo, ou isso me pareceu.

— É o que quer que eu faça Katherine?

— Sim, por favor...

— Farei, mas não volte a desobedecer a Nora. — Ela nem sequer me respondeu e voltou a virar seu rosto e fixar seu olhar à janela. Incomodava-me que ela não falasse comigo. — Preciso lhe dizer algo. Nora, a mulher que está curando-a, bom... ela... é uma mulher de tradições. Pensa que você é minha esposa e eu não neguei. Assim, a partir de agora, enquanto estivermos nesta aldeia você é a mulher de Aldan Macrae. — Ela não se alterou diante de meu comentário. — Você me escutou? Não tem nada a dizer?

— Sim, escutei — ela disse sem me olhar. — Por favor, agora que já me disse tudo o que precisava me dizer, peço-lhe que me deixe sozinha.

Ignorou-me e sua atitude me incomodou. Estava muito preocupado com ela, eu sabia que ela estivera chorando e sua expressão era de tristeza. Intrigava-me. O que Katherine

escondia? Meu pai deu a entender que ela era nossa salvação,
mas... o que significaria isso?

XV

Nada fazia sentido, eu notava como minha alma se debatia entre a vida e a morte. As forças me abandonaram e a dor era forte. Nessa manhã não havia retornado a minha época. Por quê? Não parava de me perguntar, o que havia acontecido? Eu não queria ficar ali. O que significava? Já não retornaria mais para meu século, ficaria presa nessa época de bárbaros? Não podia evitar que as lágrimas rolassem por minhas bochechas e que a tristeza, naquele estado e situação, tivesse inundado minha alma. Por quê? Por acaso se pode procurar uma explicação ao que é inexplicável para a mente humana? Não me conformava, não queria, nem podia ficar ali, eu não pertencia a esse lugar, eu não era capaz de aceitar e superar a tristeza que invadia todo meu ser. Precisava encontrar a chave de tudo, o manuscrito e a pedra me levariam à resposta que poderia devolver a minha vida. Iria para Kinloss como me dissera a pitonisa, possivelmente, se fosse lá e devolvesse o que não me pertencia, poderia retornar à minha época. Sim, precisava me agarrar a algo, necessitava.

— Pode-se saber o que lhe acontece? A que vem essa cara tão triste? Devia estar agradecida ao Senhor por tê-la salvo da morte. — Observei a mulher gordinha que entrara no aposento, ela esquentava o local e largava uma espécie de bacia e panos

brancos de linho. — Vamos ver essa ferida.

Retirava-me os panos já secos de todo meu corpo com muito cuidado. Observava-a, e fazia com muito cuidado para evitar que doesse.

— Bom, isto já tem melhor aspecto. — Lubrificou-me com uma espécie de pasta verde na qual havia restos de folhas de plantas. — Agora precisa me ajudar, moça. Sei que dói, mas pressione com força sobre a ferida enquanto eu faço outra bandagem. — Obedeci. — Está pronto. — Olhou-me e sorriu, eu lhe devolvi o gesto.

— Obrigada Nora.

— Não precisa agradecer moça. Você também tem feito muito, possui uma natureza forte. — Recolheu os panos sujos e me olhou, de pé, de frente para mim. — Tem sorte, juvenzinha, seu marido esteve muito preocupado e cuidando de você, nota-se que está muito apaixonado e, acredite em mim, não é muito habitual ver um Macrae com tantos cuidados com sua esposa.

Ela partiu do local. Meu marido muito apaixonado? Não pude evitar esboçar um sorriso. Se ela soubesse! Pensei alto. Levantei-me, apesar das dores e da debilidade que sentia não podia ficar quieta, sabia que devia me esforçar para me recuperar. Nesse momento a porta voltou a ser aberta, era outra vez Nora.

— Mas... se pode saber o que faz? Precisa se deitar.

— Obrigada Nora. Não posso continuar deitada, preciso me mover.

— Deite-se, por favor, trago-lhe o café da manhã.

— Eu gostaria de tomá-lo onde vocês tomam o café da

manhã, não quero ficar sozinha.

— Uff! Não pensará em sair assim? Precisa de roupa de mulher. Seu marido já me explicou por que estava com as vestimentas de um rapaz. Uma jovem nunca deve usar roupa de homem porque senão a atacam como aconteceu com você.

— Obrigada — eu lhe disse enquanto ela desaparecia resmungando.

Apareceu em questão de segundos com um vestido de lã e o tartan de Aldan, ficou em frente a mim e começou a tentar me tirar a camisa, eu me afastei. O que ela pretendia? Eu sabia me vestir sozinha.

— Posso saber o que você pensa? Vai voltar a abrir a ferida.

— Posso me vestir sozinha obrigada. — Olhou-me estranhando diante meu comentário.

— Nota-se que a febre a afetou. Este vestido era de minha filha, eu acredito que ficará bem, ela era mais ou menos, igual a você. — Entendi que não a deixar me ajudar seria uma afronta, então aceitei. Realmente eu necessitava de ajuda e me doía o lado onde estava a ferida. — Seu marido me deu seu tartan para que o coloque por cima, a manhã é úmida e fria.

— Seu tartan? Não, não precisa. — Não queria usá-lo, aquele homem me importunava e eu não desejava colocar nada que pertencesse a ele. Nora estava atônita mediante minha resposta.

— Que esposa não quer usar as cores de seu marido? — Olhava-me sem nem pestanejar. — Além disso, não sei se sabe que Aldan Macrae não só é conhecido por ser um dos laird

mais temidos de todas as Highlands. Ninguém quer se encontrar com ele, e menos ainda, declarar guerra a seu clã. Pois como lhe dizia, não só é conhecido por sua valentia e ferocidade, mas também pelo atraente e cotizado que está, bom... estava, entre as escocesas solteiras, dos clãs amigos dos Macrae. Tem sorte, juvenzinha, de ter sido a agraciada a se casar com ele. — Sorte! Eu pensei. Era o que faltava!

— Ele também teve sorte de se casar comigo — eu respondi. Nora preferiu não me responder e concentrou-se em me vestir, mas estava claro que minha resposta a havia contrariado. Troquei de assunto.

— Onde está sua filha, Nora? — Seu semblante mudou e ao vê-la me arrependi de ter feito aquela pergunta.

— Está morta. — Ambas guardamos silêncio. Depois de alguns segundos ela continuou falando. — Um Macdonald a matou, por isso nesta aldeia não é bem-vindo nenhum homem pertencente àquele clã, embora tenhamos que atendê-los quando se instalam em nossa aldeia para evitar que façam mal a algum de nós.

— Sinto muito, Nora.

— Você me recorda ela. Milred era muito bonita, como você. Seu problema era que paquerava muito, eu a repreendia muito frequentemente, mas ela era jovem e nunca me escutava. Um dia, o laird dos Macdonald, junto com vários de seus guerreiros, apareceu em nossa aldeia, nós pertencemos aos Mackenzie e trabalhamos em suas terras, os Macdonald e os Mackenzie se odeiam e chegaram para nos tirar tudo o que possuíamos. Nossos homens os enfrentaram, mas em seguida

eles, com suas armas, encurralaram-nos e foi quando o irmão do chefe do clã Macdonald se fixou em Milred, abusou dela e depois a matou. — As lágrimas apareceram por seu rosto. Abracei-a e consolei como pude.

— Sinto muito — eu lhe disse.

— Obrigada moça. Fica muito bem com o vestido, agora sim você parece o que é, uma mulher muito bonita. — Colocou-me o tartan de Aldan. — Venha à cozinha, o café da manhã já está na mesa e seu marido se alegrará de vê-la em pé.

— Sim, meu marido... — eu disse com ironia. Nora levantou uma de suas sobrancelhas ante o tom de minha resposta. — Claro que se alegrará — continuei para suavizar o tom anterior, ela não devia suspeitar que tudo era uma mentira.

Nora se foi e eu esperei alguns segundos antes de segui-la, depois atravessei a soleira daquela porta, ali, em uma mesa de madeira colocada no centro do local estavam o marido de Nora, Aldan e Murdor. Todos me olharam surpresos, em especial Murdor, que me observava sem nem piscar. Ao me ver com o tartan dos Macrae, esboçou um sorriso. Aldan não expressou nenhum tipo de reação, era como se fosse totalmente indiferente, ficou de pé e cruzou seus braços sob seu peito. Visto assim era muito atraente, sua grande estatura, sua compleição forte e seu belo rosto o fariam irresistível perante qualquer mulher, claro, menos a mim, eu pensei. Não suportava a forma depreciativa como ele me olhava, suas ordens constantes. Quem ele pensava que eu era? Um de seus soldados aos quais dirigir a sua vontade? Irritava-me somente

com sua presença e, apesar de que seus bonitos olhos cor mel me resultavam irresistíveis, sua maneira de se comportar comigo me fazia sentir desprezo por ele. Eu precisava encontrar o momento para fazê-lo ver que eu não era sua marionete.

— Agora sim parece uma mulher, não como você a trazia vestida de homem — resmungou Nora enquanto colocava alguns pãezinhos recém feitos sobre a mesa.

— Sim, muito melhor assim — disse Aldan sem esboçar nenhum sorriso.

— Sente-se, querida, ao lado de seu marido — disse a anciã.

Avancei devagar, estava tonta e não queria cair de bruços diante dos homens. Aldan deve ter intuído pois me agarrou com força pela cintura e me ajudou a sentar.

— Obrigada — eu lhe disse.

— Não devia ter se levantado, senhora — ele me disse chateado.

Nora ficou olhando.

— Não posso acreditar que um Macrae trate sua esposa com tanta cerimônia, isso eu nunca vi.

— Ora, ora, ora! — Murdor riu. Aldan o olhou magoado.

— Ainda não nos conhecemos muito — respondeu o escocês.

— Ora, ora, ora! — Murdor voltou a soltar uma grande gargalhada. — Nem se conhecem, nem ainda tiveram sua noite de bodas.

O olhar de Aldan era de raiva para seu amigo.

— Isso não pode ser! Que desgraça! — disse Nora surpresa.

— Não, não é nenhuma desgraça, Nora, na realidade chegamos ambos a um acordo. Impuseram-me casar com ele, mas eu não o amo, não o conheço. Devemos esperar até estar nas terras do clã de meu marido para ter nossa noite de bodas. Não é assim, esposo meu? — Aldan se engasgou diante de minha pergunta. Lançou-me um olhar desafiante, sabia que estava magoado com meus comentários.

— Moça! Como pode falar assim com seu marido? — Disse a aldeã surpreendida.

Nesse momento é que me dei conta que havia metido os pés pelas mãos. Murdor havia ficado com a boca aberta sem acreditar no que havia escutado; o marido de Nora não afastava seu olhar do pãozinho que pegara, por medo de ver a reação de Aldan; e, este último, observava-me com raiva, eu sabia que aquele comentário me traria consequências.

— Por favor, podem nos deixar sozinhos? Preciso falar com minha esposa.

Ninguém pigarreou, todos se levantaram e desapareceram do local.

— Posso saber o que você pretende? — Ele disse zangado.

— Não entendo por que me pergunta isso.

— Como não entende? Deixou-me em evidência. Nenhuma mulher ousaria dizer isso para um homem e menos ainda ao chefe dos Macrae. Iriam repreende-la no mesmo instante com um castigo — ele disse enfurecido.

— Tampouco eu disse algo que possa ofendê-lo. Não estou casada com você e não o amo, portanto não menti. Além disso, a culpa é sua, como lhe ocorreu tratar sua esposa por senhora?

— Eu a proíbo que volte a fazer esse tipo de comentários — ele ordenou. Diante daquela insinuação não pude me conter. Endireitei-me e me coloquei na frente dele, sua estatura e envergadura se impunham, de fato retrocedi para não ficar muito perto dele, o escocês se deu conta desse pequeno detalhe. Desenhou-se em seu rosto um meio sorriso que me irritou ainda mais, sentia-me em desvantagem perante aquele gigante com olhar frio e expressão zangada.

— Ninguém me proíbe de nada, Aldan Macrae!

— Pois não volte a fazer esse tipo de comentários ou terei que repreendê-la.

— Nem tente, — eu disse lhe dando as costas com a intenção de me afastar dele e me colocar no aposento, mas nesse momento senti uma dor forte nas costelas que me fez estremecer e perder o equilíbrio. Ele evitou que eu caísse ao chão. Seus braços rodearam minha cintura, agarrou-me nos braços e me levou à cama. Estando tão perto daquele guerreiro meu coração pulsava de maneira acelerada. Por que esse homem provocava essas reações em mim? Eu resistia a aceitar que adorava estar entre seus braços. Um calafrio percorreu todo meu corpo e eu rezava para que ele não notasse como meu corpo reagia diante de sua presença e contato. Além disso, ele cheirava tão bem!

— Você é teimosa, não devia ter se levantado, ainda está fraca, a ferida não fechou e até recentemente estava bastante febril. — Deixou-me com suavidade sobre a cama e se sentou a meu lado. — A partir de agora nos trataremos carinhosamente, ao menos enquanto estejamos aqui e dure esta farsa. Assim

que você se recuperar partiremos para Kinloss, mas precisa se alimentar para estar forte pelo caminho — tudo o que ele me disse soou como uma ordem.



Já havia passado uma semana desde a última vez que falei com Aldan, ele evitara ficar perto de mim. Nora pensou que era sua forma de me repreender pelo comentário que fiz, embora eu não entendesse muito bem sua atitude. Desde que me feriram não voltei a retornar à minha época, algo que me fazia abatida, triste e desconcertada.

Todas as manhãs eu percorria a pequena aldeia, seus habitantes me observavam com interesse, mas se recusavam a falar comigo. O chefe da aldeia estava a maior parte das vezes reunido com Aldan e Murdor, eu os via preocupados embora sempre se reunissem em uma das cabanas onde deixara Murdor e Aldan se alojarem enquanto estivéssemos ali. Como Aldan se negou a passar as noites e os dias comigo, algo que em certa maneira agradeci, os aldeões se afastavam também de mim, porque pensavam que eu fizera algo para que o laird renunciasse a ficar comigo. Todos seguiam seu exemplo à exceção de Nora e seu marido que sempre me diziam que passaria e que os aldeões temiam os Macrae e por isso imitavam sua forma de agir.

Sentia falta de minha rotina, o colégio, os alunos e inclusive as tutorias com os pais, algo do qual eu jamais pensei

que sentiria saudades. Surpreendia-me que ali, as crianças, trabalhassem em tarefas que competiam aos adultos, quase não os via brincar e muito menos serem instruídos na leitura e escritura, somente trabalho e treino para ser um bom soldado. Indignava-me ao observar aquilo, perdiam sua infância. Observei como uma menina de uns quatro anos colhia ovos de uma das galinhas que andava solta pela aldeia. Ela estava perto de mim. Sorriu-me com doçura e eu lhe devolvi o gesto.

— Olá! — eu lhe disse. — Como se chama?

— Rosslyn — ela disse enquanto guardava com cuidado os ovos em um cesto de palha. Olhou-me. — E você? — Eu ia dizer Mónica, mas me dei conta que ali não podia dizer esse nome.

— Katherine.

— Eu gosto.

— Muito obrigada. Eu também gosto de seu nome. — A menina sorriu.

— Minha mãe diz que você é muito bonita e eu penso o mesmo.

— Você também é uma menina muito bela. — A menina sorriu.

— Além disso é muito carinhosa. Minha mamãe diz que não podemos falar com você, porque ofenderíamos o laird, já que ele não fala com você.

— Sua mamãe diz isso? — A menina assentiu. — Pois vamos fazer uma coisa, eu não vou dizer a sua mamãe que você falou comigo, este vai ser nosso segredo.

— Certo. Ela diz que o senhor deve estar muito zangado com você. Na realidade minha mamãe sente pena de você, diz

que tem um olhar muito triste e que não deve ser feliz, e coloca a culpa no senhor.

— Ora! Sua mamãe disse tudo isso? — Estava surpreendida pelas falações.

— Sim, mas não conte, senão ela me castigará.

— É nosso segredo, Rosslyn.

— Esta noite estará na festa não é verdade?

— Festa? Não sabia que havia uma celebração.

— Sim, é em honra ao laird. Diz minha mamãe que vai ser divertido. Minha mamãe está preparando bolos muito ricos.

— Uy! Então eu não perderia isso por nada no mundo, quero provar os bolos de sua mãe. — A menina sorriu.

— Rosslyn! — gritavam da distância.

— Essa é minha mamãe — disse a menina assustada.

— Pois então deve ir com ela, para que não nos descubra.
— Pisquei-lhe um olho. Vi a menina se afastar.

Avancei, escutei gritos e muita animação perto de onde eu me encontrava. Alguns aldeões fizeram um círculo em volta de um grupo de homens, procurei uma brecha para averiguar a que se devia tanto alvoroço. Eram quatro guerreiros que se golpeavam com Aldan e Murdor, algo que me parecia bruto e violento para eles supunha uma saudação de alegria por se verem. Todos usavam kilt, mas o xadrez de suas saias era de cor diferente ao do Macrae. Falavam em gaélico e eu não entendia nada, ia escapulir dali, não queria que o escocês visse que os estava observando, nesse momento notei como todo mundo se virava e me olhava, algo acontecia. Então um daqueles homens veio até mim.

— Ora! Então esta preciosidade é sua esposa. — Ao escutar aquelas palavras e sentir um exame obsceno de cima abaixo, desafiei aquele homem com o olhar. — A filha do conde de Dunnottar, eu a vi no juramento. — Incomodava-me que eles falassem como se eu não estivesse ali.

— Sim, é ela — respondeu Aldan me olhando com intensidade. Sabia que ele estava se divertindo diante de minha irritação e surpresa. Estava com os braços cruzados e um meio sorriso em seu rosto.

— E você, cavalheiro? Quem é? — Perguntei. Ele se surpreendeu com minha pergunta.

— Ora, ora, ora! — Ele riu.

— Não vejo a graça. Você sabe quem sou eu, mas eu não tenho o prazer de conhecê-lo e, acredite que eu gostaria de sabê-lo. — Sua cara de assombro ia aumentando.

— Katherine, já basta! — Aldan se aproximou e me agarrando pelo braço me afastando daquele lugar, entrou no bosque próximo a grande velocidade e à força. — Possa saber o que está fazendo? — Na distância eu podia escutar as gargalhadas daqueles brutos.

— Aquele homem me ofendeu! Não é a forma de dirigir-se a uma dama. — Ele arqueou as sobrancelhas.

— Você me colocou em evidência. Ele é o chefe dos Maclean, deve-lhe respeito como esposa de um Macrae. — Aquelas palavras foram a gota de água para me zangar ainda mais.

— Nem sou sua esposa, nem devo respeito a um homem que me olhe com luxúria. Incomoda-me e me ofende, não vou

permitir.

— Não a entendo, de verdade. De onde você saiu? Estou desejando chegar a Kinloss, milady, para deixá-la lá.

— E eu anseio que assim seja. Estarei encantada de perdê-lo de vista, Macrae. — Olhou-me surpreso diante de minha resposta. Não o suportava, presunçoso, altivo, orgulhoso e muito, muito atraente, este último me martirizava, já que, sob nenhum aspecto eu permitiria que ele se desse conta desse detalhe.

— Aldan! — Murdor nos interrompeu e ele virou-se para olhá-lo. — Chegaram os Mackenzie, vão para Balleter, às Justas. Este ano, serão celebradas nas terras dos Grant. Terão lugar dentro de uma semana. Há algo importante que deve escutar de Shaw Mackenzie.

Murdor estava com semblante preocupado. Aldan notou, e virou-se para me olhar.

— Continuaremos com esta conversa mais tarde — ele me disse.

— Não precisa, Macrae, para mim já terminamos — eu respondi.

— Mas para mim não. — Olhou-me com intensidade e ira e depois se afastou.

Quem ele pensava que era? Meu coração pulsava com celeridade, parecia que sairia pela boca. Pois eu não daria o gosto! Pensei. Apesar de estar em uma época a qual eu não pertencia, não permitiria que um homem tentasse me amedrontar daquela maneira, nem impor suas ordens. Respirei e fui à cabana da Nora, queria sumir dali.

XVI

Não deu tempo para que Murdor me explicasse o que Shaw devia me contar, mas por sua expressão eu sabia que não eram boas notícias, conhecia-o muito bem para saber que era algo que me desgostaria. Ainda estava chateado com a jovem, mas precisava reconhecer que havia algo nela, além de ser uma mulher muito bonita, que me atraía como nunca antes eu havia sido atraído por uma mulher. Tentava me convencer que ela era uma tola, e que nenhum homem gostaria de tê-la como esposa, mas no fundo não conseguia deixar de olhá-la quando ela estava perto de mim, sentia a necessidade de estar próximo dela. O que estava acontecendo? Não permitiria que uma mulher me desconcentrasse de minhas obrigações. Precisava levá-la quanto antes a Kinloss para me esquecer dela e afastá-la de minha vida. Teimosa! Eu murmurei. Murdor me observava com prudência, sabia que eu estava zangado e nesse estado era perigoso ferir meu orgulho varonil.

Vi Shaw com seus soldados, todos vieram às Justas do festival do verão, que se celebrava a cada ano, nesta ocasião seria em Balleter, no castelo dos Grant. Ao ver-me, Shaw veio com rapidez para onde eu estava, seguido de seus guerreiros.

— Murdor me disse que você tem algo para me dizer — eu falei.

— Assim é. — Sua voz tremia, e eu sabia que minha presença sempre infundia um grande respeito e temor.

— Fale! — ordenei. Não estava de bom humor depois da conversa mantida com Katherine.

— Fomos ver seu pai para informá-lo que precisamos fazer algo com aqueles Macdonald. Roy esteve em nossas terras e se apropriou de parte de nosso trigo. — Ao escutar falar de Roy recordei-me de seu corpo, morto, junto com o de seus homens no rio.

— Roy morreu — eu lhe disse, — assim como alguns de seus soldados.

— Como? — Shaw estava surpreso.

— Sim, foram os ingleses. Eles estão em solo escocês, Shaw.

— Mas isso significa que haverá batalha, os Macdonald pensarão que foi algum de nós.

— Sei, mas até que isso ocorra poderemos nos organizar e armar um exército unindo nossas forças. — Observei-o, ele estava nervoso. — Continue com o que iria dizer.

— Encontrei seu pai abatido, Aldan. Seu irmão fugiu para lutar nas Justas de Balleter.

— Akir? — Eu perguntei preocupado.

— Sim. Seu pai nos contou que lhe ordenou que não fosse, mas ele disse que já fizera doze anos e que era um homem para competir e lutar.

— Mas onde aquele tolo tem a cabeça? — Pensei alto. Estava preocupado. As Justas eram perigosas para um rapaz da idade dele que nem sequer possuía experiência em um

campo de batalha. Eu o procuraria e quando o encontrasse ele levaria uma boa reprimenda.

Não consegui parar de pensar em Akir durante toda a tarde. Já era noite e começava a festa. A música soava e as mulheres montaram uma grande mesa de madeira repleta de travessas. Os homens bebiam cerveja, mas minha mente não estava nas conversas dos outros guerreiros sobre as Justas, mas sim em meu irmão, temia por sua vida. Nas Justas, embora aparentemente se deixasse a um lado todo tipo de rixas e inimizades para competir, o ódio entre clãs era evidente e, às vezes, aproveitavam-se desses jogos para assassinar os inimigos. Os Macrae eram muito invejados. Escutei risadas atrás de mim. Nesse momento Shaw golpeou meu ombro.

— Então aquela jovem tão bonita, que usa suas cores, é sua esposa. — Olhei para onde Shaw me indicava. Estava muito bonita. Seu cabelo negro estava solto, adornado com pequenas flores brancas. Seu sorriso me enfeitiçava. Ela não era consciente do poder que exercia sobre mim, eu tampouco era consciente disso. Observava-a embriagado por sua presença, não podia afastar o olhar da moça. O que estava me acontecendo com aquela mulher? Eu sempre estive rodeado de damas muito bonitas, mas com nenhuma havia sentido o que sentia agora com Katherine. O coração parecia que sairia do peito sempre que estava tão perto dela; além disso, considerava-a minha posse, ela já me pertencia, era minha, usava meu tartan e isso me dava direitos sobre ela. Ninguém mais devia albergar nenhuma esperança em conquistá-la, sentimento absurdo que me atormentava, pois me

autoconvencencia de que eu não queria nenhuma mulher em minha vida. Estava confuso e não permitiria que ela, nem ninguém, percebesse minha luta interior para evitar aqueles sentimentos.

— Sim, ela é minha esposa — eu respondi com certo zelo enquanto levava à boca, a caneca de cerveja.

— Mas, pelo visto, não dormem no mesmo leito. É a fofoca de toda a aldeia. Ora, ora, ora! — Ele riu — então não prefere dá-la para mim e se liberar dessa carga. — Diante de seu comentário e suas gargalhadas me virei apontando com a ponta de minha espada em sua garganta, seu rosto mudou de expressão e o sorriso se apagou do rosto.

— Com minha esposa ninguém se mete, nem faz brincadeiras. Ela é minha, minha mulher, a mulher do laird, e você, como todos seus homens, devem-lhe respeito. Quem se meter com ela, se mete comigo, quem a ofende me ofende. Se nós dormimos ou não no mesmo leito não é seu assunto. Ficou claro? — Eu gritei. Estava zangado. Não permitiria que falassem dela e menos ainda que tivessem intenções desonestas com a jovem.

Nesse momento vi como Nora se aproximava de mim.

— Aldan Macrae! Não vai tirar sua bonita esposa para dançar? Como bom escocês deve fazê-lo com sua jovem esposa, e como recém-casados deve beijá-la em sinal do amor que professam e fazer as pazes. Onde se viu que dois amantes não desejem estar juntos? — Ela disse resmungando.

— Sim, eu gostaria de ver esse beijo — disse Murdor com ironia. Olhei-o raivoso.

Katherine era alheia a todos esses comentários. Brincava com uma menina que não se afastava dela, em seguida outros pequenos formaram redemoinhos entorno da sua figura.

— Sim, jovem Macrae, eu também quero ver esse beijo — disse Shaw. Estavam todos muito bêbados.

Nesse momento começaram os Mackenzie e Maclean a insistir e zombar de mim, para que eu beijasse a jovem. Os aldeões, apesar do som da música, começaram a se dar conta do que eles diziam, Katherine escutou os bramidos dos Maclean, ela me olhou nesse momento.

Ninguém questionaria minha dignidade, assim agarrei uma taça de vinho, ela devia beber da mesma taça, era o costume escocês, o marido dava de beber vinho à esposa e depois este bebia da mesma taça, aquele gesto já era considerado como um compromisso que somente a morte poderia romper. A mulher, ao aceitar de maneira voluntária, a compartilhar a mesma taça, pertencia já a esse homem, qualquer um que ousasse se meter com ela, se metia com o marido e todo seu clã. Aproximei-me com grandes passadas de onde estava Katherine, petrificada, assombrada, sem conseguir reagir.

— O que você pretende? — Ela me perguntou. Fomos o centro de atenção, de todos os ali presentes.

— Sabe muito bem, milady — eu respondi.

— Não se atreverá! — ela me disse.

— Um homem tem honra. Eu sou um Macrae e ninguém pode colocar em dúvida minha dignidade. Além disso, ante outros você é minha esposa e lhes resulta muito estranho que

não durmamos no mesmo leito e que não nos professemos carícia alguma. Já sabe mulher, devemos aparentar que nos amamos, embora você e eu saibamos que é mentira. — Eu lhe pisquei um olho e observei como ela se ruborizava, coisa que eu adorava observar nela.

— Beba! — ordenei-lhe. Ofereci-lhe a taça de vinho.

— Por quê?

— Você vai questionar tudo? Beba! — Minha voz soou forte, para minha surpresa ela me obedeceu. Depois que Katherine bebeu um gole, eu bebi pelo mesmo lado dela. Estava claro que Katherine não sabia o significado do que acabava de fazer, sorri para mim mesmo. — Agora se aproxime de mim, mulher, temos que demonstrar que nos amamos.

— Que estupidez! — Ela disse enquanto se virava.

Nesse momento a peguei pelo braço e puxei-a até que ela caiu sobre meu peito. Eu gostava de tê-la junto a mim, em meus braços.

— Posso saber o que está fazendo?

— O que um marido deve fazer com sua mulher, querida Katherine.

Sua boca era uma tentação para qualquer homem, tinha desejado beijá-la desde que a vi pela primeira vez, em meu castelo e, apesar de que ela tentava se esquivar de mim, era questão de salvar minha honra, mas não era assim, eu desejava, desejava provar seus lábios e beijar aquele sorriso. Rodeei-a pela cintura e a retive com força entre meus braços, saboreei aquele momento, notei como seu corpo tremia e reagia ante minha proximidade, aquela sensação me excitava e eu

gostava, fazia-me ver que eu tampouco lhe era indiferente.

— Não se atreverá... — Sua voz se entrecortava enquanto lutava para se afastar de mim. Achei aquilo engraçado, era impossível que com minha força ela pudesse se desvencilhar de meus braços. Sorri-lhe e baixei meu rosto até que senti seus sedosos lábios sob os meus. Ela resistia, mas ante meu assombro só durou alguns segundos porque depois a jovem respondia livremente a meu beijo. Meu coração parecia que saíria pela boca, eu jamais experimentara tanta atração por uma mulher, e aquele beijo fazia com que a desejasse nesse instante e que sentisse a necessidade de fazê-la minha. Afastei-me e a observei com um sorriso nos lábios. Queria continuar beijando-a e levá-la nesse momento à cama, mas me detive, sabia que não devia seguir mais porque se não, não conseguiria evitar levá-la ao leito junto a mim. Nunca forçaria uma mulher a se deitar comigo contra sua vontade.

— Então não foi tão ruim, Katherine? — Eu disse como brincadeira.

— Não volte a fazer! — Ela me respondeu ruborizada. Sua voz tremia e eu gostei daquela descoberta, somente me confirmava que ela não me odiava tanto quanto professava.

— Pois eu acredito que você gostou e deseja que eu repita, vejo no brilho de suas pupilas. — Pisquei um olho e fui para junto de meus homens.

Observei que Nora nos contemplava com um amplo sorriso e acudia Katherine, que ainda estava quieta e ruborizada no mesmo lugar em que a havia deixado. Depois de provar seus lábios sabia que gostaria de beijá-los outra vez, não conseguiria

resistir a eles. Todo mundo dançava e se divertia. Murdor se aproximou de mim.

— Juraria que você gostou daquele beijo — ele me disse.

— E quem não gosta de beijar uma mulher bonita. — Ambos rimos.

— Aldan, seu irmão me preocupa. No que estaria pensando aquele pirralho? Ailbert é seu tutor, como permitiu? — Disse Murdor.

— Isso é o que é ainda mais estranho. Amanhã partimos para Balleter. A moça está muito melhor e já pode cavalgar; além disso, já não há perigo de que a ferida se infecte, Nora diz que está cicatrizando muito bem.

— Sim, mas precisará levá-la a Kinloss.

— Assim que solucionemos o assunto de Akir, iremos para Kinloss. — Fiz uma pausa. — Há algo que me preocupa ainda mais. Devemos encontrar o padre Lean e Begira e, possivelmente, na Justa, um festival que acolhe muita gente, talvez possamos averiguar algo a respeito. Há um mistério ligado a Katherine que me tem intrigado. Os ingleses os sequestraram isso eu sei e preciso encontrá-los, mas também foram os que mataram o grupo de guerreiros Macdonald e, o pior de tudo, é que daquelas mortes, o mais provável é que nos culpem, viram-nos por aquelas terras. — Fiz uma pausa. — Simón de Monfort quer Katherine, e esse assunto também me obceca o bastante.

— Sim, eu também acredito.

Estava decidido, partiríamos no dia seguinte.



A manhã prometia ser dura, Katherine estava chateada ante a ideia de desviar do caminho que levava a Kinloss, era teimosa e se empenhava em me contradizer a todo o momento. Eu não entendia como ela não temia me enfrentar, eu sempre infundia medo e um grande respeito a todos que se deparavam comigo, a todos menos a ela. Embora não fosse seu laird, ela, como mulher, deveria controlar seus impulsos e seu caráter, punha-me em evidência diante de todo mundo e isso eu não permitiria. Não obstante, devia reconhecer que ela sendo assim me deixava louco, mas era um defeito que eu adorava, e aproveitava sua rebeldia para provocá-la. Vê-la chateada e ofendida me divertia, claro que me divertia! Eu sorri.

— Meu pai exigirá explicações, não só desapareceram Begira e o padre Lean, mas também muda a rota colocando minha vida em perigo. Por acaso se dá conta do que isso significa? Claro, que para você somente importa seu ego. Pouco lhe interessam os outros enquanto sua dignidade esteja a salvo — dizia ela.

Eu não conseguia mais, ela não deixava de falar desde que saímos, sabia que eu não aguentaria uma viagem assim. Mulheres! Pensei. Parei meu cavalo, girei-o e me pus em frente a ela, Murdor seguia atrás da jovem. Conhecendo-o certamente que ele também estava com uma insuportável dor de cabeça. Ela não parava de falar! Nós estávamos acostumados a conversar o menos possível, isso nos distraía e debilitava

nossos sentidos.

— Milady eu vou tentar ser o mais cortês que um escocês pode ser, acredite que para mim isto supõe um grande esforço porque não estou acostumado a isso. — Murdor pigarreou sua garganta e percebi um sorriso em seu rosto. — Se não se calar sou capaz de amarrá-la ao tronco de uma árvore, ir às Justas e depois retornar a este mesmo lugar para recolhê-la. Quando estou tenso e me alteram excessivamente, a razão desaparece e sou capaz disso e muito mais, minha reação é descontrolada e faço coisas inimagináveis à mente humana. — Eu estava exagerando, jamais a deixaria ali, mas sabia que era a única forma de colocar medo no corpo dela e de que fizéssemos o resto do caminho em silêncio. — E com você, milady estou chegando a esse limite, então, mantenha sua preciosa boca fechada, ficará muito mais bonita.

— Não seria capaz, bruto insolente? — Respondeu ela.

— Não me ponha à prova — eu lhe respondi.

— Acredite que sim, ele será capaz, milady. — Murdor esboçou um grande sorriso sem que ela o visse, sabia qual era meu jogo e me seguia.

— Entendeu bem o que eu lhe disse? — Perguntei-lhe.

— Sim, muito bem — respondeu magoada.

Virei-me e finalmente respirei, que tranquilidade!

Estava anoitecendo e devíamos parar, supunha que a jovem estava esgotada da viagem. Era forte e eu gostava disso, embora soubesse que ela o fazia por orgulho, já que seu rosto estava pálido e desfigurado. Ela não abrira a boca desde a última vez e eu começava a sentir falta de seus comentários.

Um sorriso se desenhou em meu rosto ao recordar sua expressão de assombro ante o que eu era capaz de fazer se continuasse falando. Como podia pensar que eu faria aquilo? Claro ela não me conhecia. Sabia que algo a assustava, precisava averiguar o que era.

— Passaremos a noite aqui — eu disse.

Detivemo-nos. Dei um salto. Murdor ajudava Katherine a descer de seu cavalo. Observei-a, estava dolorida de tanto cavalgar, senti-me culpado disso, devíamos ter feito mais paradas, ela não estava acostumada a grandes percursos, além disso, estava ainda convalescente. O som do rio se ouvia muito perto. Vi que ela caminhava naquela direção.

— Posso saber aonde vai? — Eu lhe perguntei. Ela não me respondeu e nem se virou para me olhar, continuou andando para aquela direção. Olhei para Murdor que contemplava a cena, divertido. — Quem compreende ao sexo feminino?

— Ora, ora, ora! Recorde-se que praticamente a proibiu de falar, memoriza suas ameaças, eu tampouco me dirigiria a você por medo.

— Mas isso era na viagem! De onde saiu esta mulher?

— Diferente do resto sim ela é. Nenhuma jovem ousaria desafiá-lo dessa maneira, mas esta não teme o primogênito Macrae, nem a ninguém.

— Mulheres! Jamais as entenderei. É por esse motivo que fujo delas. Trazem somente complicações.

— Pois observo que ela me recorda muito a alguém. — Murdor soltou uma gargalhada.

— Que insinua Murdor? — Perguntei magoado.

- Que ela é como você, rapaz!
- Ela é uma mulher e não pode desafiar assim a um laird.
- Pois sim ela o faz e, na verdade, resulta divertido.

Ambos rimos. Decidi segui-la, devia protegê-la e poderia haver alguém pelos arredores. Além disso, estava se expondo seriamente, e possivelmente nas Justas seria melhor que continuasse vestida de rapaz, mas desta vez com o tartan dos Macrae, assim ninguém ousaria se meter com ela. Observei-a, ela estava ajoelhada pegando água com ambas as mãos e passando com suavidade em seu rosto. Que bonita era! Precisava esconder sua beleza, se não as Justas seriam uma verdadeira luta de clãs, não poderia suportar os olhares obscenos dos guerreiros para ela. Acabava de decidir, se vestiria com roupas de rapaz, o mais difícil seria convencê-la e lhe dar os argumentos adequados. Era uma fera, gostava do combate verbal com ela e me divertia, sim, eu precisava admitir. Avancei e em seguida notou minha presença, virou-se e ficou em pé. Notei medo em seu olhar. Por que me temia? Não queria despertar nela aquele sentimento.

— É perigoso que se aproxime do rio sem antes Murdor ou eu o inspecionarmos. Recorde-se o que lhe aconteceu. Os ingleses e os clãs inimigos não respeitam tanto as mulheres quanto os Macrae, se a virem não hesitarão em... — ela me interrompeu.

- Não preciso que diga, imagino o que quererão me fazer.
- Ora, finalmente fala outra vez — eu zombei.
- Sim, embora não devesse fazê-lo, porque pode perder o controle e... na verdade..., não quero comprovar o que seria

capaz de fazer, Aldan Macrae — ela disse com ironia.

— Ora, ora, ora! — Apoiei-me sobre o tronco de uma árvore, com os braços cruzados, disposto a desfrutar da conversa com ela. — Melhor, eu gostaria de perder o controle... — Diante do meu comentário ela se ruborizou, sabia a que eu me referia nesse momento, ao beijo que lhe dera na aldeia.

— Já lhe disse que não é algo que eu queira averiguar. Por favor, se já comprovou que não há ninguém eu gostaria de ficar sozinha antes que anoiteça.

Notava-a assustada. O sol estava se ocultando e logo escureceria completamente.

— Ficarei aqui, preciso protegê-la. Virar-me-ei para que tenha intimidade — ela ia protestar, mas preferiu não dizer nada, sabia que não me convenceria. Esperou que eu cumprisse minha palavra e assim o fiz. — Por que está nervosa quando o sol vai se ocultar? Tem medo da noite? — Fez-se um silêncio. — Está aí? Responda ou vou me virar.

— Sim, continuo aqui. Nunca tive medo da noite, mas agora sim, temo que chegue esta hora do dia, sinto pânico cada vez que o sol vai se ocultar. — Suas palavras eram sinceras.

— Por quê? — Perguntei-lhe.

— Não acredito que lhe interesse Macrae.

— Sim, claro que me interessa. Preciso saber tudo sobre você, isso me permite protegê-la melhor — eu menti, na realidade queria saber tudo relacionado com ela, porque Katherine me importava cada vez mais.

— Sinto muito, mas é algo que nem sequer eu encontro uma explicação. Não insista, Aldan, não vou responder essa

pergunta.

Estivemos bastante tempo em silêncio. Escutava o chapisco de seu corpo na água e desejava estar junto a ela, acariciar seu corpo e beijar seus bonitos lábios. Quanto tempo demoraria? O que estaria fazendo? Sentia um impulso de me voltar e observá-la, mas me contive.

— Há algo que preciso lhe dizer. Quero que volte a se vestir de rapaz. Conserva as roupas?

— Sim — respondeu, — Nora lavou-as e eu as guardei entre minhas coisas. Mas... por quê?

— A Justa é um lugar de encontro de clãs. Não acredito que precise lhe explicar quão perigoso pode ser se alguém dos que a perseguem a reconhecer, Katherine. É melhor que se oculte atrás de roupas masculinas; além disso, usará o tartan dos Macrae, dessa forma ninguém ousará se meter com você.

— Mas... precisarei dormir com homens e me comportar como tal e eu... — Compreendi o temor que sentia naquele momento.

— Fique tranquila, cada clã possui sua própria tenda, dormirá somente comigo e meus homens que já estejam lá para os jogos.

— Pois a isso refiro, com você e seus homens... descobrirão que sou uma mulher, Aldan. Não sei lutar e não falo gaélico.

— Nisso tem razão. Mas eu a ajudarei se houver alguma dificuldade. Estarei a seu lado a todo o momento. Não precisa se preocupar, nem temer nada.

Nesse momento ela ficou diante de mim.

— Muito bem, assim é melhor? — Colocou as meias e a

túnica. Olhei-a surpreso. — Já lhe disse que isto estava entre minhas coisas e não queria fazê-lo vir até aqui outra vez. — Piscou-me um olho e começou a andar no caminho para onde Murdor estava.

Sorri, eu gostava dela, disso estava convencido, e inclusive assim, com roupas de rapaz, resultava muito atraente. Coloquei-me a seu lado.

— Esqueceu um pequeno detalhe, milady.

— Qual Macrae?

— Seu cabelo, deve ocultá-lo. Diremos que você é um familiar longínquo que esteve muito tempo com os ingleses, assim justificaremos que não saiba gaélico.

— Certo, farei um coque como vi muitos dos seus que possuem longas cabeleiras.

A jornada havia sido longa. Estendemos os tartans sobre o chão e Katherine se deitou em um deles, em seguida dormiu. A noite estava fria e me aproximei da jovem e a tapei com meu tartan. Sentei-me junto a ela, observei-a, que bonita ela era! Não pude resistir, baixei meu rosto e rocei seus lábios. Desejava-a, ora se a desejava! Murdor me olhava com interesse.

— Aldan Macrae, você não me engana!

— Não sei a que se refere.

— Claro que sabe! Você gosta da mulher. Ora, ora, ora!

— É bonita, como outras muitas que estiveram em meus braços — eu lhe respondi.

— Tem certeza? — Ele disse com ironia. — Não pode me esconder a verdade, amigo. Colocou seu tartan e lhe deu para beber de sua taça de vinho. Sabe o que isso significa?

— Que ela estava tiritando e eu precisava demonstrar que ela era minha esposa. Recordar-se que embora seja um guerreiro das Highlands me comporto bem com as mulheres. — Eu lhe pisquei um olho.

— Sim, tenho certeza de que é isso. — Ele riu. Dito isto ficou do outro lado de Katherine. Dessa forma ninguém poderia machucá-la durante a noite sem nós nos inteirarmos.

Custou-me conciliar o sono, Murdor estava certo, ela não era como as outras mulheres com as quais eu havia estado, e sim, eu gostava da ideia de ver meu tartan cobrindo o corpo dela, queria que usasse minhas cores e que a identificassem como minha.

Um grito assustador despertou, era Katherine, endireitei-me com rapidez e agarrei a espada com habilidade. Fora um pesadelo, e ela estava chorando, Murdor tapou o rosto com o tartan e continuou dormindo. Atraí a jovem para mim e a envolvi com meus braços, ela tremia.

— Fique tranquila foi um pesadelo. Não vou permitir que ninguém lhe faça mal. — Balançava-a sobre meu regaço. Ela foi se tranquilizando e ficou adormecida entre meus braços. Gostei daquela sensação de tê-la tão próxima, podia cheirar o perfume de seus cabelos e notar sua respiração, não queria afastá-la do meu lado, desejava abraçá-la toda a noite.

XVII

O padre Lean estava nervoso, movia-se de um lado para outro dentro da pequena cela em que ele e Begira haviam sido encerrados. Ele conseguira ver o lugar onde se encontravam, na abadia de Kilwinning, e não gostava daquilo. Era ali que ele sabia que os monges beneditinos escondiam, entre seus membros, um grupo de cavaleiros templários que haviam fugido da Inglaterra e traído seu rei. Não é que ele gostasse do rei inglês, mas detestava a traição e ainda mais entre aqueles homens que haviam assinado um pacto com o próprio diabo, selando uma aliança com a ordem do Dragão, posicionando-se em dois bandos e servindo ao próprio Satanás, Simón de Monfort.

— Está me deixando nervosa padre — disse Begira. — Sabe o que querem de nós?

O padre Lean parou e a olhou com preocupação.

— Não existe nada bom, filha. Eles procuram o manuscrito e a mulher. Sabem que é Katherine e que ela viajava conosco. — Ficou olhando-a com preocupação. — Mas ninguém deve saber o segredo que ela esconde.

— Não, padre eu nunca diria — respondeu a mulher com expressão de medo.

— Você acredita que estão nos procurando?

— Aldan Macrae nos encontrará. — O padre Lean sabia que permanecendo naquela abadia nem sequer o laird dos Macrae os encontraria, mas não podia dizer aquilo para Begira. Ele carregaria aquela angústia.

Nesse momento eles escutaram passos que se aproximavam de onde se encontravam, detiveram-se na porta e esta foi aberta com brutalidade. O padre Lean deu vários passos para trás e Begira, por um impulso, ficou de pé, oculta atrás do sacerdote.

— Voltamos a nos encontrar! — Disse-lhes a figura que se ocultava atrás de uma capa negra. Ambos o reconheceram imediatamente.

XVIII

Sentia-me na glória, ainda com os olhos fechados intuía que estava de retorno a meu lar e que tudo havia sido um pesadelo. Em seguida me dei conta do porque me sentia tão cômoda, os braços fortes de Aldan me rodeavam, minha cabeça estava apoiada sobre seu peito e minhas mãos descansavam sobre seu tórax. Suas costas repousavam sobre o tronco de uma árvore. Seu corpo e minha proximidade dele me davam o calor suficiente para eu não ter sentido nem um pingo de frio durante toda a noite. Endireitei-me com rapidez e me desprendi de seus braços. Ele abriu os olhos com brutalidade e me observou.

— Mas que despertar você tem, mulher! Sempre é tão enérgica pelas manhãs?

Escutei uma grande gargalhada de Murdor que também estava muito junto a mim. Mas o que pretendiam aqueles dois? Eu pensei, irritada.

— Pois se encontro dois homens grudados em mim e a um me abraçando, pois sim, sou enérgica.

— Milady — disse Aldan enquanto se levantava, agarrava seu tartan e o colocava com grande mestria, — você teve um pesadelo no meio da noite e não repeliu meus braços e minha presença; e mais, aproximou-se tanto de mim que rodeou meu

peito com seus braços e apoiou sua bonita cabeça sobre mim. Estava muito à vontade, acredite em mim — ele estava zombando de mim.

Murdor também se endireitou e eu continuava estupefata. Sentei sem saber reagir. Aldan o fez por mim, agarrou-me pela mão e me puxou para me levantar, sua força me impulsionou com rapidez, agarrou um dos tartans com a intenção de me colocar aquilo.

— Posso fazê-lo, — eu o desafiei. Mas por mais empenho que tenha colocado, aquilo era muito complicado, Aldan se desesperou, suspirou enquanto ouvia as risadas de Murdor e me rodeou a cintura com grande maestria com o tartan levando-o até o ombro e amarrou-o com força fazendo um nó. — Obrigada — eu disse com ironia.

— Um Macrae não agradece, precisa começar a se comportar como um homem.

— Bom isso não me resultará muito difícil. Só preciso ser grosseira, mal-educada, bruta... tenho a você como exemplo Macrae, assim não será complicado. — Dirigi-me a meu cavalo.

— Ora, ora, ora! — Murdor riu. Aldan me olhava com as pernas ligeiramente abertas e os braços cruzados, com meio sorriso desenhado em seu rosto.

— Pois me imite bem, milady. Espero ser um bom exemplo a seguir, vou me esforçar para que perceba com mais detalhes minha forma de me comportar. — Dirigiu-se a seu cavalo e começamos a rota para o castelo de Balmoral Balleter, nas terras dos Grant.

Cavalgamos durante horas, não fizemos nenhum

descanso. Já estávamos perto do castelo onde seria celebrada a Justa, e meu traseiro me doía por estar durante tanto tempo sobre o lombo de um cavalo. Sabia que quando parássemos eu cairia de bruços no chão, não seria capaz de me manter em pé. As tendas de campanha dos clãs que foram competir estavam dispostas na ladeira que subia ao recinto amuralhado. Surpreendi-me diante do que via, uma multidão de cores adornava a colina, eram as cores dos guerreiros. Os diferentes estandartes dos clãs se elevavam ao lado de seus acampamentos. Atravessamos a ladeira esquivando-nos dos soldados que estavam se exercitando para a batalha. Surpreendeu-me ver muitas mulheres que acompanhavam seus homens, e inclusive crianças que se divertiam com a festividade do momento. Ao longe se divisava a grande montanha Grampian, testemunha dos jogos que ali se travariam. Escutei o murmúrio do rio que nos acompanhava com o passar do percurso. Aldan diminuiu seu passo e ficou a meu lado e Murdor o imitou colocando-se do outro lado, custodiavam-me como se eu corresse perigo e necessitasse de seu amparo, tratavam-me como se eu fosse sua posse.

— Sei que vai lhe custar o que vou dizer — disse-me Aldan, — mas tente não abrir a boca. Meus homens e os de outros clãs vão mexer com você, eles a verão fraca e tentarão rir a suas custas. Ignore-os e a deixarão tranquila. Caso vejam que se incomoda ou os enfrenta, estará perdida, será sua diversão. Entendeu milady? — Ele disse de uma maneira autoritária.

— Sim, que remédio! — disse com resignação.

Observei que conforme avançávamos os guerreiros nos

abriam caminho nos deixando um grande espaço para passar. Aldan andava ereto, sua força e rosto atraente o faziam parecer um rei diante de todos aqueles homens que o olhavam com respeito e medo a sua passagem. Detivemo-nos, em seguida e me dei conta que os homens que estavam ali usavam as mesmas cores que as de Aldan, Murdor e, nesse momento, a minha. Já tínhamos chegado ao acampamento que os Macrae haviam erguido.

— Fique calma — Aldan me sussurrou — não se afaste de mim.

— Aldan! — Três daqueles homens, fortes, altos e atléticos se abraçaram ao escocês, alegravam-se de vê-lo. Murdor também os saudou com efusividade. Depois, todos os seus olhares se centraram em mim.

Rodeada daqueles gigantes, inclusive Aldan que era o mais alto de todos, eu parecia diminuta, de fato podia passar mais por um adolescente do que por um jovem de minha idade. Ri para mim mesma, embora estivesse muito assustada.

— Quem é ele, laird? — Perguntou um deles que respondia pelo nome de Ailbert. Seu cabelo e barba ruiva lhe conferiam uma expressão fria. Olhava-me fixamente e me fez estremecer. Armei-me de coragem, não me intimidei.

— Ele é Rob, um Macrae que viveu muito tempo com os ingleses, no fim ele repensou e retornou conosco, seu clã, sua família. Quero que o trate como um Macrae. Mas, ele não entende nada de gaélico.

— Terá que aprender — exigiu Brod, — se não, não será um verdadeiro Macrae.

— Será que não fala? Ficou mudo? — Disse o terceiro daqueles gigantes que respondia pelo nome de Balgair.

— Deixem-no, ele falará! — Foi uma ordem que todos obedeceram, imediatamente. — E meu irmão? — disse Aldan zangado, olhando para Ailbert.

— Akir está aqui. Eu o apoio Aldan. Seu pai está muito doente e sabe disso. Depois do juramento outorgou a você o posto de laird, governar o clã o esgota. Seu irmão já tem doze anos, deve começar a lutar e onde melhor que a Justa para treinar.

Aldan se adiantou e o agarrou com uma de suas mãos por seu tartan.

— Ultrapassou as normas, ninguém lhe deu permissão, Ailbert!

— Mas ele está preparado.

Ambos os homens se olhavam com raiva.

— Jamais volte a fazer algo sem pedir permissão a seu laird. — Soltou Ailbert que não se atreveu a lhe responder. — Levem-me até Akir. — Ailbert o guiaria, mas Aldan o deteve. — Você já não será o tutor de meu irmão. Brod, guie-me até onde está Akir.

Aldan impunha, não era estranho que ninguém o enfrentasse, seu olhar transpassava até o mais profundo da alma de uma pessoa, e sua ira fazia temer a qualquer que ousasse enfrentá-lo. Eu estava atrás de Aldan e fui atrás dele. Murdor ficou com os homens Macrae. Brod o levou até a maior tenda do acampamento. O escocês se virou e me sussurrou.

— Fique aqui fora e não se mova! Não se meta em

confusões, é uma ordem.

— Eu não me meto em confusões! — respondi magoada. — Não se entretenha muito, estes gigantes me dão medo — eu lhe disse.

— Ora, ora, ora! Acalme-se, não se meterão com você, seus encantos estão bem ocultos para chamar a atenção. — Ele me piscou um olho. Sabia que aquela situação o divertiria, incomodava-me.

Uff! Não o suportava, sua arrogância, prepotência e autoridade me chateavam, às vezes cheguei a pensar que ele gostava de me chatear e o fazia de propósito para se divertir e se entreter a minha custa.

Suspirei, sentei-me sobre a areia e observei o que havia diante de mim. Não havia reparado na grandiosidade do castelo e no quanto eram bonitas as mulheres das Highlands. Os homens as observavam, eles se esmeravam mais em sua luta para chamar sua atenção. Meu Deus! Eu pensei um bando de brutos! Seus rostos eram belos, mas seus olhares eram selvagens, temerárias. Nesse momento a melancolia voltou a invadir todo meu ser. Queria retornar à minha vida! Não entendia por que já nem sequer retornava à minha época durante o dia. Tudo havia dado um giro, era como se estivesse encerrada em um túnel sem saída do qual eu não sabia como havia me metido. Começou naquela noite na Torre de Hércules, e depois a vidente com a carta do cavaleiro de espadas me disse que eu fizera uma promessa com aquele homem. Que promessa? Meus pais haviam falecido em um acidente de carro e minha única família era a irmã de minha avó, que vivia em

Alicante e eu jamais a havia conhecido, já que minhas avós morreram muito jovens e ao falecer meus pais fui viver com uma tia longínqua na Corunha. Ela sempre me tratou mal e descansei quando completei dezoito anos e me emancipei. Quase me matava de trabalhar pelas tardes e estudava pelas manhãs indo a minhas aulas na universidade. E agora que estava tão feliz com minha profissão de professora, minha vida mudava.

Observei os três homens que se aproximavam da tenda onde estava Aldan. Eram guerreiros que não usavam nenhum tartan, bastante arrumados, grandes como todos os soldados ali congregados. Estavam rindo e vestidos com seu capacete, cota de malha, a túnica, escudo e a espada bem presa a um cinturão de couro. Deviam ser ingleses, mas se davam bem com os Macrae.

— Podemos saber quem é você, rapaz? Nunca o vi entre os homens de Aldan — disse um deles. Seus intensos olhos verdes me impactaram. Fiquei sem fala, senti medo de responder, seu inglês era perfeito.

— Kimball, eu acredito que você o assustou.

— Seu laird está aí dentro — disse o mais jovem dos três, cujos olhos cinzentos também me chamaram a atenção.

— Este rapaz não tem língua. — O maior extraiu a espada e me apontou com ela. — Agora, vai responder às perguntas de meus amigos?

— O que está fazendo Derian? — Disse o guerreiro que respondia pelo nome de Kimball.

— Não vê que ele está assustado! — Respondeu o de olhos

cinzentos.

— Retire sua espada — disse Kimball. — Korvan tem razão, ele treme.

Eu estava paralisada, não soube reagir, dava-me medo que me descobrissem por causa de minha voz, suspirei quando Aldan apareceu. Seus rostos se iluminaram, notava-se que entre eles havia uma grande amizade.

— De onde tirou este? — Disse Derian apontando para mim.

Aldan me olhou e não respondeu, depois os convidou a entrar em sua tenda. Desta vez me ignorou. Eu começava a me aborrecer. Estava farta de esperar, então decidi dar um passeio, usava o tartan dos Macrae, nada podia me acontecer.

Decidi avançar para o castelo, era divertido como cada clã era diferente e, apesar de estarem no mesmo lugar, distinguiam uns dos outros, até no aspecto físico. Mas todos eram grandes e fortes, seus corpos estavam treinados para a luta em combates abertos e isso se notava. Minha mãe! Eu pensei, se estes homens aparecessem no meio da praça da Maria Pita, mais de uma mulher desmaiaria a sua passagem, sorri.

— O que é tão engraçado, por acaso está rindo de mim, de um Macdonald? — Diante de mim havia um homem loiro com uma proeminente barba que me olhava com desprezo e se interpunha a meu caminho.

— Não, eu não ria de você — eu lhe respondi.

— Está mentindo, inseto Macrae — ele me disse.

— Não, não estou mentindo — eu lhe respondi, a voz quase não saía com clareza.

— Deixe-o, Afon. Não vê que é um menino? — Disse uma mulher dirigindo-se ao gigante que estava em minha frente.

— É um Macrae! — ele respondeu com ódio.

— Macrae ou não, é um rapaz, deixe-o quieto. Nos festivais esquecem-se as rixas entre os clãs, já sabe disso.

— Sim, sei, mas este Macrae precisa de um banho, assim vamos ajudá-lo para que não espante as moças. — Nesse momento começaram a me rodear muitos guerreiros, todos eles com um grande sorriso em seus rostos, foram me encurralando.

— O que vocês pretendem? — Gritei-lhes. — Não se atrevam a me tocar!

— Ora, ora, ora! Mas de onde saiu este Macrae? Nem sequer tem uma espada — disse um deles. Gargalhavam de mim.

Agarraram-me pelos braços, notava suas asquerosas mãos por toda parte, meu traseiro, costas, pernas... acreditei desfalecer pelo medo e asco que sentia. Entre risadas e brincadeiras me levaram até o rio e me lançaram lá em uma curva onde havia mais profundidade. A água estava gelada, molhei-me completamente. Quando emergi minha cabeça da água os vi alinhados, rindo de mim. Senti-me muito humilhada, sentia vontade de chorar, mas sabia que derramar uma lágrima teria sido minha perdição com aqueles selvagens.

De repente todos desapareceram e na distância vi Aldan avançar, junto com Murdor e os três cavaleiros que haviam entrado na tenda com ele. Aldan ficou me observando com o cenho franzido.

— Deixei bem claro que não se afastasse! — Ele disse zangado. Preferi não lhe responder, saí da água, tiritava. — Vá com Murdor, depois falarei com você.

Conforme avançávamos escutei as gargalhadas dos Macdonald. Sentia-me ultrajada e muito zangada, sentia vontade de gritar e lhes dizer o quanto eram odiosos.

— Não lhes dê atenção — disse Murdor. — Mas você não devia ter se afastado de nosso acampamento. Os Macdonald são nossos inimigos, igual a outros clãs, e embora a Justa não seja lugar para brigas, se um Macrae pisar no acampamento dos Macdonald pode se encontrar com o que você se encontrou você, milady.

— Obrigada, Murdor. Não sabia. Na próxima vez terei mais cuidado.

Chegamos à tenda.

— Fique com as roupas do Akir, eu acredito que as dele ficarão bem até que as suas sequem. Fique tranquila, que aqui entra somente Aldan, ninguém mais, nem sequer seu irmão.

Murdor partiu e eu fiquei ali, ensopada, morta de frio, cansada da viagem e desconcertada pelo que eu estava vivendo. Caí de joelhos no chão e me pus a chorar, não conseguia parar, precisava tirar a amargura que carregava dentro de mim. Não me dei conta quando Aldan entrou e colocou sua mão sobre meu ombro.

— Por que você chora? É uma Macrae, os Macrae nunca choram.

— Não sou uma Macrae! — Eu gritei.

— Agora sim, agora é um dos nossos, Katherine.

Ante suas palavras meu pranto se fez maior. Como podia me dizer aquilo? Era um ser frio.

Então ele me levantou e me agarrou em seus braços, levou-me até a grande cama que havia no centro da tenda, sentou-se e me colocou em seu colo, abraçando-me, em silêncio, à espera que o pranto cessasse. Eu me aconcheguei em seu peito, estava muito cansada, dolorida e, paradoxalmente, era o único com o qual eu me sentia segura. Surpreendeu-me, porque apesar daquela rudeza, brusca e fria forma de me tratar nos últimos dias, demonstrou uma grande sensibilidade, cheguei a sentir que me acariciava o braço. Quando o pranto cessou, deixou-me sobre a cama.

— Sinto que tenha acontecido, Katherine. Troque-se, está ensopada. Ninguém a incomodará, hoje dormirá aqui e, assim, poderá descansar. — Não lhe respondi, mas deve ter adivinhado meus pensamentos, em seguida esclareceu minhas dúvidas. — Eu ficarei com meus homens, lá fora — vi-o se afastar.

Limpei as lágrimas com o punho da jaqueta, me despi, soltei o cabelo e comecei a me secar e me pentear. Deitei e fiquei adormecida em questão de segundos.

Era muito cedo, ainda nem sequer haviam saído os primeiros raios de sol quando escutei ruídos, eram de espadas. Não podia acreditar naquilo! Estavam treinando! Aqueles homens só viviam para a luta. Em seguida me dei conta que o tartan de Aldan estava me tapando o corpo, ele devia ter entrado durante noite para me cobrir com ele. Aquele gesto não combinava com o homem que eu havia conhecido dias atrás. Surpreendi-me. Levantei-me, observei que sobre uma pequena

mesa de madeira havia pão e leite. Estava faminta. Agarrei o tartan de Aldan e me agasalhei com ele, sentia frio. Engoli a comida. Nesse momento escutei ruídos atrás de mim. Um rapaz, de cabelo loiro, alto e intensos olhos azuis, me observava. Apesar de sua altura devia ser um menino. Será que não havia nenhum homem de uma estatura normal? Eu pensei.

— Meu nome é Akir, irmão do laird.

— Olá, Akir, eu sou...

— Katherine. Meu irmão me contou o segredo. É uma dama e tenho a missão de cuidar de você durante os jogos.

— Obrigado, Akir, mas pode dizer ao laird que não preciso que cuidem de mim.

— Sinto muito, milady, mas não posso contradizer meu irmão. Ele ficaria furioso. Você o viu alguma vez furioso?

— Não, nem espero ver — eu disse.

— Pois então não o contrarie, quando ele se zanga todos o temem.

— Tem medo de seu irmão, Akir?

— Não, medo não, mas sim o temo quando se zanga. Ele é bom, mas muito protetor.

— Diz isto porque ele veio buscá-lo?

— Sim, trata-me como se eu ainda fosse um menino.

— Que idade você tem, Akir?

— Treze anos — disse enquanto esticava o peito.

— Pois sinto lhe dizer que seu irmão tem razão. Não é que ele o considere um menino. Estou convencida que está muito orgulhoso de você, mas estes jogos ainda não são para você. Os

guerreiros que vão competir são homens muito mais velhos do que você e com mais experiência nos campos de batalha.

— Isso mesmo que ele me disse.

— Faça caso de seu irmão, Akir. Ele olha pelo seu bem. — O rapaz abaixou a cabeça e disse. — Além disso, eu o coloquei em uma boa confusão.

— O que aconteceu? — Eu sentia curiosidade.

— Desafiei um Macdonald a lutar com ele no torneio. Aldan, quando soube, zangou-se muito comigo. Afinal é ele que competirá por mim. Em troca me disse que minha missão aqui vai ser não a perder de vista. Também me ordenou que a siga a todas partes porque você é perita em se meter em confusões e precisarei evitar a todo custo.

— Então... ele disse isso? — Indignavam-me aqueles comentários.

— Sim, e não só isso, também comentou... — Ele se conteve e se deteve antes de continuar.

— O quê? — Perguntei por curiosidade.

— Que... é que se ele souber que lhe contei ele vai se zangar muito.

Aproximei-me dele.

— Será nosso segredo. — Sorri.

— Que era uma jovem muito bonita e que era uma lástima que tivesse que andar disfarçada de rapaz. — Sorri, não esperava aquilo. — Ninguém deve saber que você é uma mulher. Sabem somente Murdor, os cavaleiros do Leão e eu, ninguém mais.

— Os cavaleiros do Leão? Quem são?

— São aqueles homens que estão com ele, confia plenamente neles. São amigos de meu irmão e, portanto, amigos dos Macrae.

— Muito bem, e o que supõe que devemos fazer? — perguntei.

— Ir aos jogos, hoje começa o festival. — Ele estava entusiasmado. — Vista-se rápido, precisamos ir à esplanada onde terá lugar o torneio. Meu irmão me deu seu tartan, já está seco. Na verdade, ele esperou que você dormisse, entrou na tenda com muito sigilo e a cobriu com o tecido, não queria que passasse frio. Estava muito preocupado com você, eu sei, conheço-o. Vou falar com meu irmão e depois passo para buscá-la. — Ele partiu com um amplo sorriso em seu rosto.

A que ponto eu cheguei. Eu assistindo jogos selvagens! Pensei. Meu Deus, ajude-me!

Akir veio em seguida a meu encontro, ajudou-me a colocar o tartan. Atravessamos a ampla esplanada até chegar a uma ladeira próxima às muralhas do castelo, naquele lugar havia uma grande multidão de cavaleiros, escudeiros, damas... supus que seria ali onde teria lugar os jogos. Akir me olhou e riu.

— Alguma vez estive em um festival, milady?

— Akir, recorde-se que precisa me chamar de Rob e me trate por você. — Eu lhe pisquei um olho. — Nunca estive em um festival.

— Que curioso!

— Por que os guerreiros entregam seus escudos? — perguntei-lhe. Os competidores os entregavam a seus

escudeiros para serem pendurados nos troncos das árvores próximas à grande esplanada.

— Ora, ora, ora! Precisam ser expostos, todo mundo deve ver os escudos e estandartes dos guerreiros que vão competir.

Estava fascinada por tudo o que via. Rodeava-me uma paisagem colorida entre os escudos, estandartes, as cores dos vestidos das damas e notáveis que se acomodavam na área do campo de batalha. Movimentavam-se para ver o torneio, que estava a ponto de começar.

— Observe! — Akir assinalou um grupo de guerreiros. — Lá está Aldan, vão competir os quatro juntos, os cavaleiros do Leão. Note, cada um usa suas cores e expõe seus escudos. Aqueles quatro juntos são invencíveis. Vamos! — Akir começou a correr para onde estavam os quatro soldados.

Cheguei muito depois que ele, o menino era rápido. Os quatro centraram seus olhares em mim.

— Ninguém diria que é uma mulher!

— Derian! Você não pode ser mais discreto? — Arreganhrou o Kimball. — Desculpe-o, milady, é um bruto sem tato.

— E você diz isso? — Korvan riu e se virou para me olhar. — Deve se sentir muito incômoda debaixo dessas vestimentas. Se Ana, minha esposa, souber que este escocês cabeçudo a obrigou a se vestir com essas roupagens, coitado dele.

Os quatro riram diante do comentário de Korvan.

— Para ser honesta, tenho que dizer que mesmo sendo um bruto inglês e escocês me sinto mais segura debaixo destas roupas de homem — eu disse.

Os três, exceto Aldan, me olharam surpreendidos ante

meu comentário e o silêncio foi seguido de uma grande gargalhada.

— Aldan, eu gostei desta moça! Se você não está interessado nela, eu estou disposto a conquistá-la, disse Derian. Aldan ia falar, mas eu me adiantei, não pude me conter.

— Agradeço suas intenções, cavaleiro, mas sou eu que tenho que me interessar não o laird. — Meu comentário os deixou sem palavras, em seguida entendi o que havia dito e tentei arrumar, mas cada vez piorava, mais... quero dizer que, em meu caso, meu pai, o conde de Dunnottar, prometeu a minha mãe em seu leito de morte que nunca me obrigaria a me casar com alguém que não fosse de meu agrado — eu menti, inventei aquela história para tentar desviar minha falta de tato.

— Ora, ora, ora! Aqui ninguém fala de casamento, moça — disse Derian gargalhando.

Aldan colocou a ponta de sua espada na garganta dele. Sua expressão era de aborrecimento.

— Jamais volte a faltar com o respeito! Ela é uma dama. Deve-lhe uma desculpa neste momento — disse com um olhar frio que congelava a alma.

— Eu me referia a isto quando dizia que não queria ver meu irmão zangado, note suas pupilas, petrificam a qualquer um — sussurrou Akir.

— Derian, excedeu-se e acredito que deve se retratar do que disse, — disse Kimball.

— Sim, Derian, senão serei eu mesmo quem o obrigará a isso — disse Korvan.

— Lamento tê-la ofendido, milady — disse Derian.

— Desculpas aceitas — eu respondi.

Os três homens se afastaram de nós para terminar de se vestir para a competição. Aldan me olhou.

— Akir, nos deixe sozinhos! — ordenou-lhe. O menino obedeceu sem pigarrear. Aldan me olhava com interesse enquanto ajustava sua armadura.

— Encontra-se melhor? — ele perguntou. Prestei pouca atenção ao que ele me dizia, distraí-me observando seu traje e cada movimento dele. Estava extremamente atraente com sua armadura para competir.

— Sim, obrigada, hoje estou muito melhor.

— Não se afaste de meus homens.

— É uma ordem, Macrae?

— Sim, é uma ordem. — Virou-se e me deu as costas.

— Tome cuidado, Macrae! — eu lhe disse. Dispunha-me a andar para onde estava Akir e Murdor, mas a mão dele agarrou a minha e me puxou com força me fazendo cair em seus braços. Agarrou meu queixo entre suas mãos.

— Obrigada, milady. E você também tome cuidado. Agora é uma Macrae e como laird tenho o dever e a obrigação de protegê-la...

— Até que me leve a Kinloss — Eu terminei a frase. Ele sorriu.

— Até que cheguemos a Kinloss — Ele repetiu sorrindo. Suas pupilas estavam fixas nas minhas e seu dedo indicador acariciou minha bochecha.

— Aldan! — gritou Korvan.

— Esperam-me. Fique com Akir e meus homens. — Vi ele partir para onde estavam os cavaleiros do Leão. Observei-o do canto do olho, era um homem que me irritava, mas também me fascinava; além disso, eu tinha a sensação de que o conhecia de muito tempo. Absurda percepção, eu pensei. Quanto mais tempo passava com ele, mais sentia aquela conexão forte que havia entre ambos. Quanto me atraía aquele homem! Precisava chegar a Kinloss, já que era consciente que se passasse muito tempo com ele terminaria me apaixonando. Quanto desejava que ele voltasse a me beijar! Suspirei.

Akir me esperava. Senti como Ailbert olhava com desprezo para Murdor. Também notei que me observava e isso me deixava nervosa.

As trombetas e tambores começaram a ser ouvidos com grande estrondo em toda a esplanada. O senhor do castelo acompanhado de sua esposa junto com as filhas deste, damas de companhia e notáveis próximos ao amo, dirigiam-se à tribuna localizada na parte central do recinto. O resto de cortesãos, damas e cavaleiros que não competiam estavam acomodados em lugares dispostos ao redor do recinto. Atrás do senhor se sentaram alguns notáveis, um sacerdote e uma espécie de médico, ao ver este último me assustei. Para quê um médico? Cuide do Aldan, meu Deus! Eu supliquei. Sabia que a presença dele se devia às feridas que provocavam os oponentes com suas armas.

Por uma espécie de grade de ferro começaram a passar os guerreiros que foram participar. Em seguida vi Aldan e seus amigos, distinguia-os do restante. O juiz do torneio examinou

as armas e tomou juramento de cada um deles.

— Já vai começar o jogo — sussurrou-me Akir, excitado pelo combate que teria naquele lugar. — Aquele é o senhor de Balleter. — Akir assinalou um homem bonito que usava uma túnica de seda engastada de pedrarias e bordada com ouro e muito colorida, com forro de pele de raposa e o tartan dos Grant bem preso ao ombro. Junto a ele estava uma dama muito mais jovem do que o senhor, bonita e com expressão triste, e ao lado dela duas moças jovens que deviam ser as filhas de ambos, teriam 16 e 15 anos, mais ou menos, é a idade que eu calculei. Observei como uma delas, a mais velha, não tirava o olho de Aldan. — Agora ele se levantará e com um gesto de sua mão dará início ao torneio, as trombetas serão ouvidas e a luta começará.

— Quem são elas? — Assinalei às duas jovens.

— São as filhas do laird. O laird deseja se unir aos Macrae através do casamento de sua filha mais velha com Aldan. Até ontem era uma menina, mas agora já tem idade suficiente para contrair matrimônio.

— E seu irmão o que pensa?

— Meu irmão? Ora, ora, ora! Ele não quer se casar com ela, nem com nenhuma mulher, ou isso é o que diz. Embora saiba que a obrigação de um laird é ter descendentes e, portanto, contrair matrimônio.

— Entendo. Se não se casar, imagino que recairia em você ser o laird no caso dele não ter descendência.

— Sim, mas isso não vai acontecer. Além disso, eu jamais faria isso a meu irmão, eu o casaria mesmo que fosse à força. —

Ambos rimos.

— Você é um bom rapaz, Akir. Aldan deve sentir muito orgulhosos de você — disse-lhe, assim eu sentia.

— Bom, ele não demonstra seus sentimentos. Desde pequeno o treinaram para ocultá-los. Meu pai foi seu instrutor. Por ser o primogênito lhe tocou liberar batalhas com meu pai que foi mais duro com ele do que comigo. Mas eu sei que me ama. Meu irmão defende com sua própria vida aos seus, como você, — ele me disse enquanto me piscava um olho.

— Mas eu não pertenço a ele, Akir, ele somente precisa me acompanhar a Kinloss — eu disse.

— Ora, ora, ora! Ele já lhe deu seu tartan e você o usa.

— Mas isso não tem nada a ver — eu lhe respondi, — deixou-me isso para o frio.

— Está equivocada, isso significa tudo. A mulher que fica com o tartan de um escocês lhe pertence por toda a vida, aceita suas cores. — Eu não dei atenção a seus comentários, era um menino e o mais provável era que Aldan não lhe tivesse informado da missão que devia realizar comigo.

Começou o torneio, os diferentes clãs competiam, foram caindo um a um. A ferocidade e força de Aldan me surpreenderam. Várias vezes tapei o rosto por medo de que a lança o derrubasse, mas os cavaleiros da ordem do Leão foram ganhando de cada um de seus competidores até que, ao final, foram os ganhadores. Aquela vitória abriu caminho ao combate a pé. Não podia acreditar que aquilo ainda não tivesse acabado. A luta era feroz, davam e recebiam golpes por toda parte, sangravam e, mesmo assim, as pessoas diante daquele jogo

selvagem aplaudiam e aclamavam os membros de seus clãs.

— São invencíveis! — disse Akir com orgulho.

— São selvagens — eu sussurrei.

— Por que diz isso?

— Porque estão sangrando e se golpeiam e lutam com suas espadas.

— Sua honra é o que está em jogo. Feridas são o melhor troféu que um homem pode ter. Eu quero ter cicatrizes.

Olhei-o surpreendida, não acreditava no que ele estava me dizendo.

— Ter cicatrizes não significa que é mais homem, Akir.

— Pois claro que sim! Eu quero ter muitas, como Aldan. — Nesse momento observei Aldan, acertaram um bom golpe nele, assustei-me, mas ele se levantou e com grande ferocidade se equilibrou sobre seu competidor e o deixou no chão, sem poder reagir. Eles venceram. Os quatros deram um grito de alegria, abraçaram-se com entusiasmo. As trombetas e os tambores foram ouvidos por toda parte, assim como a explosão dos homens de Aldan e dos outros amigos dele. Tinham vencido e isso era sinal de orgulho, valentia, força e poder. Montaram sobre seus cavalos e cada um deles se dirigiu a uma dama. Levavam em suas lanças uma espécie de fita. Observei que Kimball e Korvan dedicavam a duas mulheres muito bonitas, deviam ser suas esposas, estas o agarraram e o amarraram em seus pulsos. Ingênua eu alberguei a esperança de que Aldan também me presentearia com a parte de tecido azul, mas ele nem me olhou, entregou-o à jovem filha do clã Grant. Senti-me triste, desejei ser eu aquela mulher. Mas eu estava vestida de

homem e não o interessava, nem atraía.

— Se não vai se casar com a jovem... por que lhe entrega seu lenço? — perguntei a Akir.

— É o que ele deve fazer. Se o tivesse entregado a outra dama teria sido uma ofensa para o clã Grant. Agora os guerreiros irão a suas respectivas tendas, trocarão de roupa e terá lugar o banquete. As damas escolhidas pelos guerreiros lhes servirão vinho, sentarão nos lugares de honra da mesa que preside o banquete, junto ao organizador da Justa. Depois virá o baile. Vamos! Quero ver meu irmão.

Akir puxou-me em direção à tenda de campanha onde estava Aldan e todos os guerreiros, também estavam as mulheres de Kimball e Korvan que sorriam diante da alegria dos homens. Observei-as, eram diferentes do resto das mulheres. Aldan me olhou e ao ver-me ali, estava sorridente, eu o achei muito atraente, embora tenha me chamado a atenção o sangue que havia em seu braço. Cada um se foi para suas respectivas tendas. Murdor, Balgair e Ailbert, junto com Akir e eu ficamos ali. Todos riam e falavam sobre a luta. Aldan começou a se despir, tirou a cota de malha e a veste metálica e ficou nu de cintura para cima. Deu meu! Pensei ao vê-lo. Era como uma escultura de Michelangelo, um torso forte, musculoso, dourado pelo sol e com várias cicatrizes de guerra. Lavou a ferida de seu braço, a qual não parava de sangrar, mas ele não lhe dava nenhuma importância. Eu não podia afastar ao olhar dele. Que bonito era! Estava incômoda com aquela situação, de fato sentia acanhamento, estar com um grupo de homens aos quais considerava bárbaros, de outra época, tão

grandes e fortes me parecia estranho. Acabava de presenciar um torneio! Era para me deixar louca. Ele me ignorava por completo, mas isso me permitia observar cada linha de seu corpo e cada traço de seu rosto. Além disso, eles falavam em galês e eu não entendia nada. De repente começaram a partir todos da tenda, inclusive Akir, eu segui a este último, mas Akir me sussurrou que Aldan queria que eu ficasse, algo que não gostei e ainda mais com seu torso descoberto. Estava de costas para mim.

— Deixe-me ver essa ferida? — eu lhe disse. — Não tem boa aparência — aponte.

— É um arranhão sem importância — ele respondeu.

— Um arranhão? Não para de sangrar! — Avancei para ele. — Por favor, pode se sentar? — Era tão alto que estando de pé me resultava impossível lhe ver bem a ferida. Aproximei-me dele e tentei não me deixar levar pela atração que sentia; e mais, não queria que ele notasse aquilo. Molhei as tiras de linho na água temperada de um recipiente de madeira e fui limpando o sangue que se misturava com o pó da batalha. Preferia não o olhar, já que seu rosto estava muito próximo ao meu, sentia sua respiração. O sangue brotava, então uma vez limpa eu pressionei uma das tiras de linho sobre a ferida. Fui enfaixando-a tal e como aprendi em um curso que fiz de primeiros socorros. — Está pronto! Precisa voltar a limpá-la à noite para evitar que infeccione — eu lhe disse. Não podia olhá-lo nos olhos. Estava me afastando dele, mas senti sua mão segurando a minha e me obrigando a fixar minhas pupilas sobre as dele. Nossos rostos estavam muito próximos um do

outro. Seus olhos cor mel me olhavam com intensidade e eu senti um calafrio que percorreu todo meu corpo. Nenhum homem havia provocado essas sensações em mim, exceto ele.

— Obrigado, Katherine — ele me sussurrou. Seus olhos estavam fixos em minha boca, seu rosto se aproximou do meu e nossos lábios estavam tão próximos que senti medo nesse momento de meus sentimentos. Desejava que ele me beijasse, mas temia que ele fizesse por medo da minha reação. Desde que ele me beijou na aldeia quis voltar a senti-lo, já que me fez tremer e isso eu nunca experimentara com ninguém, meu coração pulsava com celeridade sem desejar me afastar dele. Afastei-me, tremendo. Não podia me apaixonar por um homem que não sabia quanto tempo estaria em minha vida. Era algo surreal o que estava acontecendo, e ainda mais porque sentia algo forte por ele, meu coração me dizia que já o conhecia. Ideias absurdas, eu pensei. Mas o sentia. De fato, conforme me afastei dele e recolhi os tecidos impregnados de seu sangue vi que havia uma mancha com forma de trevo em sua omoplata, surpreendi-me, eu havia sonhado várias vezes desde pequena com um homem ao qual nunca via o rosto com uma mancha assim na omoplata, um sonho que se repetiu noite após noite, e ao qual nunca dei importância, nem prestei atenção até que a vi nele.

Aldan se levantou e me agarrou pelos ombros me obrigando a virar e ficar de frente para ele.

— Agora haverá um grande banquete e depois um baile. Não quero que se afaste do Akir. Dei instruções precisas a meu irmão para que a traga para dormir aqui. Amanhã partiremos

para Kinloss. — Nesse momento olhei para ver onde estava a bolsa onde levava o manuscrito e a pedra que Begira me deu. Estava escondida e bem guardada junto à cama. — Não se meta em confusões. Nos festivais os homens se embebedam e podem lhe dar algum susto. — Pegou uma camisa branca e começou a tirar as meias, virei-me, ruborizada.

— Sairei para fora com seus homens — eu lhe disse, não tinha intenção de vê-lo nu.

— Ora, ora, ora! Já pode se virar. — Colocou seu kilt e seu tartan, com as cores do clã Macrae, com suas botas de pele. Estava imponente. Olhei suas musculosas pernas, devo ter feito cara de assombro e ele soltou uma grande gargalhada. — Já sabe o que eu lhe disse, não se meta em confusões, e é uma ordem! — Saiu da tenda.

Uff! Eu suspirei. Que homem! Pensei alto. Nesse momento entrou Akir.

— Vamos, milady! Precisamos ir com os guerreiros ao banquete.

— Akir, deve se controlar, já sabe que meu nome agora é Rob — eu lhe disse piscando o olho.

Sentir o ar frio em meu rosto e o aroma de pinheiro me veio bem para afastar de minha mente as sensações tão fortes que aquele homem me fazia sentir. Rezava para que ele nunca se desse conta. Precisava chegar o quanto antes naquela capela e tentar retornar a minha época resolvendo todas as incógnitas.

Em seguida vi Aldan junto a seus três amigos na mesa de honra junto ao laird do clã Grant, sua esposa e filhas; também estavam as mulheres de Korvan e Kimball. As damas serviam o

vinho aos ganhadores. A filha do laird do clã Grant presenteava Aldan com sorrisos, e, sem poder evitar, senti muitos ciúmes. Devia reconhecer que me incomodava, ela o olhava com olhos de desejo e o presenteava com sorrisos constantemente. Em nenhum momento se fixou em mim, ou isso é o que eu pensava.

— Este rapaz precisa beber vinho — disse Balgair referindo-se a mim.

— Não, não... não me sinto muito bem. — Era verdade, assim que bebesse uma taça de vinho me subiria em seguida à cabeça.

— Parece uma dama. Como que não se sente bem? Os Macrae tomam vinho.

— Ora, ora, ora! — Todos riram enquanto Murdor enchia minha taça. Akir quis detê-los, mas era impossível, viam-me débil e não queriam ninguém assim em seu clã.

Meu Deus! Eu pensei. A tarde seria intensa. Tomei um pouco da taça e sorri como vitorioso, mas a expressão de seus rostos era de desilusão, olhavam-me com seriedade e rechaço.

— Está rindo de nós? — disse Balgair.

— Ande, deixe-o — disse Murdor com um grande sorriso em seu rosto.

— Deixá-lo? Com este vamos ser a fofoca de todos os clãs. — Aproximou seu rosto ao meu. — Beba o vinho de um gole! — Sua voz retumbou em meus ouvidos. — Se não quiser que eu mesmo o obrigue a beber rapaz.

Somente a ideia de que aquele bruto me pusesse as mãos em cima me obrigou a lhe mostrar que eu não temia a

ninguém, nem a nada. Talvez, eu pensei uma taça não me fará perder o sentido. Agarrei o copo de madeira, levantei-o.

— À sua saúde! — Gritei e bebi aquilo de um gole. Os Macrae me aplaudiram e também se somaram ao aplauso os Mackenzie que estavam atentos à nossa conversa. Morria nesse momento da vergonha, mas sorri como se tivesse feito um grande heroísmo.

— Agora outro! Demonstre que é um autêntico Macrae — disse Shaw Mackenzie. Reconheci-o em seguida, esperava que ele não o fizesse.

— Coloque-nos bem alto, rapaz! Demonstre sua dignidade! — Disse Ailbert me enchendo outro copo de vinho. Olhei para Murdor e para Akir e ambos levantaram os ombros me dando a entender que não podiam fazer nada.

— Há muitos soldados atentos a você. Precisa agir como um homem, milady — sussurrou-me ao ouvido Akir. Ele estava certo, os Mackenzie se somaram à festa. Uff! Eu pensei, não sei como vou terminar.

Bebi de um só gole o vinho e este já começava a fazer efeito em mim, sentia-me triunfante. Sorri e levantei um braço em sinal de ter feito um heroísmo. Depois deste se seguiu um terceiro e aquele foi o arremate, minha risada era incontrollável, fazia brincadeiras com os homens, até me sentia um guerreiro e somei às críticas para os Macdonald. Uma das vezes olhei para onde estava Aldan e observei sua cara de desaprovação e aborrecimento, mas eu, longe de deixá-lo estar, levantei a mão e o saudei, sua face foi de assombro e ira. Mas eu estava passando bem e desfrutava incomodando-o e vendo-o raivoso e

com o cenho franzido.

Saí com os Macrae e Mackenzie para fora com a intenção de ir à cama, estava enjoada e Akir não queria que eu continuasse ali, via o que se passava. Na planície próxima ao rio nos esperavam alguns Macdonald, os mesmos que estiveram zombando de nós durante o banquete, queriam briga. Sem saber ou entender, os três clãs começaram uma grande batalha entre eles à base de murros, chutes e algumas cabeçadas estranhas. Eu somente via homens caírem de bruços ao chão ao meu redor.

— Vamos! Devo colocá-la a salvo — disse-me Akir, mas nesse momento um dos Macdonald golpeou Akir, que caiu na erva úmida, e depois a mim, desabei ao chão com uma grande dor no ventre.

— Maldito! — O soldado Macdonald era o mesmo que me atirara ao rio. Levantou-me com violência e ia me golpear, mas nesse momento Aldan, que não sei de onde saiu, pregou-lhe um murro que o deixou inconsciente.

Meu escocês me agarrou pelo braço e me olhou preocupado.

— Está bêbada! Uma dama não toma vinho daquela maneira — ele me recriminou.

— Não estou bêbada, somente... um pouco contente. — Ri.

— Meu Deus! — ele disse. — Está descontrolada. Disse que não se metesse em confusões.

Nesse momento outro Macdonald foi golpear Aldan que esquivou o golpe, mas eu me pus no meio e o murro foi parar em minha bochecha, eu sangrava e voltei a cair ao chão,

dolorida, mas sem parar de rir pelo efeito que fazia em mim o álcool. Aldan me olhou, assustado e desesperado de ver-me nesse estado. Sua cólera o levou a se mover com rapidez e agilidade golpeando o guerreiro com força, este cambaleou. Aldan aproveitou o instante para me levantar.

— Vá à tenda! — Ele me ordenou. Nesse momento de desorientação de Aldan, o Macdonald o atingiu com um chute que o fez cair.

O Macdonald sorriu aproximando-se dele, agarrou uma pedra entre suas mãos. O que ele pretendia! Eu pensei. Não permitiria que ele o matasse ou o ferisse com aquela pedra. Agarrei um pau que havia no chão, fui correndo para ele e o ataquei nas costas. Este se virou e me olhou com ódio, oportunidade que Aldan teve para golpeá-lo e eu aproveitei para me agarrar a seu pescoço e me pendurar em suas costas. O Macrae lhe deu vários murros e em seguida este desmoronou inconsciente.

Ele me agarrou pelo braço, eu resisti, ele me machucava. Levava-me com rapidez para a tenda, eu o freava, não podia segui-lo. Ele se deteve, suspirou e me agarrou como se se tratasse de um saco de batatas. Comecei a espernear.

— Ordeno que me baixe! Pode-se saber o que faz. Quero continuar brigando! — Eu estava a ponto de vomitar. Deixou-me em cima da cama da tenda me olhando com cara de desaprovação.

— Não se mova! — ordenou-me, diante de seu tom feroz e de aborrecimento não pigarreei; além disso, estava enjoada e dolorida. Arrancou uma parte de sua camisa branca, molhou-a

na água, sentou-se na cama, endireitou-me forçando a que me apoiasse sobre seu peito e começou a limpar com suavidade o sangue que escorria por minha bochecha. — Não ficará marca, mas poderia tê-la matado.

— Eu acredito que era a você quem ele mataria com aquela pedra — eu lhe respondi. Notei como ele sorria, provavelmente se recordando de minha façanha.

— Bom, devo reconhecer que ali você agiu como um autêntico Macrae. — Piscou-me um olho. — Mas isso não apaga que tenha se comportado de uma forma nada lógica. Embebedou-se! Bebeu vinho como um de meus homens.

— Seus homens me incitaram e me obrigaram e depois se uniram aos Mackenzie. O que queria que eu fizesse? Eles pensam que sou um homem. Além disso, os Macrae são assim e eu me comportei como um deles.

— Deveria ter me olhado e teria bastado para eu saber que devia ir em sua ajuda — ele me respondeu magoado.

— Olhado? Recordo-lhe que você estava muito atento presenteando sorrisos à filha dos Grant para notar se eu o olhava ou não.

— Estava cuidando de você, — disse com firmeza. Surpreendeu-me seu comentário e me senti adulada. Guardei silêncio.

Nesse momento irromperam Kimball, Korvan e Derian na tenda, também com os rostos machucados.

— Esses Macdonald já não voltarão a nos incomodar mais — disse Korvan sorrindo.

— Mas... por amor de Deus! Pode-se saber o que

aconteceu? — Disse Kimball analisando meu estado. — Direi a Elizabeth que venha curá-la, tenho certeza de que tem machucados por todo o corpo.

Korvan e Kimball se foram da tenda. Passados alguns minutos apareceram as mulheres de ambos. A mulher de Korvan, Ana, estava grávida, e Korvan a observava sem nem pestanejar. Havia muita cumplicidade nos dois casais.

— A qual dos quatro ocorreu a genial ideia de disfarçar uma mulher de homem para a Justa? — Disse Ana.

— Querida, nós não temos nada a ver. Aldan é o único responsável — disse Korvan tocando com carinho o ventre de sua esposa. Ana olhou para Aldan enquanto Elizabeth se aproximava de mim para ver minha bochecha.

— Eu a adverti, disse-lhe que não se metesse em confusões e parece que ela as busca — disse Aldan.

— Sim, tenho certeza. Com tanto bruto rodeando-a é difícil sair ilesa — ela disse referindo-se a mim na terceira pessoa como Aldan fazia quando falava de mim.

— Ora, ora, ora! — Riram os três, exceto Aldan que me escrutinava a ferida.

— Bom, podem nos deixar sozinhas — disse Elizabeth aos cavaleiros. Todos lhe obedeceram menos Aldan, que ficou de pé com os braços cruzados e seu olhar fixo em mim. — Aldan! Você também deve partir. Fora da tenda, quero ver as costelas dela! — Ele obedeceu. Ela me olhou com um grande sorriso em seu rosto. — Como se chama querida?

— Katherine — eu respondi. Ana se sentou sobre a cama. Fixei-me em seu ventre, deveria estar de uns sete meses. Ela

notou meu olhar.

— Perguntará o que faz uma mulher em meu estado na Justa. — Sorria. — Sinceramente é porque quando os cavaleiros do Leão estão juntos sempre há brigas e não me equivoquei. Estou farta destes festivais, ao final sempre há rixas entre alguns clãs e acabam machucados. Não quero que James venha aos jogos com seu pai, ainda é muito pequeno, mas Korvan está desejando que ele cresça um pouco para adestrá-lo na batalha e que possa competir — disse Ana resignada.

— Isso é o que acontece ao estar casada com um guerreiro — disse Elizabeth enquanto me ajudava a tirar a camisa. Em seguida viu a minha ferida no quadril. — O que lhe aconteceu? — Eu relatei o ocorrido. — Tem sorte, não ficará marca, quem a curou o fez muito bem. — Apalpou-me as costelas. — Não tem nenhuma fraturada. — Ajudou-me a colocar a camisa e nesse momento a viu. Pegou a cruz de David. Olhou para Ana, ela também a viu. — De onde a conseguiu? — Perguntou-me.

— É um presente — respondi com certo temor, recordei as palavras de Begira quando me deu isso. Eu a tirei das mãos dela e a ocultei. — Muito obrigada por me ter curado. — Tentei desviar a conversa.

— Quem lhe deu isso de presente? — insistiu Ana.

Nesse momento irrompeu Aldan na tenda, agradei que assim fosse, já que não sabia o que responder.

— Querida, que ninguém a veja — sussurrou-me ao ouvido Elizabeth. Colocou-se de frente para Aldan. — Já vamos, mas que não faça esforços, não tem as costelas quebradas, mas doerá, recebeu um bom golpe. Amanhã terá o olho arroxado e

lhe sairão hematomas e lhe doerá todo o corpo, mas irá passar. Cuide dela. — Ambas partiram e nos deixaram sozinhos. Ele não afastava seu olhar do meu.

— Descanse, amanhã madrugaremos. Iremos direto a Kinloss.

XIX

Hernes analisava o recém-chegado pela pequena janela da biblioteca da abadia de Kilwinning. Virou-se e olhou para Simón de Monfort que também observava junto a ele.

— Aí está — disse Monfort.

— Um Macrae que trai os homens de seu clã não é confiável — disse Hernes. Monfort se afastou dele e foi direto à porta de entrada.

— Se nos trair ele sabe que morrerá — disse o conde de Leicester.

— Não pode saber que o sacerdote e a anciã estão aqui, senão, não falará — disse Hernes.

Simón assentiu e abriu a porta, havia dois soldados esperando suas ordens.

— Chegou o homem que eu esperava, vão buscá-lo à entrada da abadia.

Ambos estavam nervosos. Hernes não só tinha em mente o manuscrito perdido que sabia que estava de posse da jovem Dunnottar, mas, também sabia que Juan de York já estava em solo escocês. Somente de pensar lhe provocava irritação. O abade possuía algo que lhe pertencia e a sede de vingança o sufocava. Seu ódio por ele crescera durante todos aqueles anos nos quais Juan de York esteve escondido na França e,

finalmente, chegara o momento de poder matá-lo. Nesse instante a porta foi aberta e apareceu um homem alto, forte, de cabelos claros e com olhar frio e duro. Não restava dúvida que era um Macrae.

— Recebemos sua mensagem, pensávamos que chegaria ontem. Atrasou-se — disse Monfort.

— Não pude vir antes, poderia ter levantado suspeitas — disse com voz tosca e rouca.

— E então? — Perguntou-lhe Monfort.

— Encontrei a mulher. — Hernes, ao escutá-lo, avançou para onde estava o guerreiro, e Monfort se aproximou mais dele à espera que desse mais detalhes. — Espero que cumpra sua promessa.

— Dei a minha palavra — disse Monfort, embora ele soubesse que chegado o momento pensaria se o deixaria com vida ou o mataria. O mais importante era saber onde ela estava.

XX

Juan de York acreditava que devia estar muito próximo a Kinloss. Embora o transitar por caminhos ocultos nos bosques lhe dificultasse a orientação. Sabia que Hernes seguia seus passos, queria o livro e com ele o segredo guardado durante séculos pelos primeiros cristãos. Ainda se recordava das palavras do aldeão que o alojou, fazia duas noites, em sua cabana: “Ultimamente andam rondando soldados ingleses. Mas há um que nos ameaçou. Pede que lhe informemos de quando virmos um religioso que responde pelo nome de Juan de York. É horripilante, senhor, parte de seu rosto está queimado e o esconde atrás do capuz de sua capa negra. E vem nos ameaçar”.

Em seguida eu soube que se tratava de Hernes. Maldito seja! Pensou o abade. “Eu devia tê-lo matado quando tive a oportunidade”, disse em voz alta.

York queria se refugiar em Kinloss, lá estava a chave de tudo e seria ele quem os surpreenderia.

A noite era fria e o som dos animais do bosque era assustador. O abade olhou para todos os lados, temia a noite e mais ainda se havia névoa espessa que dificultava a visão. Não podia descansar, sabia que devia aproveitar a escuridão para avançar entre os bosques e escarpados que levavam até

Kinloss.

XXI

— Sim, Kimball, o caso é que não a reconheci imediatamente, mas depois soube que era Begira — eu lhe disse.

— Ela me comentou que precisava ir para Dunnottar, notei-a preocupada, mas não lhe perguntei, sempre é muito reservada. Maldita seja! Não devia tê-la deixado partir — disse Kimball.

— Não se martirize, tampouco sabia o que aconteceria — respondeu Aldan.

— Mas... O que tem a ver essa jovem com ela? — perguntou Kimball, pensativo.

— Só me disseram que carrega em seu poder um manuscrito. Korvan lembra-se do pergaminho pelo qual perseguiam Ana? — Perguntei-lhe.

— Pois claro, como poderia não me lembra? Quase a matam por isso.

— Pois bem, esta moça tem a outra parte, deve levá-lo a uma capela em Kinloss, e lá um frade será o encarregado de esperá-la para escondê-lo dos homens que anseiam possuí-lo. Eu levo a outra metade, acredito que chegou o momento de nos desprender daquilo que tantas desgraças trouxe para nossas vidas.

— Alguma ideia de onde podem estar Begira e o padre Lean? — Perguntou Korvan, pensativo.

— Se minha intuição não falhar, foram levados para Kilwinning. Soldados ingleses estão se reunindo lá por estes dias. Os Macdonald foram assassinados a caminho de Inverness por ingleses, os mesmos que os levaram — eu lhes disse. — Onde está Derian? — eu perguntei.

— Preciso partir precipitadamente para suas terras, tem problemas. — Kimball se movia nervoso de um lado para outro. — Muito bem, você deve levar a jovem para Kinloss e se assegurar de que ambos os manuscritos e ela cheguem a salvo. Korvan leve seus homens e sua esposa para seu lar, eu farei o mesmo com Elizabeth e depois Korvan e eu rastreamos a área próxima a Inverness e nos dirigiremos para Kilwinning. — Eu assenti. Vi-os partir. Dirigi-me para meus homens.

— Murdor, Balgair, Brod, Ailbert...! Onde está Ailbert? — Procurei-o com o olhar, mas não o vi pelos arredores. — Partam para Skye, quero colocar Akir a salvo. Eu não irei com vocês. — Murdor se aproximou de mim.

— Vou com você, Aldan — Murdor me sussurrou.

— Não, já morreram vários homens, há ingleses pelas terras escocesas, os mesmos que mataram os Macdonald; além disso, Begira e o padre Lean desapareceram, o perigo espreita nossas terras e muitos são os que querem matar a meus homens e a mim. Quero que coloquem meu irmão a salvo.

Nesse momento Katherine saiu da tenda, olhei-a, estava com a bochecha roxa e inchada, doía-me por ela. Se não tivesse sido tão teimosa e me dado atenção, eu pensei. Quis evitar sua

dor e que a golpeassem, nenhum homem devia bater em uma mulher e aquele bastardo o fez. Devia matá-lo. Aquela jovem me era importante, devia reconhecê-lo, começava a sentir algo forte pela moça. Precisava tê-la perto de mim, queria protegê-la a todo o momento. O que estava me acontecendo? Seu sorriso me deixava louco, seus olhos me davam paz e seu olhar me chegava até o mais profundo de minha alma. Sentia como se a conhecesse, como se ela fosse a mulher que eu estivesse esperando toda minha vida. Devia admitir, estava apaixonado por essa morena de olhos negros cujo caráter rebelde me cativava. Gostava que ela usasse o tartan dos Macrae, nossas cores, isso fazia com que a considerasse minha, embora ela fosse uma Dunnottar. O que era claro é que eu a levaria até Kinloss, deixaríamos os manuscritos e a traria comigo, jamais a deixaria ali, longe de mim.

Ela me olhou, eu sabia que devia doer todo o corpo dela, mas não demonstrou nenhuma expressão de cansaço, nem mal-estar. Aproximei-me dela.

— Como se encontra? — Perguntei-lhe.

— Bem, obrigada. — Levantei minha sobrancelha. Era orgulhosa e não reconheceria nada diante de mim. Achei engraçada a sua atitude, de fato eu adorava que fosse assim.

— Tem certeza? Poderá cavalgar? — Perguntei.

— Se você pode fazê-lo, Aldan Macrae, eu também. — Soltei uma gargalhada.

— Mas se esqueceu de uma coisa, eu estou acostumado às brigas, estão no meu dia a dia, mas você ontem recebeu golpes e se embbedou. Deve ter hoje uma forte dor de cabeça.

— Bom isso é verdade, e me dói todo o corpo. — Coloquei-me em frente a ela com os braços cruzados.

— E a bochecha? Deixe-me vê-la! — Aproximei-me e lhe segurei o rosto com minha mão. — Não ficará marca, mas a terá arroxçada e dolorido durante alguns dias.

— Que bom! — Ela respondeu com ironia. Sorri.

— Então está preparada para cavalgar?

— Sim — ela respondeu. — Quero chegar quanto antes a Kinloss.

Ajudei-a a montar no cavalo. Era forte e apesar de sua dor não se queixou. Coloquei o tartan pelos ombros, algo que ela agradeceu. Era muito cedo e fazia frio. Vi meus homens se afastarem em direção a Skye e nós empreendemos a marcha em direção contrária. Olhei-a.

— Vamos! — Ela assentiu.

Íamos um ao lado do outro, observava-a pelo canto do olho e via como ela estava analisando entusiasmada a paisagem que cruzávamos. Aquelas terras eram espetaculares, grandes vales sulcados por rios caudalosos e rodeados de imensas montanhas que demonstravam a todos os cavaleiros que passavam por ali seu imenso poder. O vento refrescava nossos rostos.

— Está prometida a algum conde ou barão? — Perguntei-lhe. Ela se surpreendeu diante de minha pergunta.

— Comprometida? Não, é claro que não — disse com firmeza.

— Estranho.

— Você estranha? — Perguntou-me com surpresa.

— Sim. — Eu sorri. — Não entendo que uma jovem tão bonita não tenha nenhuma proposta de casamento. — Ela ruborizou-se.

— Não, e se alguém tivesse pedido minha mão, não teria aceito.

— Por quê? Você não gostaria de ter filhos como todas as mulheres.

— Jamais me casarei com alguém que me imponham, quero estar apaixonada. — Surpreendi-me, nunca tinha escutado aquelas palavras de uma dama.

— Ora, ora, ora! Seu pai é quem fará a escolha por você e você deverá aceitar, — ele disse. Era assim, as mulheres não podiam decidir com quem queriam se casar.

— Pois comigo não será assim. Casar sem amor é uma união direto ao fracasso.

— Nisso penso igual a você. — Pisquei-lhe um olho.

— E você? Tenho certeza que há alguma jovem que o espera em Skye.

— Não, eu jamais me casarei. O casamento não entra em meus planos e se alguma vez o fizer será porque estou muito apaixonado pela dama em questão. — Olhei-a, parecia satisfeita com minha resposta. — Eu gosto que pense assim, Dunnottar, não acredito que devam impor um marido ou esposa a ninguém. — Sorriu e eu lhe pisquei um olho.

Estivemos em silêncio todo o restante do percurso. Katherine não protestou. Decidi fazer uma parada breve para comer. Detive meu cavalo em uma esplanada ao lado de um riacho. A temperatura havia subido, e a jovem agradeceu

aquele descanso. Estava muito pálida. Desci de um salto e com rapidez fui pegá-la pela cintura para ajudá-la a descer. Pensei que ela desmaiaria em meus braços, mas ela soube se recompor em seguida.

— Eu gostaria de me banhar no rio.

— Muito bem, eu ficarei a seu lado até que termine seu banho. — Olhou-me com surpresa.

— Queria ficar sozinha, obrigado. Não necessito companhia.

— Se quer se banhar pode fazê-lo, mas eu não me moverei daqui. Acalme-se, que estarei de costas para não a ver nua se for isso o que a preocupa — eu lhe disse em tom irônico.

— Ora, que atencioso! Obrigada por essa observação, Aldan Macrae. Quero colocar minhas roupas de mulher.

— Sim, assim poderemos dizer que é minha esposa.

Ela não respondeu, agarrou sua bolsa e se dirigiu ao rio. Eu a segui, não podia afastar o olhar de sua figura, gostava da forma graciosa com a qual se movia. Possuía coragem, era valente, forte, ideal para ser uma Macrae, ideal para ser minha esposa, eu pensei. A ideia não me desgostava. Chegamos ao rio, eu a olhava e ela estava de frente para mim com os braços cruzados, fez uma careta, era de desgosto.

— E então? — Ela me disse.

— E então, o quê? — Respondi.

— Poderia se virar. Não pretende que eu tire a roupa estando você aí me olhando?

— Ora, ora, ora! — Ri enquanto me virava e me apoiava no tronco de uma árvore.

— Aconselho-o que se sente, vou aproveitar o banho e demorarei para sair, Aldan Macrae — ela disse.

— Não me importo, a decisão de esperá-la não muda. — Sorri.

Em seguida escutei o contato do corpo da jovem contra a água. Quanto desejava estar junto dela. Escutei um gemido.

— Que fria está! — Ela grunhiu.

— Pois o que pensava? Está nas Highlands.

— Mas será que aqui alguma vez faz calor?

— Esta é a melhor época do ano. A temperatura é formidável.

— Formidável? Pois não me parece isso.

— Deverá ir se acostumando — eu lhe disse.

— Acostumando? Não, Aldan, uma vez que chegue a Kinloss e finalize meu encargo partirei daqui. Espero que para sempre — eu a ouvi sussurrar.

Eu não considerava em permitir, pensei. Queria-a para mim, gostava dela e não pensava em deixar que ela se afastasse de meu lado com tanta facilidade. Escutei que ela saía da água. A brisa me trazia seu perfume.

— Para sempre? — Perguntei-lhe, mas ela não me respondeu. Ficou em minha frente.

— Já estou preparada. — Sorriu.

Estava linda, com seu cabelo solto, molhado e vestida de mulher. Surpreendi-me de vê-la e ela deve ter notado, desviou o olhar e avançou para onde deixamos os cavalos. Segui-a de longe. A noite seria fria. Coloquei os tartans no chão, e Katherine se tapou.

— Quando calcula que chegaremos em Kinloss? — Ela perguntou.

— Em dois dias — respondi.

Eu também me dispus a descansar. Ela não parava de se virar e eu não conseguia me concentrar em dormir.

— Posso saber o que houve? — Perguntei-lhe.

— Tenho muito frio, não consigo dormir — ela me disse. Estava tiritando e quase não conseguia articular as palavras.

Levantei-me e coloquei meu tartan a seu lado. Atrai-a para mim e a envolvi com meus braços. Pensei que ela protestaria, mas me surpreendeu comprovar que se aconchegou entre meus braços. Logo deixou de tiritar. Ficou profundamente adormecida.



— Precisamos partir — eu lhe sussurrei.

Ela em seguida se levantou e começamos a jornada. Estava muito calada, pouco habitual na moça.

— Encontra-se bem? — eu lhe perguntei.

— Sim, somente estou desejando chegar a Kinloss.

— Por quê? Há algo que a preocupa? — Olhou-me. Vi tristeza em seus olhos.

— Sim, Aldan, há muitas coisas em minha vida que preciso encontrar respostas e uma saída para todas elas.

— E acredita que as encontrará em Kinloss? — Ela baixou seu rosto.

— Não sei, espero que sim.

— Você sabe quem você é, Katherine? Meu pai pensa que você é a portadora do manuscrito que Santo André escreveu, aquele que decifrá a chave para encontrar as relíquias do Santo e libertará nossas terras.

— Eu não sou essa mulher.

— Mas tem o manuscrito? — Perguntei-lhe.

— Só uma parte, Begira me entregou, disse-me que me correspondia levá-lo, mas ela desapareceu e, na realidade, é quem sabe o que eu preciso fazer quando chegar a Kinloss.

— Eu tenho a outra parte do manuscrito. Quando estivermos em Kinloss, há um frade que nos esperará e precisamos entregar para ele. Você retornará comigo — eu disse com firmeza.

— Não, Aldan, eu preciso ficar lá, tenho que encontrar respostas para tudo o que está acontecendo. — Olhei-a, não entendia ao que ela se referia.

— O que quer dizer, Katherine? — Baixou seu rosto como se estivesse procurando a resposta adequada.

— Você não entenderia. Prefiro não falar disso. — Respeitei sua decisão, mas estava disposto a descobrir o que era que a martirizava. Observei-a, sua bochecha estava menos inchada, embora a cor púrpura por toda a área fosse intensa. Sabia que deveria estar incomodada com as dores pelo corpo, mas ela não protestava e continuava ali, sem dar amostras de dor, nem de cansaço.

A jornada havia sido dura, estava entardecendo, iríamos à aldeia que estava no vale, lá poderíamos descansar e com sorte

Katherine poderia dormir em uma cama. Descemos a escarpa, conforme nos aproximávamos, escutávamos música e risadas, estavam celebrando. Eram as terras dos Fraser, mas os Macrae não mantinham nenhuma inimizade com eles. Receber-nos-iam, pensei, ou ao menos isso eu esperava.

Em seguida notaram nossa presença. A música cessou.

— Não desça, Katherine — eu sussurrei.

— Quem são e o que querem? — Disse-nos um dos homens que ali se encontrava.

— Sou Aldan Macrae e pensei que minha esposa e eu pudéssemos ficar esta noite com vocês. Ela teve uma queda e está dolorida.

O homem nos observava com atenção, avançou um passo para nós.

— É claro, os Macrae são bem-vindos. — Fez um gesto com a mão e a música voltou a ser ouvida. Logo as risadas voltaram a ser protagonistas do lugar. O homem e dois aldeãos se aproximaram de nós. Ajudei Katherine a descer do cavalo.

— O que fazem nestas terras? Há ingleses por toda parte. Nosso laird está organizando os homens para nos proteger deles.

— Sim, sei, vi-os também pelas nossas. Algo tramam — eu lhes disse.

— Bom, esta noite estamos de celebração, houve um nascimento. Estão convidados. Podem descansar em uma de nossas cabanas vazias. Está afastada do resto, mas estarão bem e resguardados da umidade da noite.

— Eu os acompanharei, — disse uma mulher ruiva e

gordinha, que, com um grande sorriso, nos guiou até aquele lugar. — Aqui estarão muito bem. — Acendeu a fogueira. — Assim esquentará a cabana. É pequena, mas acolhedora.

— Está muito bom, obrigada — disse Katherine.

— Assim que estejam acomodados venham à festa, poderão comer algo. — Ela partiu.

A cabana só possuía uma peça, havia uma mesa de madeira com duas cadeiras no centro e em uma lateral estava a cama. Logo começou a esquentar o pequeno lugar. Katherine me olhou.

— Teremos que nos arrumar, ao menos não dormirá ao ar livre e poderá descansar — eu lhe disse. — Agora se desejar poderá se lavar. — Ela assentiu. — Muito bem, então a espero na festa. — Saí da habitação.

Todo mundo se divertia e, apesar do chefe da aldeia falar sem parar sobre o iminente perigo dos ingleses, meu olhar estava fixo na cabana por onde esperava que ela saísse. Transcorreu bastante tempo até que a vi aparecer com o cabelo solto e sua bonita silhueta dirigindo-se até onde era a festa, em seguida uma das mulheres a acolheu. Analisava cada um de seus movimentos, tudo o que me rodeava parou naquele mesmo instante, restava somente ela. O que me acontecia? Como podia ter me apaixonado? Morria de vontade de beijar aquela boca, ela falava com as mulheres e se divertia com elas. Os aldeões dançavam e bebiam, e eu não podia evitar me aproximar dela, precisava dela, ardia de desejo de tocar sua pele, cheirar seu cabelo, sentir sua presença. Avancei, mantinha fixo meu olhar na jovem, Katherine se deu conta

daquilo e me observava com interesse. Tudo parara a nosso redor. Estava tão perto da moça que podia sentir sua respiração, agarrei-a pela mão e a acariciei por instinto, atraí-a para mim e a envolvi com meus braços. Dancei com ela, era uma desculpa, já que somente desejava tê-la. Ela subiu sua mão e acariciou meu braço, aquilo me excitou. Tendo-a tão perto me resultava praticamente impossível não a beijar, meus olhos se detiveram em suas pupilas que me observavam com intensidade, brilhavam de maneira especial, baixei meu olhar para me fixar em seus suaves e carnudos lábios, uma boca doce e sensual que precisava beijar. A música cessou, mas a mantinha entre meus braços, ambos sem nos separar. Ela se afastou devagar, séria, mantendo seu olhar fixo em mim. Mas eu não podia deixá-la partir, avancei para ela até me aproximar tanto que podia sentir os batimentos de seu coração, levantei seu queixo com meu dedo indicador, ela se afastou com acanhamento.

— Katherine... — eu a desejava, não podia deixar de pronunciar seu nome. Como a desejava nesse momento, sabia que se não partisse eu a agarraria nos braços e a levaria à cabana para fazê-la minha, e não estava seguro de que ela também o ansiasse. Eu jamais forçaria alguma mulher a se deitar comigo. — Katherine... — voltei a sussurrar e a puxei pela mão para retê-la a meu lado, mas ela começou a correr para um arvoredo que havia perto da cabana. Fui atrás dela.

Estava sentada, apoiava suas costas sobre o tronco de uma árvore com as mãos tapando seu rosto. Estava chorando. Agarrei-a pelo braço e a levantei, ela me olhou, limpei suas

lágrimas com minha mão e beijei seu rosto úmido, ela não se afastou, acariciou minha bochecha. Então a olhei, nesse momento não sabia porque ela chorava, o que tinha claro é que ela também me desejava, colhi seu rosto com minhas mãos e beijei seus lábios, senti a suavidade deles nos meus, retive-os, ela respondeu a meus beijos me rodeando o pescoço com seus braços, eu abracei sua cintura e a levantei do chão para aproximar mais seu corpo junto ao meu. A suavidade de sua boca convidava ao desejo e necessidade dela. Senti como sua língua acariciava a minha com urgência, afastei-me. Meu Deus! Eu jamais havia sentido o que essa mulher me provocava somente com um beijo. Sorri, ela se ruborizou, voltei a beijá-la me contagiando do calor que desprendia cada roçar com sua pele, um contato que me fazia arder por todo o corpo, reagindo a cada carícia de seus lábios. Ela se afastou.

— Aldan, não pode ser — disse.

— Claro que pode ser. Eu gosto de você Katherine, eu gosto muito.

— Aldan, por favor, não continue. Não volte a fazer.

— Você também me deseja Katherine.

— Não, foi um engano, não pode voltar a acontecer.

Dito isto se foi à cabana e deixei de vê-la. O que havia? Talvez ela pensasse que eu a considerava uma conquista a mais, mas não era assim, eu lhe dera meu tartan e isso já era muito para um Macrae. Ela era diferente, especial. Mulheres! Pensei. Aquela noite dormiria lá fora, sabia que se entrasse na cabana ocorreria o inevitável e eu só queria que acontecesse sempre e quando fosse também a vontade dela. Amanhã

chegaríamos a Kinloss.

XXII

Simón de Monfort cavalgava com seus homens e Hernes a grande velocidade para Kinloss. Do lugar no qual estavam podiam distinguir a pequena abadia de frades franciscanos no alto do escarpado. Esperava que o Highlander não lhe tivesse mentido, não se podia confiar num escocês; embora sim, sabia que ele era ambicioso e queria o posto de laird, que acreditava que lhe corresponderia. Esperariam que Macrae chegasse com a jovem. Pensar naquilo lhe provocava excitação, não só pela beleza dela, mas também pelo manuscrito que sabia ela carregava. Quem realmente o preocupava era Hernes, ele sabia que cedo ou tarde precisaria matá-lo, pois era perigoso, e movido a vingança e ambição.

Uff! Ele suspirou, por outro lado estavam aqueles escoceses, ele os odiava, mas havia assinado um pacto com seu rei de manter a paz com eles, era a única maneira que lhe permitiria atravessar suas terras sem obstáculos.

A abadia estava iluminada pela tênue luz que desprendiam as tochas que custodiavam a porta de entrada. Deixaram os cavalos ocultos no arvoredo. Alguns de seus homens ficariam escondidos, à espera que ele lhes desse o sinal para atacar.

XXIII

Cavalgávamos em silêncio, ele ia diante de mim, não me dirigira a palavra desde que saímos da aldeia. Aquela noite podia ter sido inesquecível junto daquele homem por quem eu sabia estar enamorada, mas não podia complicar minha existência me apaixonando por ele, precisava resolver muitas incógnitas que estavam me incomodando, necessitava de respostas e não podia acrescentar outro problema mais, sabia que se tivesse me deitado com Aldan jamais o esqueceria. Seus beijos já eram uma tortura para mim ao recordá-los. Nunca me beijaram como aquele gigante escocês, aparentemente bruto e frio, mas que, debaixo daquela fachada, era doce, carinhoso e ardente. Meu Deus! Não conseguia afastar de minha mente todas as sensações novas que senti ao roçar seus lábios nos meus. O que eu faria? Havia me apaixonado por ele e nem sequer sabia quando retornaria a minha época, podia acontecer a qualquer momento e então o que aconteceria, eu cairia em uma depressão profunda por não poder estar ao seu lado. Por outro lado, a impressão era de que o conhecia. Suas carícias e seus beijos, aquelas sensações... faziam com que eu me sentisse única, especial para ele. Enlouqueceria se continuasse sem encontrar respostas!

— Faremos um descanso para comer — ele disse, detendo

seu cavalo. Desceu de um salto e acariciou o lombo de seu animal. Imitou-o. Olhei-o de esguelha. Fazia frio, ele pegou ramos para fazer uma fogueira. Estendeu seu tartan.

— Aldan — sentei-me a seu lado, — o que aconteceu ontem à noite... — Sentia vergonha de tocar naquele assunto, mas sabia que devíamos falar daquilo, não podia continuar a viagem assim.

— Não tem importância, entendo-a, você pensa que é uma a mais — ele me disse sem me olhar enquanto fazia fogo.

— Sim, tem importância, Aldan! Eu sinto ter partido assim, mas não pode ser.

— Por quê? — Ele virou seu rosto para onde eu estava sentada.

— Porque... — As lágrimas começaram a rolar por meu rosto. Queria lhe dizer a verdade sobre mim, mas... como ele reagiria. Se Begira estivesse ali me ajudaria e daria veracidade ao que estava acontecendo em minha vida. Mas ele, certamente pensaria que eu estava louca.

— Por quê? — Ele repetia enquanto ficava de pé e me forçava a que eu fizesse o mesmo.

— Aldan, tenho medo de lhe dizer isso, você vai pensar que estou louca, mas Begira e o padre Lean sabem a verdade, se eles estivessem aqui...

— Por favor, Katherine, não sou conhecido por ter paciência, fale já!

— Já ouviu falar do Portal dos Homens, as histórias que relatavam os druidas? — Ele assentiu.

— Posso saber o que você está querendo me dizer? — Ele

disse raivoso, estava-lhe acabando a paciência. Aldan, como bom Highlander, gostava das coisas claras e concisas. Ele estava com os braços cruzados e as pernas ligeiramente abertas com disposição a escutar e querer entender.

— Então sabe... que somente às vezes este portal do tempo se abre no universo e uma alma de outro tempo pode transpassá-lo para retornar ao lugar ao qual pertence ou tem uma dívida a saldar.

— Katherine, por favor, o que quer dizer com isso? Porque me fala agora dos druidas?

Baixei o rosto, temia lhe contar a verdade, mas não podia continuar assim, precisava confiar em alguém e que esse alguém soubesse minha verdade. Se ele estava ali, comigo, em minha vida, era por algo. Tudo o que me rodeava era a chave de minha futura vida, eu intuía.

— Pois bem, eu atravessei o portal — já havia dito, respirei. Seus olhos aumentaram, ficou em silêncio, pensativo. Depois de alguns segundos reagiu.

— Por favor, Katherine, acredita que sou estúpido?

— É verdade, Aldan — Eu lhe relatei com todo tipo de detalhes o acontecido, mostrei-lhe a runa, minha medalha, o manuscrito; embora isso ele já soubesse, assim como eu, que sabia que ele carregava em seu poder a outra metade, juntos eles revelavam o grande mistério oculto séculos atrás. Ele se sentou e me coloquei a seu lado.

— Pensa que estou louca, não é verdade? — Eu lhe disse enquanto o observava com interesse analisando cada traço em seu rosto. Olhou-me e segurou minha mão.

— Isso você disse, não eu. Não acredito que esteja louca, Katherine, somente que me custa acreditar. É difícil assimilar o que está me dizendo, embora agora entenda alguns fatos que me surpreenderam, como quando o laird do clã Macdonald disse que não havia ninguém na carroça, ou como quando dormia durante o dia e aparecia à noite.

— Exato! Por isso, apesar dos sentimentos que acordaram em mim, não quero fazê-lo sofrer, Aldan Macrae, a qualquer momento eu posso desaparecer e então... pode ser que eu não volte nunca mais a estar ao seu lado. — Ele me olhou.

— Isso nunca! Não permitirei que você se afaste de mim. Encontraremos Begira, ela precisa dar respostas a muitas de minhas perguntas. Você se casará comigo — ele disse com firmeza.

— Aldan! Não entende o que está dizendo!

— Não, não entendo nada! Não posso compreender nada do que você está me dizendo, sei somente que não permitirei que se afaste de mim. — Ele se levantou, agarrou-me pelos braços e me levantou. — Compreende o que estou querendo dizer, Katherine? — Neguei com a cabeça. Aproximei-me dele, sentia sua respiração sobre meu cabelo e o aroma de sua pele. — Não quero que você se afaste de mim. Jamais pensei poder sentir isto, mas sinto e não posso negar mais, apaixonei-me por você, Katherine, não quero viver se não for a seu lado.

Eu não acreditava no que estava escutando, ele não me deu tempo para que reagisse, agarrou meu rosto com suavidade entre suas mãos e baixou seu olhar até que nossos lábios se roçaram, senti um calafrio que me percorreu dos pés

até à cabeça. Olhou-me um segundo e depois voltou a centrar em minha boca, sentia seu desejo e necessidade de mim. Desejava-o e não queria me afastar dele, rodeei seu pescoço e ele me abraçou a cintura, retendo-me com força, sem parar de me beijar. A suavidade de sua língua envolvia a minha, fazendo me sentir especial e única para ele. O anseio de nos encontrar um no outro aumentava. Ele me afastou com suavidade, sorriu, retirou uma mecha de cabelo que cobria um de meus olhos e colocou atrás da orelha.

— É a mulher que estive esperando toda minha vida, eu sei.

— Eu também sinto que o conheço há muito tempo, Aldan Macrae.

— Se for verdade o que diz, há uma explicação, por alguma razão nossas vidas se afastaram em algum momento e esta é outra oportunidade para nós, devemos continuar o que não pudemos finalizar. O destino tornou a nos unir. — Baixei meu rosto. — Jamais permitirei que se afaste de mim.



Estava anoitecendo, encontrávamo-nos muito perto da abadia de Kinloss, a qual se elevava mostrando com os desafiantes escarpados seu poder frente a qualquer viajante que ousasse se aproximar dela. Paramos para contemplá-la.

— Aldan, há algo que me preocupa. Somente Begira sabia a quem devemos entregar os manuscritos. — Meu escocês

aproximou seu cavalo do meu, segurou minha mão e a acariciou com suavidade.

— Então será ele que nos encontrará. Begira dizia que ele a esperava, assim que souber que você chegou irá procurá-la.
— Eu assenti.

Cavalgamos até à parte mais elevada do escarpado. Uma vez que chegamos até às imediações, descemos dos cavalos.

— Tenho medo, Aldan. — Era verdade eu estava assustada. Havia um silêncio incomum. Não se escutava o som de nenhum animal à exceção dos fortes ventos e o rugido do mar se chocando contra o escarpado rochoso. Ele se deteve.

— Comigo você não deve temer nada, sou um Macrae, jamais permitirei que lhe aconteça algo. Minha espada é a mais temida. Eu a protegerei sempre. — Ele piscou e me beijou.

Aldan bateu a aldrava com força e firmeza, uma pequena janela com tampa foi aberta. Um rosto magro, pálido, com nariz aquilino e olhos pequenos e cansados apareceu no vazio.

— Precisamos passar a noite em sua abadia. Faz frio e se aproxima uma tormenta. Confiamos em sua generosidade — disse Aldan.

Nesse momento a porta foi aberta, um frade curvado e vestido com hábito marrom, de cuja cintura pendia um rosário de madeira, observava-nos com curiosidade.

— Não é habitual receber viajantes em nossa abadia — ele disse. — Por favor, sigam-me.

O frade nos levou por corredores estreitos, frios e escuros, parou em frente a uma porta de madeira e nos convidou a entrar.

— Por favor, esperem aqui, preciso informar ao abade. — E partiu.

Aldan observou o local em que estávamos e como bom guerreiro inspecionou o lugar. Aproximou-se de uma pequena janela e olhou para fora. Passados alguns minutos entrou o frade com aquele que deveria ser o abade. Seu aspecto físico era muito semelhante ao do frade. Observou-nos e um sorriso forçado apareceu em seu rosto.

— O irmão já me informou seu desejo de que os acolhamos esta noite. Nós não fechamos as portas para ninguém que nos solicite proteção e comida. Sejam bem-vindos. Ficarão em duas celas vazias e lhes levaremos algo para comer.

A porta se fechou atrás de mim. Obrigada, meu Deus, por poder dormir esta noite em uma cama! Eu sussurrei.

Já na cela devorei os alimentos que me deixaram e me asseei, lavei meu cabelo e esfreguei minha pele com trapos de linho. Nesse momento Aldan irrompeu em minha cela sem pedir permissão. Fechou a porta atrás dele e falou:

— Não consigo dormir você está em minha mente e só desejo estar contigo esta noite — disse-me enquanto se aproximava devagar até mim.

— Eu tampouco posso conciliar o sono. — Ele sorriu.

— Então temos um problema — eu disse.

— Sim, acredito que sim. — Ele se aproximava devagar para mim.

Agarrou-me pelo braço e me puxou, fazendo-me cair sobre seu peito, agarrou meu rosto entre suas mãos, sorriu-me e seus lábios roçaram os meus, dando pequenos beijos com

suavidade, saboreando meu néctar. Suas mãos desciam me acariciando os braços e me envolvendo com força. Podia sentir o pulsar de seu coração, igual ao meu. Reteve seus lábios entre os meus e mordeu com delicadeza meu lábio inferior, voltou a roçá-los com ternura. Seus beijos percorriam minha pele me fazendo arder de prazer. Sua língua roçava a minha com desejo e necessidade de mim e eu lhe correspondia com paixão. Afastou-se e tirou a camisa branca deixando descobertos seus músculos peitorais com cicatrizes de guerra e dourados pelo sol. Contemplei-o, acariciei seus ombros arredondados baixando minhas mãos até chegar a seu tórax, acariciava cada uma das cicatrizes que faziam parte de seu corpo, ele suspirou de prazer, puxou-me e me beijou com desejo, uma de suas mãos acariciou meu pescoço e foi baixando até acariciar meus seios. Meu Deus! Uma onda de prazer percorreu todo meu corpo, começou a tirar minha camisa, ruborizei-me, ele me produzia aquele acanhamento. Levantou meu rosto com sua mão.

— É linda, — ele me sussurrou ao ouvido enquanto a camisa deslizava até o solo me deixando nua.

Agarrou-me nos braços e me levou à estreita cama, deixou-me nela enquanto tirava suas calças e ficava completamente nu, deixando descoberta sua masculinidade. Deitou-se a meu lado e sua boca cobriu a minha cheia de desejo enquanto suas mãos exploravam cada parte de meu corpo me fazendo desejá-lo cada vez mais. Seus beijos me faziam gemer, ansiava que sua boca descobrisse cada canto de meu ser. Seu corpo desprendia calor igual ao meu enquanto

fazia amor comigo, como nunca me haviam feito até então. A necessidade dele era cada vez era mais exigente, igual ao seu desejo de me ter e me fazer dele. Nossos corpos sucumbiram à excitação de nos unir até chegar à máxima satisfação de duas pessoas que se amam. Ele me olhou, sorriu e eu respondi. Beijou-me com ternura.

— Jamais deixarei de beijar essa boca — ele me disse. Rodeou-me com seus braços enquanto apoiei meu rosto sobre seu peito. Adormeci.

Ainda não havia amanhecido e um ruído me despertou, uma manta cobria minha pele nua. Ele não estava ali. Endireitei-me. Onde ele teria ido? Eu pensei. Nesse momento me dei conta do que havia me despertado, debaixo da porta foi introduzido um pedaço de papel. Coloquei a camisa e fui agarrá-lo. Li:

“Vá à cela que há no final deste corredor. Estive esperando-a. Preciso vê-la o quanto antes”.

Não estava assinado. Vesti-me, peguei minha bolsa aonde levava o manuscrito e a pedra, tirei-os dali para guardá-los no amplo bolso de minha saia, eu gostava de levá-los comigo a todo o momento. Dirigi-me para o lugar indicado. Onde estaria Aldan? Não podia esperá-lo, deixei o papel sobre a mesa de madeira se por acaso ele retornasse ali.

Atravessei o corredor escuro. Tudo estava em silêncio, senti a frieza das paredes de pedra, úmidas. Cheguei ao final da galeria, toquei a porta e a abri, estava escuro, à exceção de uma vela no fundo do local, sobre uma mesa de madeira. Observei ao redor e não vi ninguém, a não ser que estivessem

me esperando, ocultos na escuridão.

— Olá! Há alguém aqui? — O silêncio foi a resposta. Comecei a ficar nervosa.

Escutei um ruído entre as tapeçarias penduradas nas paredes do fundo do aposento. Então o vi, uma figura estava de pé, me observando. Inquiei-me.

— Quem é você? — Eu perguntei.

Ele se adiantou e foi andando para o centro da sala. Não reconheci aquele homem. Suas roupas eram de soldado inglês, nada tinha a ver com os kilts e tartans dos clãs escoceses. Eu tremia, mas não queria que ele notasse, olhei-o com cautela.

— Quem é você? — Voltei a perguntar.

— Simón de Monfort — ele respondeu em um inglês perfeito. — Seu pai, o conde Dunnottar, alguma vez falou sobre mim? — Neguei com a cabeça. — Claro, talvez ele falasse quando você retornasse de sua viagem pelas Highlands. Alegro-me de tê-la encontrado aqui, sabia que sua intenção era vir para esta abadia, mas duvidava que ao final o fizesse. O que não entendo é o que faz aquele maldito Macrae com você.

Assustei-me ao escutá-lo se referir a Aldan, temia que o tivesse machucado.

— O que quer? — Desafiei-o com o olhar. Ele se aproximou mais de mim, até ficar muito perto. Movia-se ao meu redor me analisando de cima abaixo. Incomodava-me sua presença, produzia-me asco.

— Ora, ora, ora! Vejo que é curiosa. Quanto ansiava vê-la. Tem algo que quero e que me pertence.

— Não sei ao que se refere, — eu lhe disse.

— Claro que sabe ao que me refiro! E pouco me importa já que irá comigo.

— Nunca! — Eu lhe disse afastando-me dele. Segurou-me com força pelo braço.

— Não quero me zangar com você, milady, então vai ser cordata, entregar-me-á o manuscrito e depois virá comigo sem pigarrear.

— Jamais irei com você! — Apertou-me o braço, vi ódio em seu olhar. Seu rosto ficou tenso. Dava-me medo.

Escutei ruídos lá fora, com um chute a porta foi escancarada e Aldan irrompeu com brutalidade e violência na sala, observei vários soldados no chão, retorciam-se de dor provocada por uma briga à base de murros. O olhar de meu escocês desprendia ódio e raiva contida. Notei a expressão de assombro no rosto de Simón de Monfort. Aldan avançava com rapidez extraíndo a espada de sua bainha. Monfort me agarrou pelo braço e me colocou diante dele, tirou uma adaga e a colocou na minha garganta. Aldan se deteve em seco, sua tensão era evidente. Eu sabia que ele devia estar sofrendo por não conseguir me proteger. Nesse instante entraram mais soldados e entre estes um encapuzado, oculto atrás de uma capa negra, todos rodearam Aldan que não se amedrontava diante de todos aqueles guerreiros.

— Solte-a! — ordenou Aldan ao Monfort.

— Ora, ora, ora! Macrae idiota. Se não atirar agora mesmo essa espada ao chão sua preciosa dama morrerá neste mesmo instante. — Pressionou mais a ponta fazendo surgir um pouco de sangue em meu pescoço. Pude ver o olhar de terror de Aldan

diante da ideia de que ele pudesse me matar. Eu sofria por ele, sabia que ele estava passando realmente mal. Aldan atirou sua espada e nesse preciso momento se aproximaram todos os soldados dele, rodeando-o, a princípio com medo e depois com rapidez o agarraram pelos braços e pescoço deixando-o imobilizado.

— Aldan! — Eu gritei. — Deixe-o! Ele não tem o que você quer, eu entregarei se o soltar.

— Ora, ora, ora! Tanto lhe importa este escocês? — Ele me disse.

— Solte-o! — Eu insisti.

— Muito bem, milady, eu o deixarei em liberdade se chegar a um acordo comigo.

— O que você quer?

— Não, Katherine! Não faça nada do que ele lhe diga!

Os soldados o atingiram com vários murros e chutes no estômago. Eu não podia suportar ver como o atingiam.

— Farei o que você me disser com a condição de que o liberem.

— Muito bem, quero o manuscrito e que se case comigo. Se não o fizer, seu escocês morrerá torturado por meus homens.

— Não, Katherine! — Disse Aldan com a voz entrecortada.

— De acordo, mas sempre que você me dê sua palavra que o liberará.

— Tem minha palavra, Katherine — ele me disse enquanto pegava minha mão e se inclinava para beijá-la, eu a puxei antes que seus lábios roçassem minha pele.

— Katherine ele mente! Não acredite meu amor! — Deram-lhe um chute que o silenciou.

— Levem-no para fora. Vamos! — Ordenou enquanto vários de seus homens me forçavam a abandonar a sala.

O homem de negro seguia meus passos, era sinistro e ao passar ao seu lado senti um calafrio percorrer toda minha pele. A porta se fechou atrás de mim e temi que Monfort não cumprisse com sua palavra. As lágrimas rolavam por meu rosto. Aldan, meu amor! Sinto muito, tudo é por minha culpa, eu sussurrei.

XXIV

Juan de York estava escondido entre as árvores próximas à abadia. Do lugar no qual se encontrava viu como os soldados de Simón de Monfort levavam a jovem, a mesma que devia carregar o manuscrito que ele queria. Maldita seja! Ele disse em voz alta, chegaram antes de mim. De repente o coração lhe deu um salto, reconheceu-o, era Hernes. Que fazia ali? Pensou. Devia tomar cuidado, se o visse não hesitaria em matá-lo. Observou como a colocaram em uma carroça junto com dois soldados. Em seguida saiu da abadia Simón de Monfort que se dirigiu a um escocês escondido entre as árvores. Juan de York espichou o ouvido para escutar tudo o que diziam.

— Eu cumpri com minha palavra — disse o escocês.

— E eu cumprirei com a minha. Macrae morrerá hoje mesmo. Meus homens se encarregarão de que seu corpo seja encontrado pelos guerreiros de seu clã.

— Espero que assim seja, Monfort, se não irei expressamente cobrar sua traição. Sei que vai se refugiar em Kilwinning, então lá estarei, caso eu saiba que ele não morreu, para buscá-lo e atravessá-lo com minha espada.

— Ora, ora, ora! Não me ameace, escocês, está em desvantagem. Vá antes que eu me arrependa de deixá-lo partir com vida.

O escocês cuspiu no chão, envolveu os ombros com seu tartan e montou em seu cavalo, afastando-se do lugar.

Simón de Monfort, Hernes e os soldados ingleses montaram em seus respectivos cavalos e se afastaram junto com a carruagem na qual ia a jovem.

Juan de York suspirou, estava cansado, mas sabia que não poderia parar, eles iriam à abadia de Kilwinning e nesse lugar ele tramaria para conseguir o manuscrito que a jovem dama carregava. Ocultou-se na escuridão da noite.

XXV

Sabia que ela não cumpriria sua promessa. Por que saí da cela? Minha intenção era procurar um frade que pudesse nos casar, havia deitado com ela e queria fazê-la minha esposa o quanto antes. Era minha, a mulher de Aldan Macrae. Mas quando retornei com o frade em seguida soube que algo estava mal. E agora me encontrava nessa sala, com dois soldados de Monfort dispostos a me matar. Amarraram minhas mãos e logo que fecharam a porta começaram a me bater com violência, sabia que eles queriam acabar com minha vida, mas não estava disposto a morrer, Katherine estava em perigo e prometi protegê-la, sempre. Enquanto recebia fortes golpes no estômago, no rosto, pedi a Deus que me ajudasse. Quase não conseguia abrir os olhos por causa dos murros que me atingiam.

— Deixem-no! Eu ordeno! Estão na casa de Deus!

— Ora, ora, ora! — Riram os ingleses.

Alguém havia entrado na sala.

— Se não o deixarem darei a ordem de que ele mesmo os expulse. Muito bem, vocês quiseram: Robert...

E nesse momento ouvi golpes. Em pouco tempo os soldados saíram da sala.

— Robert, me ajude a levá-lo à cela em que estava com a

jovem.

Carregaram-me e me levaram até ali. Não podia me permitir o luxo de perder nem um segundo de tempo, a vida de Katherine corria perigo. Destroçaram-me por dentro e por fora e por mais que me esforçasse quase não conseguia me manter em pé. Fiquei transtornado.

— Finalmente abriu os olhos, rapaz! — Disse um frade que velava por mim junto à cama. — Robert, endireite-o. — Um homem forte e muito mais alto do que eu, aproximou-se e me ajudou a me sentar na cama. — Aqueles ingleses quase o matam, é forte e a lembrança da jovem foi o que o manteve vivo.

— Tenho que partir! Eles estão com ela, — eu disse, tentando me levantar, mas o homem grande me deteve com sua mão robusta.

— Assim não pode ir a nenhum lugar — disse o frade.

— Devo ir já! Não posso ficar mais tempo — disse retirando a mão do gigante e me endireitando devagar. Tudo me dava voltas e o corpo doía por causa dos golpes recebidos. Meu estado físico não era problema para mim, havia passado por muitas situações extremas de dor, mas o que nunca poderia suportar seria perdê-la, sabia que se chegasse a ocorrer eu morreria de tristeza.

— Escocês teimoso! — Olhou para Robert. — Se é o quer não podemos obrigá-lo.

— Temo por vocês — eu disse. — Aqueles bastardos queriam me matar e se descobrirem o que foi feito podem fazer represálias contra vocês.

— Tranquelize-se, rapaz, na casa de Deus não se atreverão a entrar. Além disso, demos a entender àqueles soldados que você estava agonizando, quando você somente desmaiava, esperavam lá fora, não se atreviam a partir e lhes demos a razão para irem tranquilos. Eles acham que você morreu e Simón de Monfort acreditará neles. — Olhou-me enquanto se levantava e ia observar por uma pequena janela gradeada. — Foram para Kilwinning, não está muito longe daqui, a dois dias a cavalo.

— Devo chegar a tempo! Ela não pode se casar com aquele bastardo.

— Ela... — disse o frade — possuí algo que eles querem, o manuscrito sagrado, um escrito que nunca deve se perder nem sair desta abadia até que os homens não esqueçam sua ambição e poder para encontrá-lo.

— Você então é...?

— Sim, eu os esperava, precisava levar o manuscrito ao Santo Padre, para Roma, de onde nunca devia ter saído junto com as outras duas relíquias Santas, o anel e o santo Graal, estes se perderam em terras inglesas, mas o manuscrito sempre esteve com ela, por isso a dama era nossa esperança. Pensamos que ninguém suspeitaria que esse escrito se encontrasse entre a estirpe das mulheres Dunnottar, mas Monfort descobriu, não sabemos como. Preciso levá-lo a Roma o quanto antes possível, é o único lugar onde não poderão possuí-lo.

— Mas... O que tem nesse manuscrito? — Ele baixou seu olhar.

— Como chegar às relíquias de Santo André. Entre as relíquias do Santo se encontram objetos sagrados de Jesus Cristo. Nesse escrito se explica através de uma simbologia o lugar exato onde estão escondidas... pode imaginar o que acontecera se isso chegar às mãos de homens como Simón de Monfort? Provocara ódio, guerras e tingira nossos vales e a Terra Santa de sangue e ódio. Ele se apropriara de tudo, e o rei fará o que aquele homem quiser com o intuito de ter uma parte do tesouro sagrado. — Soube ao que ele se referia, a Escócia seria a moeda com a qual o rei inglês pagaria Monfort e seus seguidores.

— Não! — Eu gritei.

— O Santo Padre o esconderá em Roma, permanecerá oculto no lugar santo e só homens de Deus poderão ir buscá-lo quando for a vontade de nosso Senhor.

— Eu tenho a outra parte do manuscrito. — O frade se virou com rapidez. — Eu o guardei, sabia que chegaria o momento em que saberia o que fazer com ele. — Extraí-o da bolsa de couro que carregava sempre presa à minha cintura.

— Obrigado, meu Deus! — disse o irmão enquanto elevava as mãos ao alto em louvor a Deus. — Guardou-o em um de seus amplos bolsos da túnica marrom. — Jamais deve falar disto com ninguém. Nem sequer com sacerdotes nem religiosos. Há muitos irmãos que se venderam a Satanás por ambição e poder. — Ele ficou pensativo e, depois de uma breve pausa, voltou a falar. — Deve colocar a salvo a jovem, ela corre um grande perigo. A ordem do Dragão sabe que ela é a portadora do manuscrito, bom, da outra parte, e embora Simón

de Monfort seja o grande mestre, são muitos os membros com poder que não permitirão que ele se aproprie do documento. Matarão a jovem. — Angustiei-me, não permitiria. — Traga-me o manuscrito, jovem Macrae, ele deve estar em meu poder, senão o sangue tingirá as Highlands e a pobreza e as mortes serão a única coisa que veremos pelos caminhos. Confio em você. Esperarei até que retorne com ela e com o documento sagrado.

— Obrigado por ter salvo a minha vida, estou em dívida com você. — Ele sorriu e me colocou uma mão sobre o ombro.

— Não, rapaz, deve agradecer a Ele. — Olhou para o céu. — O Senhor o colocou em meu caminho.

Saí da abadia com muita precaução para não ser visto por nenhum frade, que depois pudesse informar que eu não estava morto. Quase não faria paradas, precisava chegar o quanto antes em Kilwinning.

Meus pensamentos eram ocupados por ela, a mulher que eu amava. A noite era fechada e fria. Não sentia a dor física, somente a dor de saber que não conseguira protegê-la. Por que ela aceitara aquele pacto? Ele jamais o cumpriria, era inglês. Maldita seja! Ele é um assassino da ordem do Dragão, um grupo secreto que produz ritos satânicos, eu disse em voz alta. Enquanto galopava, rogava a Deus para que chegasse a tempo de salvá-la.

O vento esfriava meu rosto e a névoa molhava meu corpo.

Estava nas imediações da abadia, deixei o cavalo em um lugar seguro e oculto. Precisava encontrar uma maneira de entrar lá. Nesse momento me dei conta de que não estava sozinho, havia um religioso que, por suas roupas, devia ser

abade, estava observando, igual a mim, entre os arbustos. O que ele faria ali? Aproximei-me dele com sigilo, não queria que ele escutasse que eu me aproximava. Sentiu a ponta de minha espada em suas costas.

— Quem é você e o que faz olhando em direção à abadia? — Perguntei.

— Só sou um pobre sacerdote que tenta entrar nela. Não me machuque, por favor — ele me suplicou.

— Vire-se! — ordenei.

Virou-se devagar. Por que seu rosto me parecia familiar? De onde eu o conhecia? Não me inspirava confiança.

— Possivelmente..., eu saiba o que você procura — ele me disse.

— A que se refere? Seja claro! — eu lhe disse enquanto baixava a espada.

— Trouxeram uma jovem muito bonita à abadia, e escutei que a obrigarão a se casar com Simón de Monfort. — Meu rosto ficou tenso, enfureci. — Eu posso ajudá-lo a resgatar a jovem, senhor. Sei dos passadiços desta abadia de cor.

— E o que quer em troca? — Estranhava que ele oferecesse sua ajuda de maneira gratuita.

— Para onde você iria com a jovem?

— Às minhas terras, na ilha Skye. Por quê?

— Porque gostaria de acompanhá-los em seu percurso. Eu vou para Inverness e até que me desvie para ir para lá gostaria de contar com seu amparo. Pelas cores de seu tartan intuo que é um guerreiro Macrae. Ninguém ousará se meter com alguém de seu clã, já que os soldados Macrae são conhecidos por sua

bravura e valentia, todo mundo os teme.

— Mas... não queria entrar na abadia? — Perguntei.

— Sim, mas somente por curiosidade. Temo pela vida da jovem.

— Não tenho fé em sua palavra. Caso me engane o matarei.

— Pode confiar em mim.

O religioso me guiou até à parte mais afastada da entrada principal da abadia, havia uma porta aberta por onde dois homens faziam entrar os sacos de farinha ou, ao menos, isso era o que parecia.

— Por ali acessaremos ao interior, senhor, mas, precisará deixá-los inconsciente.

Dirigi-me para os dois homens que carregavam os sacos e, sem lhes dar tempo de reagir, dei-lhes golpes secos na cabeça deixando-os a ambos tombados no chão.

— Coloquemos suas capas, para passarmos despercebidos.

Na realidade me incomodava que aquele homem me desse ordens, mas precisava reconhecer que ele estava certo, devíamos passar despercebidos e não podíamos nos demorar muito. Aproveitaríamos o tempo que aqueles camponeses estivessem inconscientes.

Acessamos a uma galeria, o religioso seguia meus passos muito de perto. Escutavam-se por toda a abadia os cantos dos frades que ali habitavam, de repente saíram vários homens, com suas capas negras ocultando seus rostos. Em seguida me dei conta que eram soldados, suas espadas apareciam por baixo de suas vestimentas e o resplendor de seus anéis me

confirmou que eram cavaleiros da ordem do Dragão. Escondi-me na escuridão de uma das colunas da galeria. Quando aqueles cavaleiros passaram fui direto à porta por onde tinham saído, era a antecâmara de uma sala maior. Entrei com muito sigilo, não havia ninguém, só restos de cera de velas vermelhas agora apagadas, indícios de que acabavam de fazer um ritual. Temi por Katherine, em minha mente só se amontoavam os piores pensamentos. Escutei ruídos no exterior, espiei pela janela. Vi vários soldados que formavam redemoinhos em torno de uma carroça, empurravam alguém com violência. Era ela! Obrigavam-na a subir. Obrigado, meu Deus, ela está viva! Perto de Katherine estava aquele bastardo do Simón de Monfort. Virei-me com rapidez, o abade me olhava com cara assombrada.

— Senhor são muitos homens, você sozinho não pode enfrentá-los. Levam-na ao castelo do conde de Monfort.

Não o escutei, não temia enfrentar a um exército inteiro se a salvasse, não sentia medo de nada, nem de ninguém, exceto de perdê-la. Corri para fora, um frade se interpôs em meu caminho, esquivei-o.

— Quem são vocês? — Ele disse enquanto seguia nossos passos.

Corri por um pátio e nesse momento outros dois frades chocaram comigo com rapidez, eles se viraram e observei a ponta de suas espadas que aparecia pela túnica marrom, desembainhei minha espada e eles fizeram o mesmo, mas logo as embainharam.

— Aldan! Pode-se saber o que faz aqui? — Eram Kimball e

Korvan, atrás deles apareceram Begira e o padre Lean, os dois estavam protegidos por seus homens de confiança, David e Dylan. Exteriorizei minha alegria de vê-los, mas não podia me demorar, ela era minha prioridade.

— Levaram Katherine!

— Quem? — perguntou Korvan que não deixava de observar o abade. Este curiosamente ocultou seu rosto atrás de seu capuz e se afastara do meu lado para se esconder na escuridão das colunas.

Não lhe respondi, avancei para fora e eles me seguiram. A carroça e os soldados já haviam partido. Dei um murro no tronco de um dos ciprestes. Fui para meu cavalo e nesse momento Kimball ficou diante de mim e me interrompeu o passo.

— Quer me contar o está acontecendo? — Ele gritou.

— Simón de Monfort nos esperava na capela, foi uma armadilha, eles a levaram. Katherine prometeu que se não me matassem se casaria com aquele maldito, obrigou-a a isso.

— Iremos com você! — Disse Korvan. — Dylan, David vão a Exess, levem Begira e o padre Lean junto de Elizabeth e Ana. Digam a Ana que prometo estar com ela quando Beth a ajudar a dar à luz a nosso segundo filho.

— Não faça promessas, já sabe que depois ela se zanga muito quando não as cumpre — eu disse. Korvan desenhou um sorriso em seu rosto.

— Sim, acompanhamos você — disse Kimball. — Você sozinho não pode fazer nada, somos os cavaleiros do Leão, sempre juntos.

— Exato — disse Korvan aproximando-se de mim. — Embora Derian tenha ficado preso em suas terras por problemas com os aldeões, ele também o apoiaria, sabe disso.

— Sim, sei. — Baixei o rosto, estava muito preocupado.

— Vamos amigo!

Agarramos os cavalos e pusemo-nos a cavalgar. Onde estaria aquele abade? Ele desaparecera. Observei que Korvan também procurava alguém, ou isso é o que me pareceu.

— Quem era aquele religioso que o acompanhava? — perguntou-me Korvan.

— Estava na abadia. Não sei. Tive a sensação de que o conhecia — eu lhe respondi.

— Eu também tive essa mesma sensação — disse Korvan. Onde ele teria se metido? Eu pensei.

XXVI

Juan de York respirava agitado, no fundo estava feliz por ter sido tão rápido em reagir. Sabia que se Korvan ou o Macrae o tivessem reconhecido, ele já estaria morto. Korvan o odiava por ter sido o causador de tanta desgraça em sua família e Aldan era seu fiel amigo. Parou no meio do bosque, apoiou sua mão sobre um tronco e voltou a respirar. Sabia onde estava o castelo do conde de Monfort, iria para Lincoln. Precisava conseguir o manuscrito que aquela mulher carregava. E se fosse necessário a mataria para possuí-lo. Ele havia perdido muito tempo, seus planos não saíram como esperava. Endireitou-se com a intenção de ir, demoraria mais que aqueles homens, mas conseguiria um cavalo. Nesse momento sentiu que algo lhe pressionava as costas, reconheceu a voz em seguida.

— Acreditava que escaparia de mim? Estive procurando-o durante muito tempo, sabia que ao final o encontraria. — Juan de York, logo que identificara a voz de Hernes, começou a suar, as gotas lhe caíam pela testa, suas pernas tremiam e sua mente não parava de pensar em como poderia escapar dele.

— Podemos fazer isto, juntos. Sei quem tem o manuscrito... — Hernes não o deixou continuar.

Fazia muito que queria matá-lo, ele o procurara durante

anos e desta vez não o deixaria dizer nada. O abade fora o causador de sua desgraça, traiu-o e sempre o manipulara. Ele jurara matá-lo e finalmente poderia cumprir.

Cravou a espada em seu ventre e o atingiu com a ponta do pé para que caísse com rapidez ao chão. Procurou em seu bolso o livro de capa negra. Quanto havia sonhado com esse momento, guardou-o e o olhou nos olhos enquanto o abade sangrava.

— Eu também sei quem tem o manuscrito — ele disse, enquanto se levantava e avançava com passo firme até onde havia deixado seu cavalo.

Hernes se afastara da comitiva de propósito, justamente antes que empreendessem a marcha ele vira o abade sair com rapidez por uma das portas laterais da abadia. Agora devia alcançar os soldados de Monfort, dirigiam-se para Lincoln, ao castelo. Em sua mente só rondava a ideia de pegar o manuscrito e acabar com a vida da moça. Ela não poderia viver, era o sacrifício que a jovem deveria fazer. Ora, ora, ora! Riu enquanto planejava a morte de Katherine.

XXVII

Só pensava em Aldan e no que seria de mim sem ele. Estava apaixonada por um homem do século XI, e, além disso, eu sabia que somente com ele poderia ser feliz. E se retornasse a minha época? Preferia não pensar, minha vida não teria sentido se não estivesse junto a ele. Além disso, estava preocupada com meu escocês, não confiava no conde e nem em sua promessa. E por outro lado, como me casaria com aquele homem? Precisava encontrar a maneira de escapar dele. Eu o escutara falar com seus soldados e dissera que queria chegar o quanto antes a seu castelo.

Avançada a noite, a carroça se deteve, os soldados me tiraram com brutalidade e me colocaram com rapidez em uma cabana, quase não me deu tempo de ver onde estava. Uma vez dentro vi Simón de Monfort, dava-me as costas, olhava à fogueira. Uma mulher colocava as travessas sobre a mesa de madeira que havia no centro da sala, com medo do conde.

— Saia já! — disse Simón de Monfort à mulher com tom depreciativo.

A anciã, com a cabeça encurvada, afastou-se da pequena sala.

— Sente-se! — Ele me ordenou. Embora me incomodasse com a forma como ele me tratava, decidi obedecer. — Quero que

coma e descanse. A viagem de amanhã vai ser dura e quase não vamos parar. Desejo chegar o quanto antes. — Virou-se para me analisar. — Estou esperando que me entregue o documento que está em seu poder, pertence-me e quero que me entregue ou me diga onde está.

— Não sei a que se refere eu não me aproprio das coisas alheias. — Ele esboçou um meio sorriso.

— Pois nesta ocasião sim, querida, tem um manuscrito em seu poder e o quero.

— Não sei do que está falando — eu lhe disse desafiando-o com o olhar. Deteve-se e sorriu.

— É uma mulher muito ardilosa além de bonita. Claro que sabe! Não banque a tola comigo! Na abadia sabia ao que me referia. Entregará o manuscrito ou senão seu adorado laird morrerá igual a toda a sua gente. Arrasaremos suas terras e receberei uma ordem do rei para que aqueles territórios passem a meu poder. — Sua expressão era de ódio. — Acredite que sou capaz disso e muito mais; então, preciosa, recomendo-lhe que medite bem sobre o que eu lhe disse e colabore com seu futuro marido. — Saiu do local.

Toquei o bolso de minha saia, certifiquei-me que o manuscrito continuava ali, dobrado. Não pensava em entregá-lo, estava muito claro que se ele conseguisse o escrito, não só poria em perigo a vida de muitas pessoas, mas também a minha. Não pensava em me casar com ele, mas como escaparia de suas mãos sujas? Supliquei a Deus que me ajudasse. O que sim precisava fazer era comer e descansar, deveria me manter forte para poder pensar e agir.



O sol apenas saíra quando nos pusemos em marcha. A cabeça me doía de tanto pensar e me preocupar em como resolver minha vida e encontrar respostas a todas as incógnitas.

Chegamos ao castelo de Simón de Monfort. A noite era escura e conforme nos aproximávamos das muralhas de sua grande fortaleza parecia que me aproximava de um lugar sinistro, tenebroso. Senti medo, dali seria muito difícil escapar. Havia soldados por toda parte, obrigaram-me a descer da carroça e, diante do atento olhar de Simón de Monfort, levaram-me com violência até o interior, depois me forçaram a subir umas estreitas escadas de caracol até chegar a um primeiro andar com um corredor muito comprido, iluminado por tochas que projetavam uma luz tênue. Fazia frio e as paredes de pedra estavam úmidas. Entrou-me um calafrio, não era nada confortável o lugar. Abriram uma porta e me empurraram para dentro, e ali eu fiquei em um ambiente amplo, com o som da fogueira, uma cama alta e uma vela em uma das mesinhas de madeira. Como escaparia dali? Era impossível, espiei pela janela. Simón de Monfort estava falando com vários de seus homens, nesse momento surgiu um cavaleiro com capa negra e o rosto oculto atrás dela, quase me deu um salto no coração, era o mesmo homem que eu encontrei no cemitério, em Inverness. Meu Deus! O que ele fazia ali? Observei-o, desceu do cavalo, uma mão estava fixa no

cabo de sua espada. Recordei que em Inverness eu soube que aquele homem queria me matar, não tinha nenhuma intenção boa, e o resultado desse encontro com ele foi que retornei a esta época com brutalidade para já não voltar à minha, fiquei presa no tempo. O homem de negro, que respondia pelo nome de Hernes, estava falando com Monfort e em certo momento olhou para minha janela, afastei-me, não queria que ele me visse. Vários toques em minha porta me fizeram saltar, abriram com supremo cuidado e surgiu uma jovem ruiva de olhos azuis, que não me olhava nos olhos, mas, sim, mantinha fixas suas pupilas no chão.

— Milady, o conde me disse que lhe deixasse esta roupa para que possa se trocar. Ele a espera dentro de meia hora no refeitório para o jantar. Em alguns minutos retorno para guiá-la até lá.

Eu ia dizer algo, mas não me deu nem tempo, partiu com rapidez e fechou a porta. Não pensava em colocar o vestido que aquele homem escolhera para mim. Asseei-me e esperei que transcorresse o tempo. Sentia fome e, embora o que menos queria era de estar com Monfort, precisava averiguar suas intenções para comigo.

Entrei em uma sala pequena, havia uma mesa de madeira no centro, a luz de várias tochas iluminava o aposento. Não estávamos sozinhos, Hernes também estava ali. O conde ficou de pé enquanto Hernes permaneceu sentado, sem levantar o olhar de seu prato, que continha uma porção de carne meio crua.

— Querida, por favor, tome assento. — Retirou a cadeira e

me sentei ao lado do conde, de frente para aquele ser sinistro.

Justamente naquele momento ele levantou o olhar e o fixou em mim. Por um instante nossos olhares estavam fixos um no outro, percebi ódio em sua expressão. Em seguida veio uma donzela que me colocou no prato um pedaço de carne como o que tinham ambos os homens. Não sabia se seria capaz de comer aquilo, estava crua.

— Amanhã nos casaremos, adiantei as bodas.

— Amanhã? — Perguntei surpresa. Não esperava que fosse tão cedo.

— Sim, o quanto antes. Para que esperar?

— Quero que meu pai esteja aqui, preciso que ele dê seu consentimento, sem este não poderei me casar. — Improvisei.

— Ora, ora, ora! — Monfort riu. — Não necessita o consentimento de seu progenitor, eu tenho o consentimento do rei.

— Bastará a do rei para você, mas eu sou escocesa, esqueceu desse pequeno detalhe? E como escocesa seu rei não é meu rei; portanto, quem tem que me dar o beneplácito é meu pai. — Eu estava muito nervosa. Hernes se levantou dando um forte murro sobre a mesa e inclinando sua cabeça e tórax para mim. Estava aborrecido, vi refletido em seu rosto.

— Hernes, sente-se! — ordenou-lhe. Ele demorou a obedecer. — Agora está sob o domínio de um inglês e sou eu quem dá as ordens, você tem somente que obedecer, ou por bem ou por mal. Amanhã celebraremos nossas bodas com seu consentimento, ou sem ele. E depois de que isso ocorra, tanto Hernes quanto eu teremos muito interesse em saber onde

guarda o manuscrito.

— Já lhe disse que não sei do que me fala. Não tenho nenhum manuscrito.

— Bom, falaremos sobre isso depois do casamento, querida, agora coma algo, quero-a forte amanhã.

— Não tenho apetite, obrigada. — Levantei-me e me dirigi à porta com a intenção de ir para meu aposento. Senti como me agarravam com força pelo braço, machucavam-me, era Hernes. Forçou-me a me virar para olhá-lo.

— Solte-a, Hernes! — disse sério o conde, enquanto se aproximava de mim. — Querida, se não quiser que me veja forçado a antecipar o casamento para esta mesma noite, tome assento e coma — ele me ordenou.

Aquela noite resultou incômoda, jamais em minha vida me sentira tão humilhada e com tanto medo. Senti desejo de chorar e gritar. Por que não sumia dali? Não falei nada durante o jantar, todos permaneceram em silêncio e, quando finalmente terminaram, levantei-me.

— Desejo ir a meus aposentos, estou muito cansada.

— Claro querida. Acompanhem-na! — Deu a ordem a um de seus soldados.

Sentei-me sobre a cama, não pude conter as lágrimas. Às vezes nos empenhamos em pensar que não vale a pena chorar, mas nesse momento era a única coisa que podia me dar certa tranquilidade, precisava me desprender de toda aquela amargura que carregava por dentro. O que seria de mim no dia seguinte? Eu pensei. Antes preferia morrer que me casar com aquele homem. Aldan! Eu suspirei. Não sabia o que era dele.

Senti medo de que o tivessem matado. Deitei-me sobre a cama abatida, triste e sem forças para lutar.

Era muito cedo quando intuí que não estava sozinha no local. Uma mulher gordinha estava no interior. Ela abriu os pesados tecidos que rodeavam minha cama, a luz penetrou no interior me obrigando a abrir os olhos, então eu soube que continuava ali e que não se tratava de um pesadelo, mas sim tudo era real.

— Milady deixe-lhe este vestido, o conde quer que o coloque hoje.

Ficou em frente a mim.

— Obrigada, já pode partir — eu disse.

— Milady não posso ir de seu aposento até que não a tenha vestido e penteado — ela disse séria. Observava-me.

Entendi que por mais que lhe dissesse, ela não partiria. Vesti-me e evitei que visse a cruz e depois me penteou, ficando satisfeita do resultado partiu. Em seguida peguei o documento que guardava em meu outro vestido, deveria levá-lo a todo o momento comigo, e assim o fiz, guardei-o no amplo bolso do vestido que havia colocado.

Chegara a hora, a celebração teria lugar na pequena capela dentro do recinto do castelo. Meu Deus, eu me casaria! Eu me negaria, diria que não queria até que meu pai estivesse comigo, diria diante do sacerdote, assim não teria validade um matrimônio sem o consentimento dele. Dois soldados me levaram por um corredor, atravessamos um grande pátio repleto de gente, mas não quis olhar quem eram, sentia-me o centro das atenções de todos os ali congregados e não gostava

daquilo. Queria gritar, mas sabia que se o tentasse a única coisa que me sairia seriam lágrimas.

Estava na entrada da capela, escura, mas o que vislumbrei foi o conde no altar e Hernes. Havia soldados por toda parte e encapuzados. Senti um grande calafrio. Um dos soldados me empurrou para que eu comesse a andar; o sacerdote, do altar, incitava-me a fazê-lo. Fui devagar, desejava que passasse o tempo, demorar mais aquele momento. Simón de Monfort analisava cada um de meus movimentos, agarrou-me pela mão e me puxou para me colocar em frente a ele, então o sacerdote começou a falar, mas eu não escutava, somente ouvia os batimentos de meu coração e meus pensamentos. Todos ficaram em silêncio, olhando-me. Observei o sacerdote.

— Precisa responder à pergunta que lhe fiz milady — ele me disse. Ao ver que eu não reagia voltou a repetir. — Quer se casar e com o conde de Monfort?

— Não, padre, não neste momento. — O sacerdote abriu os olhos com assombro.

— Como? — Ele perguntou.

— Desejo que meu pai dê seu consentimento, por esse motivo, até que ele esteja aqui, não posso aceitar este matrimônio — eu lhe respondi. Observei o olhar fulminante de Monfort.

— O próprio rei da Inglaterra consente neste casamento; assim, obrigo-o padre a continuar com a cerimônia — disse o conde.

— Mas..., senhor, a dama tem razão, é lógico... — O conde desembainhou sua espada e a colocou no ventre do sacerdote.

— Se não fizer o que lhe disse eu o atravessarei — disse-lhe.

O sacerdote empalideceu, olhou-me, observei que suas mãos tremiam.

— Não vou me casar — eu disse para Monfort, queria evitar que ele ameaçasse mais o sacerdote.

— Claro que vai se casar comigo, mesmo que seja à força. — Agarrou-me com violência pelo braço, machucava-me, eu lutava, mas a dor provocada por ele me fazia ficar cada vez mais quieta. — Agora, se for gentil, continue com a cerimônia — ele disse com tom irônico ao padre.

Nesse momento se escutou um murmúrio e depois um grande rebuliço, não sabia de onde vinha, nem o que acontecia, já que minha única obsessão era que aquele homem me soltasse. O conde abriu os olhos ao comprovar o que estava acontecendo, não sei como um dos encapuzados que eu acreditei ser um de seus soldados havia chegado até o altar e deu um bom murro na mandíbula de Simón de Monfort, ele caiu para trás. Fiquei perplexa, minha intenção foi fugir daquele gigante, já que era grande e alto, ocultava seu rosto atrás do capuz de sua capa, mas tirou o capuz e então o vi.

— Katherine! — Ele gritou, acreditei desvanecer de tanta alegria que senti. Era Aldan, meu bonito e grande escocês.

— Aldan! Meu amor! — As lágrimas de alegria começaram a rolar por minhas bochechas. Rodeei seu pescoço, ele sorriu e me abraçou.

— Milady sei que sou irresistível, mas não é o momento para me demonstrar o muito que sentiu minha falta. — Sorriu

ao ver minha expressão contrariada. Aproximei-me mais dele e me beijou com doçura.

Olhou-me e me empurrou com suavidade para trás dele, nesse momento me vi rodeada por vários homens grandes como Aldan, em seguida os reconheci, estava no centro de todos eles. Aldan, Kimball e Korvan haviam formado um círculo ao meu redor com uma única intenção, proteger-me. Começou uma batalha, os homens do conde se equilibravam sobre eles, mas eles pareciam invencíveis, eram fortes e ferozes, sua habilidade e destreza na luta lhes concedia vantagem, em seguida derrotaram a todos os guerreiros. Observei que o conde desaparecera com Hernes; por um lado senti alívio por não os ver, mas por outro eu sabia que isso era quase pior, Monfort se sentira humilhado e certamente se vingaria do meu escocês.

XXVIII

— Vamos, Aldan! É melhor que partamos agora — disse Kimball.

— Preciso acabar com aquele conde, até que o veja morto, não descansarei — eu lhe disse.

— Aldan! — Gritou Kimball. — Vamos! Ela corre perigo.

Sabia que estavam com a razão, o mais importante era Katherine. Olhei-a, agarrei-a pela mão e assenti a meus dois amigos. Eles foram na frente e se asseguraram que não havia ninguém no exterior nos esperando, precisávamos fugir. Coloquei-a sobre meu cavalo, montei atrás dela e a aproximei de mim, precisava senti-la. Quanto a amava e que medo eu vivenciara somente de pensar que não a teria junto a mim. Tapei-a com meu tartan e empreendemos uma grande velocidade para o castelo de Kimball, lá estaríamos a salvo, ao menos não seria o primeiro lugar aonde o conde iria, ele se dirigiria para Skye; além disso o padre Lean estava em Exess, minha intenção era me casar com ela o quanto antes. Sendo uma Macrae, eles pensariam muito antes de tentar machucá-la. O caminho seria longo e não poderíamos nos deter, mas Katherine era forte, já me demonstrara isso em mais de uma ocasião, resistiria à viagem como futura esposa do chefe dos Macrae. Kimball me fez o sinal, ele iria diante de mim e Korvan

atrás, assim estaríamos no meio dos dois e Katherine estaria protegida. Senti que ela me acariciava a bochecha, olhei-a. Não podia suportar que a tivessem feito sofrer.

— Pensei que não voltaria a ver você — ela me disse.

— Jamais a deixaria nas mãos daquele bárbaro — eu lhe respondi raivoso. — Temi por você, não me perdoaria se aquele inglês lhe tivesse colocado a mão em cima ou a tivesse machucado.

— Recebi aquela nota... — Sabia que ele queria explicação sobre o acontecido.

— Haverá tempo para que me conte tudo o que aconteceu, agora se apoie em mim e tente descansar, temos um longo caminho pela frente.

— Amo você meu escocês — ela me disse enquanto sorria e fechava os olhos para descansar. Apresentava olheiras e estava muito pálida.

Suas palavras me fizeram vibrar, eu havia escutado, ela dissera com muita clareza, amava-me! Eu também a amava, jamais imaginei que pudesse sentir aquilo, nem que desejasse me casar com alguma mulher, exceto ela, eu sabia ser ela a única mulher com a qual eu poderia ser feliz. Minha alma estivera esperando-a durante muito tempo. Inquietavam-me suas confidências, resultava-me difícil entender que ela era de outra época, eu acreditava nela, mas muito a meu pesar, de vez em quando, assaltavam-me muitas dúvidas e perguntas que não me permitiam ter paz. Em que pese tudo isso, a única coisa que eu queria era ter essa mulher sempre junto a mim.

Ficamos horas cavalgando, paramos para passar a noite,

jantar e descansar. Katherine estava extenuada, agarrei-a pela cintura e a deixei no chão. Estendi meu tartan para que pudesse repousar nele. Kimball e Korvan fizeram rapidamente uma fogueira e ambos foram ver o que pescariam no rio próximo. Observei-a, estava tremendo, sentei-me junto a ela e a abracei. Olhei seus lábios, eram uma tentação para mim, baixei meu rosto com a necessidade de saborear outra vez sua boca, retive-os alguns segundos entre os meus, sentindo sua umidade, o prazer e o desejo que seu toque provocava em mim. Minhas pupilas não se separavam das dela.

— Está bem? — Perguntei-lhe.

— Sim, agora sim.

Queria lhe contar por que me ausentei da cela, mas me recusei a fazê-lo, pois temia que ela não quisesse se casar comigo. Prefiri não lhe contar meus planos de tomá-la como esposa no castelo de Kimball.

— Aldan, o conde queria o manuscrito e o encapuzado que estava com ele, que responde pelo nome de Hernes, sabia que eu o carregava. Desconhecem onde está a outra parte — ela me disse com uma expressão de preocupação.

— Entreguei minha parte do manuscrito ao frade que a esperava em Kinloss. Quando se recuperar precisaremos voltar para aquela abadia, você precisa se livrar desse documento o quanto antes possível, tê-lo em seu poder só a coloca em perigo.

— Qual o significado do que está escrito no manuscrito? — perguntei-lhe.

— É uma mistura de linguagem e de símbolos que os

druidas utilizavam misturado com algumas palavras em gaélico.

— Por que eles o querem? — Perguntou-me.

— Poder, essa é a palavra, o ódio do homem vem pela ânsia de poder. — Olhei-a, precisava ser claro com ela e lhe contar minhas inquietações. — Desde que você se explicou comigo, eu estou perplexo com o que me disse. Como pode vir do futuro? Não entendo, mas isso não quer dizer que não acredite em você, de fato eu acredito. — Sorri.

— Compreendo, se eu estivesse em seu lugar pensaria que estou louca. O Portal dos Homens só se abre para determinadas pessoas e em um momento determinado, se não estiver ali, fecha-se para sempre.

— Sim, eu ouvi isto, nossas antigas tradições falavam disso, assim como os druidas.

— Exato... Eu não sei o que significa tudo isto, Aldan, a única coisa da qual tenho certeza é que se houver algo do passado que ficou pendente, a porta se abrirá no momento do qual se precise selar o passado para sempre. Minha ascendência vem dos antigos druidas. Três mulheres druidas, todas elas pertencentes à mesma estirpe, unidas com um vínculo de sangue. Possuíam uma missão, esconder três relíquias sagradas para que elas não chegassem às mãos dos homens que somente as procuravam para destruir, e ambicionavam poder. Uma destas três relíquias é o manuscrito e junto ao manuscrito uma destas mulheres, encarregada de custodiá-lo, deixou três pedras com uma simbologia que servisse de guia à jovem escolhida para cumprir a missão não

finalizada por ela. — Observava-a perplexo. — Custa-me entender que eu sou uma das escolhidas, o porquê, eu não sei. Só sei, que estou convencida de que preciso estar aqui por algo mais do que um manuscrito e algumas pedras.

— Agora precisa descansar. Continuaremos falando deste assunto outro dia. Tentaremos encontrar a chave para tudo isto. — Olhei-a, elevei seu queixo com meu dedo indicador e sorri. — Estou muito preocupado com você. — Baixei meu rosto e a beijei. Fixei-me em suas pupilas, brilhavam. — Eu a amo, Katherine. — Ela sorriu. Suas bochechas se ruborizaram.

— Eu também o amo, meu escocês. — Rodeou-me o pescoço com seus braços e me devolveu o beijo.

— Não me deixará e partirá para sua época, não é verdade? — Perguntei-lhe. Na realidade isso me preocupava, o fato de que ela pudesse desaparecer de minha vida para sempre.

— Não meu amor. Agora sei que o homem ao qual sempre procurava é você. — Piscou-me um olho. Recostou-se sobre meu peito e eu a abracei como se temesse perdê-la.

— Faça-me uma promessa, Katherine.

— Qual Macrae?

— Se em algum momento você retornar, prometa-me que procurará a maneira de voltar para mim.

— Prometo-lhe isso, não descansarei até que volte a estar junto de você.

— Eu tampouco descansarei. Procurarei você por toda parte até que retorne para mim. Juro.

— Mas não penso em partir de seu lado, Aldan Macrae —

disse enquanto bocejava.

Adormeceu igual a mim, não escutei Korvan e Kimball chegarem. Era muito cedo quando um ruído nos despertou e não só a mim, mas também meus dois amigos. Afastei Katherine cuidadosamente, mas ela despertou. Devíamos partir o quanto antes, era muito provável que o ruído tivesse sido de algum animal; além disso, ansiava chegar ao castelo de Kimball.

A viagem foi longa e muito extenuante, era noite quando finalmente vimos as duas grandes torres do castelo. Seu fiel amigo David saiu a nosso encontro.

— Os homens os viram. Já estávamos preocupados com vocês — disse David.

— Como está Ana? — perguntou Korvan.

— Ainda não começou o trabalho de parto, se for isso o que o preocupa — respondeu David.

— Ora, ora, ora! — Kimball e eu rimos ao ver sua reação. Não podia acreditar ver meu amigo assim, seria pai. Desde que Ana chegou a sua vida eu via um homem feliz. Já não era o guerreiro frio e incapaz de demonstrar sentimento algum, sua mulher e o amor que lhe dedicava o transformaram em um novo homem.

Nesse momento saiu Elizabeth que abraçou e beijou Kimball, ela nunca seguia os protocolos. Em seguida se fixou em Katherine, olhou para seu marido com expressão de preocupação.

— Meu Deus! O que aconteceu? — Perguntou Beth ao guerreiro.

— É muito longo para contar, depois falaremos. Por favor, Beth, leve a jovem a um aposento, ela precisa descansar. — Ela assentiu e partiu com Katherine que se virou para me olhar, eu assenti.

Korvan e Kimball me observavam com interesse.

— Não digam nada! — Ordenei. Sabia que zombariam de mim, mas de pouco serviram minhas palavras.

— Como você me disse? — Perguntou-me Korvan. — Ah! sim, lembrei-me. Eu jamais me apaixonarei, o matrimônio não entra em meus planos. Ora, ora, ora!

— Eu disse isso antes de conhecê-la. — Respondi chateado. Kimball se aproximou e me deu uma palmada no ombro.

— Precisamos falar dela e do que aconteceu. Preocupa-me, Simón de Monfort virá procurá-la.

— Sei. Eu também estou preocupado — disse-lhe.

— Você a ama? — Perguntou Kimball.

— Sim, amo-a — respondi.

— E já lhe disse o que pensa em fazer amanhã? — Perguntou Korvan.

— Não — respondi.

— Pois não sei o que espera!

Tinham razão, devia explicar a ela meus planos, mas temia que se o fizesse ela recusaria se casar, até seu pai não nos dar seu consentimento e eu não estava disposto a que não se casasse comigo. Devia colocá-la a salvo, em minhas terras, e sendo a esposa do laird dos Macrae. Subi ao aposento onde Katherine dormiria, abri a porta, ela estava na cama, deitada, totalmente adormecida, tirei as botas, a camisa e meu tartan e

me coloquei ao lado dela. Observava-a enquanto dormia, já a considerava minha mulher, e não consentiria, por nada do mundo, que alguém lhe fizesse mal. Amava-a como jamais pensei poder amar alguma pessoa e estava disposto a renunciar a muitas coisas em minha vida por ela. Acaricieei com suavidade sua bochecha para não a despertar, ela se moveu e se virou de frente para mim, passou seu braço por cima de meu peito e colocou sua cabeça sobre este.

XXIX

A luz da manhã me despertou, sentia-me tão confortável que me dava preguiça até de abrir os olhos. De repente senti medo de ter retornado a minha época. Aldan! Eu gritei. Abri de repente os olhos e então me dei conta de estar abraçada a ele. Eu o havia despertado com meu grito, olhou-me com um bonito sorriso.

— Eu já sabia que não pode deixar de pensar em mim, milady — disse zombando.

— Não acredite ser tão importante em minha vida, escocês — eu brinquei.

— Ah, não! — Ele me respondeu enquanto acariciava meus lábios com seu dedo indicador.

— Não... — eu disse tremendo, somente de sentir o roçar de seu dedo sobre minha boca já me fazia estremecer.

— Já me dou conta que não. Ora, ora, ora! — Suas risadas me incomodaram, estava muito seguro de meus sentimentos para com ele e eu não tentava ocultá-los.

Tentei me levantar e me desenvencilhar de seus braços, mas com grande habilidade ele me agarrou pela cintura e me deitou de barriga para cima me deixando imobilizada enquanto me segurava os pulsos.

— Bom dia, Katherine — Ele me sussurrou enquanto

esboçava um grande sorriso e baixava seu rosto para me beijar. Afastou-se para observar meu olhar, mantendo seu rosto muito próximo ao meu.

— Bom dia, Macrae. — Sorri. Ele achava engraçado meu qualificativo e voltou a me beijar, desta vez desfrutei do contato com sua boca e a suavidade de seus lábios. Mordeu-me o lábio inferior com suavidade provocando um calafrio que percorreu todo meu corpo. Quanto o desejava! Precisava abraçá-lo, ter seu corpo perto do meu, mas ele me retinha os pulsos e evitava qualquer outro contato que não fossem nossos lábios. — Quero fazer você sentir o muito que a desejo, meu amor — ele me dizia ao ouvido enquanto me despia com uma de suas mãos e a outra imobilizava meus pulsos. Sua boca ia beijando meu pescoço e baixando pouco a pouco até chegar a meus seios.

— Aldan, por favor... — eu disse com voz entrecortada.

Mas ele mantinha meus pulsos presos e não parava de umedecer minha pele com seus beijos enquanto sua outra mão explorava cada canto de meu corpo com carícias até fazer com que eu desejasse tê-lo dentro de mim, senti-lo. Quis que ele me soltasse, mas ele não o permitiu, sabia que assim o prazer provocado em mim seria maior que a minha excitação.

— Amo você, Katherine — ele me sussurrou enquanto me fazia dele.

Estivemos abraçados, ele beijava meu ombro enquanto me sussurrava o muito que me amava. Transcorrido um tempo ficou de pé, sabia que algo o preocupava. Agarrou-me pela mão e forçou-me a ficar de frente para ele. Reteve minhas mãos entre as suas.

— Há algo que preciso lhe dizer...

— O que acontece, Aldan? Está muito estranho. — Um forte ruído fez que com ele olhasse pela janela.

— Logo saberá. — Piscou-me um olho, atraiu-me para ele e me beijou com paixão. — Estou louco por você, não o esqueça — ele me disse enquanto me tocava a ponta do nariz com seu dedo indicador.

Vi-o sair. Transcorridos alguns minutos observei pela janela, Aldan já estava com seus dois amigos, os três riam e lhe davam palmadas nas costas enquanto faziam brincadeiras. O que estava acontecendo? Estavam muito estranhos. Meu escocês desapareceu enquanto Korvan e Kimbal gargalhavam. Bateram à porta. Era Begira. Alegrei-me de vê-la. Finalmente!

— Lady Katherine! — Fui para ela e a abracei.

— O que está acontecendo, Begira? Não entendo nada. — Ela me guiou para que nos sentássemos em duas cadeiras que havia no aposento.

— Faz muitos anos uma jovem tão bonita quanto você fez uma promessa, retornaria a esta época para mudar o destino dos acontecimentos. — Nesse momento entraram na habitação Ana e Elizabeth. Begira ficou de pé, junto a elas. Ambas as mulheres se olharam e puxaram os cordões que estavam pendurados em seus pescoços, mostraram-me, fiquei perplexa ao vê-los, eram como a cruz que eu carregava, a cruz de David. Tirei a minha, eram exatamente iguais.

— O que significa isto? — Eu perguntei.

— Elas também experimentaram o mesmo que você, Katherine — disse Begira. — O Portal dos Homens só se abre às

escolhidas e vocês três são, seus ancestrais deixaram algo pendente e até que cada uma de vocês termine sua missão, o Portal dos Homens não se fechará para sempre. Elas já fizeram sua tarefa, mas você tem o manuscrito.

— Mas... vou enlouquecer!

— Deixe comigo, Begira — disse Beth. — Nossas ancestrais foram assassinadas, mas antes de morrer juraram proteger e esconder, em algum lugar, os tesouros que chegaram até elas. São nossas antepassadas e há uma união de sangue que vincula as três. Elas, por seu juramento, permitiram-nos transpassar o portal. Ana e eu escolhemos ficar aqui, mas você não só precisa finalizar sua missão, mas sim chegará um momento em que terá que escolher. Se a porta se fechar jamais voltará a se abrir para você, nem para ninguém.

— Vocês também pertencem à minha época? — perguntei.

— Sim, — respondeu Ana — e há um vínculo entre nós em nossa época anterior e a sua. Minha avó sabia algo, mas não lhe deu tempo para que me revelasse isso, já que fui da noite para o dia aparecendo aqui. Justamente na noite de São João, em Alicante.

— No que diz respeito a mim, houve uma doente no Royal London Hospital, hospital no qual eu trabalhava que sabia muitas coisas sobre mim, mas eu parti sem averiguar quem ela era na realidade. — Olhei para Begira.

— Katherine, eu as vi, tenho um dom com o qual nasci, conheci as três formosas juvenzinhas que juraram se vingar e proteger os três tesouros, mas em seu caso há algo diferente ao que aconteceu com Ana e Elizabeth, você fez uma promessa.

— Eu? A que se refere?

— Sim, você e Aldan... — Nesse momento bateram à porta, era a donzela.

— Senhoras, o conde de Essex pede que estejam no pátio.

— Atrás delas estava Korvan que agarrava sua esposa pela mão e nos obrigou a segui-lo.

Eu estava nervosa e desconcertada. No pátio, Korvan me guiou até à capela que havia dentro do recinto do castelo, lá estava Aldan e Kimball ao seu lado. O padre Lean estava no altar.

— Vá com Aldan, Katherine — sussurrou-me Korvan.

O que significava tudo aquilo? Aldan estava sério, usava seu tartan, estava muito atraente, estendeu sua mão para segurar a minha. Colocou-me a seu lado e fez um gesto ao padre Lean.

— Aldan, o que faz? — Perguntei.

— Mas ela não sabe? — Perguntou o padre Lean.

— Saber o quê? — Perguntei.

— Seja rápido e não faça mais perguntas, ou já esqueceu o que eu lhe disse — disse Aldan em tom ameaçador ao sacerdote.

— Aldan! Pode-me explicar o que é isso? — Repreendi-o. O padre Lean nos interrompeu.

— Minha filha, ama este homem? — Perguntou-me o sacerdote. Ruborizei-me diante de sua pergunta em frente a todo mundo.

— Sim, amo.

— Uff! Menos mal! — disse o padre. — E você, bruto

escocês, ama esta jovem?

— Sim, amo-a. — Nesse momento Aldan, que me segurava a mão com força, enrolou uma ponta de seu tartan na outra mão que ficava livre e a colocou sobre a minha. Eu olhava atônita com o que ele fazia.

— Pois já está tudo dito, a partir deste instante já são marido e mulher.

— O quê? — Interroguei Aldan com o olhar. Devia ser uma brincadeira.

— Já ouviu, você é a esposa do chefe dos Macrae, — ele me disse.

Kimball, Korvan e todos os ali presentes se foram diante da tormenta que viram se formar entre nós dois.

— Podia ter me perguntado? Ao menos eu precisava ter dado meu consentimento.

— Temi que se negaria, foi melhor assim. Sendo minha esposa pensarão antes de machucá-la; além disso, Monfort já não poderá se casar com você se voltar a cruzar em nosso caminho, nem o próprio rei da Inglaterra, que o apoia em tudo, poderá fazer alguma coisa. — Nisso ele estava certo. — Recordasse da noite na abadia? — Ruborizei-me. Como não me recordaria? — Saí da cela para procurar um sacerdote para que nos casasse. Ansiava fazer amor contigo naquela noite, mas estava muito claro que queria me casar depois de estarmos juntos, teria gostado de torná-la minha esposa antes, mas não deu. Não queria que você pensasse que havia me aproveitado de você ou que não me importava. Amo você, Katherine e somente ao vê-la eu soube que a única esposa que eu queria

ter seria você. — Tirou um anel que usava em seu dedo mindinho, era de ouro e possuía gravado o brasão dos Macrae. Segurou minha mão e me colocou. — É esse meu anel, assim todos saberão que é minha e qualquer um que ousar machucá-la terá que se ver comigo.

— Aldan! — Envolvi o pescoço dele e o beijei, ele me abraçou a cintura e me aproximou dele. — Quero que saiba que continuo zangada com você por não ter dito nada, mas... depois de ter escutado o que acaba de me dizer eu o perdooarei, meu escocês. Eu também o amo.

Agarrou-me nos braços e me levou para fora e antes de cruzar a porta me beijou.

— Minha escocesa. Já é uma Macrae.

Nesse momento nos demos conta que não havia ninguém nos esperando lá fora, Aldan me deixou no chão e apareceu a irmã de Kimball, corria para o interior do castelo.

— O que houve, Milred?

— A esposa de Korvan está em trabalho de parto! — Afastou-se. Ambos nos olhamos.

Korvan esperava junto a Kimball na grande sala de reuniões, as mulheres estavam no andar superior. Aldan ficou com os homens e eu fui com as mulheres. Elizabeth dava instruções.

— Fique calma Ana. Precisa fazer bem a respiração, tal e como o fez com seu primogênito. Cada vez que vier uma contração tente se concentrar na respiração, a dor irá aumentando, mas depois irá baixando. As contrações cada vez serão mais seguidas e intensas, mas isso será bom sinal

porque significa que logo teremos seu bebê conosco.

Ana estava suando e pálida, a bolsa de água arrebentara. Milred molhava panos de linho e os colocava na frente.

— Katherine, ajude-me. Dê a mão para Ana, ela vai necessitar.

— Se eu soubesse que teria que passar outra vez por isso... — gritou Ana. Nesse momento teve uma contração.

— Respire — eu lhe sussurrei, — tente se concentrar.

Notei que a expressão de Beth era de preocupação. Ana estava perdendo muito sangue e o bebê não saía, algo não estava bem.

— Ana, o bebê está com o cordão ao redor do pescoço, por isso não pode sair.

— Beth! Não permita que meu bebê morra! — ela disse com lágrimas nos olhos e extenuada pelo esgotamento e pelas dores do parto.

— Não vai acontecer, Ana, seu bebê vai nascer. Necessito um último esforço de sua parte, tente não empurrar até que eu peça isso. — Ana assentiu. Eu estava preocupada.

Beth demorou alguns segundos e lhe deu a instrução de que empurrasse.

— Muito bem, Ana, já tenho a cabecinha. Katherine me ajude!

Dirigi-me para onde ela estava, deu-me a indicação de que segurasse a cabecinha do bebê enquanto ela seguia ajudando o nascimento até que, finalmente, uma preciosa menina chegou ao mundo. Beth me deu o bebê. Milred se aproximou e limpou o sangue da pequena que eu mantinha entre meus braços, era

preciosa, sua pequena mãozinha se movia. Milred a agasalhou e eu a aproximei de Ana que esboçou um grande sorriso.

— Minha pequena, é linda! Verá quando vir seu papai — ela lhe disse com muito carinho enquanto lhe dava um beijo em sua diminuta cabecinha.

Ajudei Beth junto com Milred a levar panos úmidos. Quando Beth terminou, Milred desceu as escadas para avisar Korvan que demorou poucos segundos a subir ao segundo andar. Abriu a porta com grande energia e iluminou o rosto ao ver as duas. Aproximou-se de sua esposa e a beijou com doçura.

— Amo você — sussurrou para Ana. Depois segurou em seus braços a sua pequena.

— É melhor que os deixemos sozinhos — disse-me Beth.

Fiquei em meu aposento, estava esgotada e estava com a roupa e as mãos com restos de sangue. Foi emocionante e enternecedor ver a pequena nascer, mas também cheguei a sentir medo, naquela época, sem médicos, tudo era um risco. Aproximei-me da bacia, nesse momento a porta se abriu e se fechou. Virei-me, era Aldan que me olhava apoiado na porta, com os braços cruzados e um pé apoiado sobre ela. Veio lentamente para onde eu estava, tomou minhas mãos manchadas entre as suas, pegou um pedaço de tecido de linho, molhou-o na água e limpou o sangue seco com supremo cuidado, em silêncio, depois, uma vez limpas, as levou aos lábios e as beijou. Olhou com intensidade para minhas pupilas e com sua mão retirou uma mecha de cabelo que cobria meu rosto.

— Já lhe disse quão bonita está?

— Não, meu amor, não me disse isto. — Sorri enquanto ele me envolvia a cintura com seus fortes braços e eu lhe rodeava o pescoço.

— Não posso me perdoar essa desorientação — disse ele, enquanto me beijava a testa, depois os olhos e depois as bochechas, fazendo-me desejar que seus lábios roçassem os meus, sensação que ele estava demorando de propósito. — Cada segundo que não está junto a mim me sinto desvanecer, é parte de mim, preciso de você, meu alimento é você, Katherine. — Suas palavras brotavam devagar de sua boca enquanto seus lábios umedeciam meu pescoço e meus ombros e suas mãos acariciavam minhas costas deslizando-se com grande mestria até a cintura. — Seu sorriso me deixa louco e seu olhar me mantém enfeitiçado. Cada vez que você está perto de mim, parece que meu coração vai sair e a única coisa que eu desejo é fazê-la a mulher mais feliz deste mundo. Fazê-la minha.

— Aldan! Meu amor você está me matando com seus beijos. — Ele sorriu.

Ele me fazia arder de desejo, suas carícias me faziam estremecer e suas palavras eram o vento que avivava o fogo que me fazia sentir. Olhou-me e seus lábios umedeceram os meus, sentindo a suave pele de sua boca sobre a minha. Pouco a pouco me tirou o vestido, caindo este ao chão e me deixando nua em frente a ele, seus fortes braços me agarraram e me levaram até a cama sem parar de me beijar. Tirou seu tartan que caiu ao chão com rapidez, seguido de sua camisa e sua calça. Seu varonil e musculoso corpo o deixava perfeito diante

do meu olhar. Deitou-se ao meu lado, rodeando-me com suas pernas e com suas mãos contornou as curvas de meu corpo. Seus lábios foram beijando cada canto de minha pele enquanto suas mãos acariciavam meus seios e desciam com grande mestria até minhas coxas. Precisava dele, desejava-o e ele também sentia o mesmo que eu, ansiávamos nos unir com urgência. O desejo nos queimava por dentro e a necessidade de nossos corpos exigia nos entregarmos um ao outro.

Olhava-me sem nem piscar.

— Pode me dizer o que observa Aldan Macrae? Não se dá conta de que está me deixando nervosa? — Ouvindo meu comentário ele sorriu, acariciou minha bochecha com sua mão.

— É linda. Sou um homem com sorte.

— E eu uma mulher com sorte — eu lhe disse enquanto aproximava meu corpo ao dele e apoiava minha bochecha sobre seu peito. Fiquei adormecida entre seus braços sentindo o calor de seu corpo junto ao meu.

XXX

Simón de Monfort guardava tanto ódio em sua alma que não conseguiu evitar dar vários murros no tronco da árvore à sua frente. Desprezava os escoceses, de fato ficara satisfeito quando matou aqueles Macdonald, mas Aldan Macrae, não só desejava matá-lo, mas sim queria fazê-lo sofrer antes que desse seu último suspiro. Sabia que chegando esse momento desfrutaria com seus gritos de dor e seu sofrimento ao saber que sua amada ficava sob seu poder sem ele poder fazer nada. Ninguém ousava desafiá-lo e humilhá-lo como fizera o chefe dos Macrae. Agora chegava sua vingança. Premeditara muito bem seu plano, desta vez sairia perfeito e poderia terminar o que sempre quis fazer. Hernes analisava cada um de seus movimentos na distância. Simón de Monfort não confiava nele, sabia que ele queria o manuscrito tanto quanto ele, e que chegado o momento ele seria capaz de matá-lo para ficar com o documento sagrado.

Nesse instante precisava dele para seus planos, mas... mais adiante prescindiria dele

Já estava próximo e muito em breve começaria sua desforra.

XXXI

Tendo-a entre meus braços a via frágil e sofria ao pensar no dano que lhe teria feito Simón de Monfort se não tivesse aparecido naquele momento. Não queria que ela saísse jamais de meu lado. Amava-a e estava disposto a fazê-la feliz, isso é o que mais desejava. Mas estava me obcecando com sua segurança e amparo. Precisávamos terminar o que estava pendente, levar o manuscrito à abadia e acabar com tudo, enquanto o manuscrito estivesse com ela sua vida corria perigo. Eu iria sozinho, havia decidido, não podia expô-la ao perigo, em meu castelo ela estaria segura.

Beijei-a na bochecha, era hora de partir. Estava amanhecendo, a madrugada era fria e a névoa intensa. Devíamos ir, estávamos muito perto de Skye, atravessaríamos o rio e logo veria meu lar. Fazia duas semanas que partimos do castelo de Kimball e já era hora de retornar a casa, nosso lar. Ela abriu devagar os olhos e sorriu. Como eu gostava de seu sorriso.

— Bom dia, milady, precisamos partir, já estamos muito perto da margem do rio que nos levara até Skye.

— Estou desejando dormir em uma cama — ela me disse enquanto se endireitava. — Estou um pouco nervosa — ela me disse, olhei-a enquanto arqueava uma de minhas sobrancelhas

esperando que ela se explicasse. — Como seu clã vai reagir ao saber que se casou comigo?

— Ora, ora, ora! — Aproximei-me até onde ela estava, envolvi sua cintura e a atraí para mim. — Eles a aceitarão, ninguém se atreverá a questionar nada, é a esposa de seu chefe e qualquer um que diga algo contra sabe que arrumará um problema. Seria diferente se soubessem dessa história que você me contou e que não paro de remoer, nem consigo entender. — O rosto dela mudou de expressão e ela empalideceu. — Ninguém deve saber meu amor, precisa me prometer que jamais contará essa história.

— Não acredita em mim, pensa que estou louca — ela me disse.

— Sim, acredito em você, sei que podem acontecer coisas inexplicáveis, e vi coisas estranhas que eu jamais soube encontrar nenhuma explicação. Mas entenda que para mim é difícil compreender o que você me disse, mas acredito, você é diferente, muito diferente de qualquer mulher que conheci e seu comportamento não é muito habitual. Se descobrirem sua história podem acusá-la de bruxa, já sabe o que isso suporia. Seria capaz de dar minha vida por você.

— Eu não gosto que diga isso, Aldan, sempre que fala assim é como se augurasse que algo vai acontecer com você por minha culpa e não quero nem pensar. — Sua mão acariciou minha bochecha e não pude evitar beijá-la.

— Amo você, minha escocesa.

A chuva nos surpreendeu cruzando o grande rio. Sentia-me feliz, radiante de ver a torre de meu lar. Em seguida meus

homens me divisaram, baixaram a ponte levadiça e nos permitiram entrar no pátio de armas. Os aldeões saíram para nos receber, em seguida todos os meus homens nos rodearam, dei um salto e desci do cavalo, abracei a meus soldados de confiança. Por seus rostos intuí que, apesar de sua alegria por ver-me, havia algo que não estava bem. Ajudei Katherine a descer do cavalo e, ali, diante de todos, anunciei nosso casamento.

— Esta é minha esposa, a partir de agora é uma Macrae.

Vi como lhe davam umas calorosas boas-vindas, mas desejava estar a sós com meus homens, para que me dissessem o que acontecia, estive fora por muito tempo, Murdor me olhava com impaciência. Entramos no castelo e indiquei que acompanhassem Katherine até nossos aposentos.

— Poderá assear-se e descansar se assim desejar. Em seguida estarei com você.

Observei-a partir e me virei para encarar meus guerreiros de confiança.

— Então o que está havendo? — Perguntei.

— Seu pai, Aldan, morreu faz dois dias. — Eu não esperava por aquela notícia, sabia que ele estava doente fazia muito tempo, mas não imaginei que não chegaria a tempo para me despedir dele. Meu irmão veio correndo e me abraçou.

— Nosso pai morreu.

— Sei, mas já estou aqui com você.



No transcurso dos dias quase não consegui estar com Katherine, os acontecimentos da morte de meu pai me mantiveram ocupado. Esperávamos a chegada do padre Lean, ele havia partido faz dias de Essex para retornar para Skye. Tantas responsabilidades depois de minha ausência me impediram de prestar muita atenção a minha esposa. Ansiava as noites para estar com ela, era nosso único momento de estar juntos sem que nos interrompessem.

— Aldan, os Macdonald descobriram quem matou o comandante, foram os ingleses — disse Murdor preocupado. — E são os mesmos ingleses que capturaram sua esposa, os soldados de Monfort, disso tenho certeza.

— Sim, eu também acredito.

— Precisamos nos reunir com os Mitland e os Sinclair, devemos unir nossos clãs para nos proteger deles. Esperavam sua volta para se reunir com você.

— Estou de acordo, mas essa reunião não poderá ser hoje, deixaremos para amanhã, reúna-se com eles e lhes diga que nos encontraremos em um lugar neutro.

Vi Murdor partir com três de meus melhores amigos. Essa tarde eu dedicaria a ela, fui procurá-la. Dana, a donzela, dissera-me que ela fora caminhando para os escarpados, eu a procuraria, precisava dela e sabia que ela também precisava de mim.

XXXII

Simón de Monfort escondido esperava no bosque pelo homem que trairia seu chefe. Um cavalo se aproximava e parou quando o viu.

— Ele está nos escarpados, ela também está lá — disse o traidor.

— Perfeito. E seus homens? — perguntou o conde.

— Os de sua máxima confiança partiram, é o melhor momento para fazê-lo.

— Muito bem, então atacaremos.

— Lembre-se do que me prometeu, matará também ao irmão dele para que eu assuma a chefia do clã.

— Acalme-se, eu sei o que prometi. Mas até que o veja morto não cumprirei sua promessa.

Simón de Monfort estava com tudo muito bem planejado, não queria que ninguém o acusasse de ter matado o líder dos Macrae. Ele e Hernes se afastariam da ilha enquanto seus homens cumpriam com seu encargo. Era o momento, mas antes assassinaría Macrae, ele estava sozinho com ela. Hernes e ele agarrariam a jovem e acabariam com a vida do escocês, depois se afastariam dali sem que ninguém do clã os visse.

A luta e a vingança começavam.

XXXIII

A suave brisa acariciava minhas bochechas. Que bonita paisagem! Esses escarpados me davam vida, faziam-me sentir paz. Se estendesse a mão a sensação era que podia tocar o horizonte, fiz menção de experimentar e ri diante de minha tolice, então senti braços fortes me rodearem a cintura e aproximar meu corpo ao dele, acariciei seu braço e me virei para ver seu rosto. Suas pupilas brilhavam e com o reflexo da luz do sol a cor de mel se transformou em uma cor parda que me cativava.

— Hoje não lhe disse que a amo — ele me sussurrou ao ouvido.

— Não, é verdade. Levantou-se sem esperar que eu abrisse os olhos para lhe desejar bom dia.

— Na próxima vez esperarei que esteja acordada. — Virou-me para me olhar e aproveitou para me beijar.

Enquanto eu o olhava, encantada, dava-me conta que um cavaleiro vinha a grande velocidade para onde estávamos e em seguida notei que era Murdor.

— Aldan! — Assinalei. Ele se virou com brutalidade.

Murdor desceu com agilidade de seu cavalo, a expressão de seu rosto indicava que algo ia mal.

— Aldan! Há soldados ingleses por toda parte, entraram

em nossas terras com a intenção de atacar. Ao nos afastar, mas antes de cruzar o rio, seu irmão notou numerosos rastros de cavalos. Eles estão aqui!

— Não se mova daqui! — Ele me ordenou.

— Mas... Aldan!

— Não se mova Katherine! Por uma vez me dê atenção e confie em mim. Virei buscá-la.

Eu o vi agarrar seu cavalo e se afastar, mas nesse momento dois soldados ingleses se interpuseram em seu caminho. Começou uma grande luta, avancei temerosa de que o ferissem. Murdor lutava com os soldados e Aldan com Monfort, mas em um momento de descuido vi que por trás de Aldan surgia Hernes, estava escondido e saíra de seu esconderijo com uma só intenção, matar meu escocês. Corri com rapidez, gritava, mas não me escutavam. Antes que Hernes afundasse seu aço no peito de Aldan, eu me interpus entre ele e a espada. Senti quando o fio da arma penetrava em minhas costelas rompendo cada músculo que encontrava, uma grande dor me fez cair e gritar, Aldan se deu conta do ocorrido, Hernes e Monfort ficaram estupefatos.

— Não! — Gritou Aldan, sua voz feroz silenciou toda a natureza. Foi para mim correndo. Monfort e Hernes aproveitaram esse momento para fugir. Murdor os perseguiu, mas não os alcançou, retornou com seu amigo.

Foram segundos, minutos... possivelmente horas, mas eu sentia que a vida desvanecia, escutava cada vez mais longínqua a voz dele.

— Não se afaste de mim, meu amor... — Então escutei um

grito que saiu do mais profundo da alma, um alarido de dor que ficou gravado entre minhas lembranças e jamais sairia dali. — Nãooooooooooooo!



Alguns dizem que quando sua alma se debate entre a vida e a morte entra em um túnel, e caminha na escuridão seguindo uma luz branca que há ao final deste; outros, que somente veem escuridão e sentem medo. Não é que eu me recorde muito daquele mês no qual entrei em um coma profundo e do qual saí milagrosamente, ao menos isso foi o que me disseram os médicos. Naquele momento onde sentia que minha alma queria afastar-se de meu corpo, eu estava bem. Vi meus pais falecidos se aproximarem de mim com um sorriso, pessoas que eu amara e já não estavam comigo. Que paz! Encontrava-me em paz, sentia-me livre, feliz..., mas a lembrança daquele grito, a voz dele fez com que eu despertasse do coma profundo.

— Aldan! — Sussurrei. A enfermeira ficou petrificada.

— Você disse alguma coisa? Meu Deus, você despertou!

Eu havia escutado a voz dele, dizia-me: “Retorne para mim. Fez-me uma promessa”.

Custou para me recuperar e aceitar a ideia de que havia retornado e já não voltaria a vê-lo. Embora resistisse a isso, no fundo de meu ser, eu pensava que devia haver uma resposta para tudo o que me acontecera. Ele era meu presente, meu passado e meu futuro. A vida jamais teria sentido se ele não

estivesse ao meu lado.

Permaneci por semanas no hospital até que recebi alta. Sara me descreveu uma e outra vez o acontecido.

— Você desapareceu, a polícia de Inverness esteve lhe procurando por toda parte. Sua foto estava nas notícias e até se aventou a ideia de que um louco a tivesse matado. E depois, apareceu em um bosque, na ilha de Skye, ferida, a ponto de morrer. Não foram encontrados rastros, nem restos de seu sequestrador ou a pessoa que a machucou, e agora você não se lembra do que aconteceu. Estou convencida de que alguém a sequestrou e você foi trancada em condições desumanas, inclusive quem sabe se abusaram de você; possivelmente, tudo o que viveu tenha provocado que seu subconsciente apagasse tudo de sua mente. Os médicos dizem que pode recobrar a memória com o tempo... — E continuava falando, mas eu já não a escutava. Não podia contar o que realmente havia vivido, ela pensaria que estava louca.

Transcorreu mais de um ano desde aquele episódio e meu coração desejava cada dia mais a Aldan. O manuscrito e a pedra foram transportados no tempo comigo, entre meus pertences, assim como o anel e a cruz de David. Tudo fora real, mas guardava meu segredo à espera de encontrar respostas e uma forma de retornar para ele. Como se pode continuar vivendo quando sabe que se encontrou o homem de sua vida e que o perdeu para sempre? No fundo de meu coração temia que jamais retornasse para ele.

Todas as tardes percorria a ruela estreita próxima à praça da Maria Pita, para ver se a loja daquela mulher estava aberta,

não desistia, embora levasse um ano fazendo-o e a porta sempre estivesse fechada e sem nenhum indício de que ali houvesse alguém, nem atividade alguma. Aquilo se converteu em uma rotina e eu precisava fazê-la. Aquela tarde seguiria a mesma rotina de todos os dias e depois iria à Torre de Hércules.

O dia estava escuro e frio, as nuvens ameaçavam um temporal. Dirigi-me à ruela, queria passar rapidamente, sabia que a qualquer momento começaria a chover, mas nessa tarde algo mudou, era diferente, a porta estava entreaberta. Meu coração começou a pulsar com celeridade, bati e acessei ao interior. A loja estava vazia, estremeci, estava escura e me arrependi de ter entrado, mas precisava averiguar quem estava ali.

— Há alguém aí? — Gritei, mas ninguém respondeu. — Há alguém aí? — Voltei a repetir. Escutei um ruído na sala onde vi a anciã pela primeira vez.

Respirei e, apesar do medo que sentia, decidi ser valente. «Por você, meu amor», eu pensei.

— O que você faz você aqui? — Assustei-me. Era a moça que me guiou até à pitonisa.

— Não se lembra de mim? — Perguntei. — Você me trouxe até aqui faz mais de um ano, havia uma anciã...

— Sim, lembro. Ela não está, desapareceu — respondeu.

— Desapareceu? — Eu repeti. Meu mundo caiu, a única pessoa que poderia me ajudar e já não era possível contar com ela.

— Sim... — Deve ter notado a tristeza que sua confissão

provocara em mim. — Ela sabia que aquele homem a perseguia...

— E? — Queria que ela continuasse falando.

— Sinto muito, falo demais. Não sei onde ela está... — Desviou seu olhar.

— Você sabe que ela sonhava comigo, foi ela quem, de certa maneira, predisse o que me aconteceria.

— Sei, ela estava muito preocupada com você.

— Preciso que me ajude.

— Vamos a outro lugar, aqui não estamos seguras. Vá à rua Galera 45, espere-me na cafeteria, eu irei em seguida. — Ela estava inquieta. Assenti e saí dali.

Por que ela teria tanto medo? O simples fato de que tentasse me ajudar já fazia com que eu sentisse algum tipo de esperança. Decidi entrar e esperá-la lá dentro. Demorou para chegar e acreditei que não viria.

— Desculpe por tê-la feito esperar.

— Obrigada por vir — eu lhe disse. — Preciso encontrar respostas. Não sei se você sabe...

— Sei tudo o que aconteceu. Ela me contou isso e quando vi a notícia de seu desaparecimento no jornal e que depois a encontraram, quase à beira da morte, soube que era você. Reconheci pela foto. Viajou para outra época? — Eu assenti. — Descobriu por quê?

— Tenho em meu poder um manuscrito que precisava levar a uma abadia — eu disse.

— Sim, mas esse não é o motivo principal pelo qual foi lá. Fez uma promessa, Katherine. — Surpreendeu-me que ela me

chamasse assim, como o fez a anciã. — Uma promessa feita há séculos, um juramento de sangue. O ódio e a vingança a feriram, ele pensou que você morreria. Mataram-no, Katherine, e você jurou que sua alma não descansaria até que pudesse encontrar a maneira de retornar ao passado e remendar aquele mal e assim evitar sua morte, a morte do homem ao qual está destinada desde que nasceu, duas almas gêmeas que separadas jamais encontrarão a felicidade. — Não acreditava no que eu estava escutando. — Sua alma reencarnaria, permaneceria ligada ao passado pelo tempo até voltar a nascer em uma época onde encontraria a forma de retornar e mudar o passado.

— Custa-me acreditar em tudo o que você está me dizendo, não compreendo nada... Ele... morreu? Eu não me lembro. — As lágrimas rolavam por minhas bochechas.

— Sim, essa lembrança foi apagada de sua mente. A tumba dele se encontra na ilha de Skye, seus homens o enterraram perto dos escarpados, onde ele gostava de ir. Está escondida, a rocha tem uma inscrição já praticamente apagada pelo passar do tempo. Somente você pode salvá-lo da morte, somente você pode mudar o passado.

— Não entendo nada, vou enlouquecer. Como sabe de tudo isso? — Eu perguntei.

— Sei que é difícil. Minha avó viu, sempre a viu em seus sonhos, ela era a ponte entre você e o passado. Seu passado está ligado a cumprir uma missão, o manuscrito, mas essa missão que caiu em suas mãos não só colocou em perigo sua vida, mas também a vida do homem que sempre esteve em seu

coração. — Sabia que jamais poderia compreender o que ela estava dizendo, mas a única coisa que me importava era retornar para ele. — Enquanto o manuscrito estiver em seu poder você jamais estará a salvo, nem você nem ele.

— O que preciso fazer? — Ela moveu a cabeça.

— Não sei, a única coisa que escutei de minha avó é que as respostas estavam na terra dele, sua terra e a terra dele, aquela que pertence a vocês. Deve retornar outra vez à Escócia, é lá que encontrará as respostas e onde terminará sua missão — ela me disse.

— Mas como? — Perguntei-lhe.

— Visite sua tumba, possivelmente lá encontre o que procura, mas não se esqueça que carregando o manuscrito sua vida corre perigo. O homem que minha avó temia não é desta época, ele a está procurando e tem o poder de transpassar o Portal dos Homens, é um assassino, cruel, que quer somente a sua morte, e pegar o manuscrito. Sabe que você é a esperança. O manuscrito precisa ser oculto da avareza dos homens até que chegue o momento que seu conteúdo seja mostrado para toda a humanidade. Nesse momento os tesouros Santos de Santo André serão públicos, assim como as relíquias de José de Arimateia sairão à luz. — Eu intuía que esse homem fosse Hernes, eu também o vi em Inverness. — Agora preciso partir, retornarei a meu povo para começar uma nova vida. Esperarei lá até que algum dia minha avó retorne. Boa sorte, Katherine, sei que se reunirá com ele, encontrará a maneira de fazê-lo, fez uma promessa faz muito tempo e não poderá encontrar a felicidade até que esta não se cumpra. — Sorriu.

Eu a vi se afastar e fiquei ali, sentada e com uma grande incerteza por tudo o que ela havia me dito. Programaria minha viagem à Escócia o quanto antes possível, já havia decidido.

XXXIV

Onde você está Katherine? Eu gritei. Depois que ela desapareceu me afastei de minhas terras, que tanta dor me causavam, e fui ao norte, ali, na montanha, no meio da natureza tive muito tempo para pensar. A dor me consumia e cada dia eu precisava mais dela. Não sabia se ela estava viva ou morta, embora sempre estive convencido de que foi a morte que a trasladou à época à qual pertencia, seu corpo desapareceu entre meus braços. Murdor jurou não dizer nunca nada, eu tampouco expliquei nada, ele era um amigo fiel. Mais de um ano fora de meu lar fez com que o ódio crescesse dentro de mim, depois desse tempo retornei para minhas terras, mas com uma única ideia: a de me vingar e matar Simón de Monfort. Aquilo era meu único estímulo, minha vingança não acabaria com minha dor, mas ao menos faria justiça.

Havia retornado para Skye por volta de duas semanas, já era hora de procurar por aquele maldito. Contemplava os escarpados, observá-los me lembrava dela. Eu, que jamais havia chorado por nada, nem por ninguém, nesse momento não consegui conter as lágrimas, tapei meu rosto com ambas as mãos. Senti que apoiavam uma mão sobre meu ombro, reagi rapidamente agarrando minha espada e me virando para fazer frente a quem estivesse atrás de mim. Eram Kimball e Korvan,

ao me encontrarem tão abatido a expressão em seus rostos se entristeceu. Tentei limpar as lágrimas para que eles não me vissem assim.

— Aldan, podemos saber por onde você andou? Murdor mandou um mensageiro para nos informar que você havia retornado — disse Kimball.

— Faz quanto tempo que não tira essa barba? — Perguntou Korvan.

— Aldan, não pode continuar assim — disse Kimball, — sua gente precisa de você. Seu irmão é muito jovem para enfrentar a chefia do clã Macrae, e seus homens estão divididos porque Ailbert tomou o comando. Akir confia nele e deixa tudo sob sua responsabilidade. Seu descuido vai provocar uma guerra interna que tingirá suas terras de sangue.

— Não posso, ainda não — disse-lhes dando as costas e olhando o horizonte. — Preciso matar Simón de Monfort.

— Está louco? — Gritou Korvan. — Aquele inglês é muito poderoso, tem o apoio do rei da Inglaterra e muitos barões o apoiam. Matará você, Aldan, abandone essa ideia.

— Sabe que não o farei.

— É um teimoso! Escocês cabeçudo! — disse Kimball. — Iremos com você.

— Não — eu disse, — devo fazer isto sozinho, não vou colocar suas vidas em perigo. É algo pessoal entre Monfort e eu.

— Quando se metem com um cavaleiro da ordem do Leão se metem com todos. Decidido, iremos com você, — sentenciou Korvan.

Partiríamos em dois dias, eu precisava organizar meu clã antes de partir. O que Kimball e Korvan me disseram sobre Ailbert me preocupava. Como não havia me dado conta? Murdor não me dissera nada na minha volta, mas tampouco podia lhe jogar na cara aquilo, ele me via abatido, igual observavam Balgair e Brod. Meu irmão era muito jovem e ele colocava muita confiança em Ailbert, em minha ausência se apoiou nele e este se aproveitou da situação.

— Murdor! Quero que se responsabilize pela chefia do clã até que eu retorne. É meu comandante e assim deve ser.

— Aldan quero acompanhá-lo — disse Murdor.

— Não, amigo, preciso que fique aqui. Não confio em Ailbert.

— Eu tampouco, Aldan. Ele gosta muito do poder.

Observei Kimball e Korvan, em alguns minutos empreenderíamos a viagem, mas antes quis retornar ao mesmo lugar onde a tive pela última vez entre meus braços e a vi desaparecer. Precisava tomar fôlego para seguir adiante com minha decisão. No mais profundo de meu coração albergava a esperança de que ela aparecesse no mesmo lugar onde desapareceu.

Cavalguei a grande velocidade, deixei meu cavalo e fiquei na beira dos escarpados.

— Katherine! Gritei tudo o que pude, precisava dizer seu nome, desafogar-me. Onde você está?

As primeiras gotas de chuva começaram a cair, levantei meu rosto olhando para o céu. Devolva-ma. As gotas de água umedeciam meu rosto. Nesse momento senti que ela estava ali,

junto a mim, virei-me com brutalidade, procurando-a, e ela estava ali, corria para se encontrar comigo.

— Aldan! — Ela gritou, e eu estava tão perto dela que acreditei poder tocá-la.

— Katherine! — Levei minha mão para segurar a sua, mas algo que aos olhos humanos não era perceptível me impedia de tocá-la, ela olhou minha mão e depois meu rosto, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Amo você — ela me disse.

Katherine levantou sua mão e eu a imitei para unir-me à dela, mas não podia tocar sua pele embora sentisse sua energia, sua presença. Nossas pupilas estavam fixas, uma sobre a outra, não precisávamos palavras, com o olhar dizíamos tudo. Foram segundos e em seguida sua imagem começou a se desvanecer.

— Katherine! — Eu gritei e ela se afastava de mim. — Eu a encontrarei! — Gritei, mas ela já havia desaparecido.

XXXV

Caí no chão com os joelhos fincados sobre a erva molhada pela chuva. As gotas de água molhavam meu cabelo e a roupa que usava, mas nada importava, eu o vi, tão somente foram alguns segundos, mas ele estava ali nesse instante. Eu o amava. As lágrimas rolavam por minhas bochechas. Fazia quase um dia que havia chegado à ilha Skye, alojava-me em um bangalô, e nessa tarde estava ansiosa para ir ao mesmo lugar no qual o vi pela última vez. A proprietária do bangalô, uma ruiva de idade avançada, forte, advertiu-me que não saísse sem guarda-chuva, mas eu fui com minha capa de chuva e as botas de borracha, gostava de me molhar sob a chuva.

Afastei as mãos de meu rosto, respirei profundamente, a tristeza que sentia depois de tê-lo visto era indescritível, mas então vi uma rocha perto dos escarpados. Passava despercebida. Aproximei-me e me ajoelhei para observar a inscrição, estava escrito em gaélico, mas consegui decifrá-lo.

*“Não consegui cumprir minha promessa. Sempre a amarei.
Aldan Macrae”.*

Meu Deus! Era verdade! Ele havia morrido, tal como me

disse a jovem. Não! Eu gritei. Precisava evitar, mas... como? Como obter algo que não possuía explicação e eu nem entendia. Ela me disse que aqui estaria a resposta, mas que resposta eu precisava encontrar. Quem eu sou realmente? Não sei quanto tempo passei abraçada à rocha. Nesse momento percebi que não estava sozinha, virei-me com medo, desde que Hernes aparecera no cemitério naquela ocasião eu temia que ele me encontrasse em minha época. Diante de mim havia um ancião, apoiava-se sobre uma bengala com uma mão e com a outra segurava um amplo guarda-chuva negro.

— Sabe quem ele é? — Perguntou. Não pude negar.

— Sim — eu lhe respondi limpando as lágrimas que se mesclavam com as gotas de chuva.

— Está ensopada, venha comigo. Minha mulher ficará encantada de conhecê-la.

O ancião me ajudou a levantar e me levou ladeira abaixo. Uma casinha perto do rio, próxima ao lugar onde eu me instalara. O ancião bateu com os nódulos de sua mão e em seguida uma mulher de grandes olhos azuis e rosto angélico abriu a porta.

— Carlton! Está ensopado! E esta jovem? entrem. — Não parava de falar.

— Encontrei-a junto à tumba de Aldan Macrae. — Nesse momento a anciã mudou sua expressão, tornou-se séria, ambos cruzaram seus olhares. Segundos depois me olhou e sorriu. — Entre querida! Vai pegar um bom resfriado.

— Obrigada, não quero incomodar, na realidade o bangalô onde me instalei está perto, posso ir até lá.

— Não, é claro que não! Continua um dilúvio, entre. Emprestarei a roupa de minha filha Alice enquanto secamos a sua.

Guiou-me até um quarto muito enfeitado e ali me troquei, depois me sentei na pequena sala em que havia uma lareira iluminando o lugar e esquentando-o. Serviu-me uma taça de chá e ambos se sentaram em minha frente.

— O chá a aquecerá querida. — Observavam-me. — Então... você estava na tumba de Aldan Macrae — disse a anciã.

— Sim — respondi.

— Como sabia que ela estava ali? — Perguntou-me.

— Eu sabia, alguém me disse — respondi assim.

— Ela estava chorando, Rosslyn — disse Carlton para sua esposa.

— Chorando? — O ancião assentiu e me olharam. — Por que você chorava? — Eu não sabia o que responder.

— Bom, obrigada pelo chá, eu adoraria ficar mais tempo com vocês, mas é hora de ir. — Fiz menção de me levantar, mas o que a anciã disse me fez não seguir adiante com minha ideia.

— Ele não está ali na cova. — disse Rosslyn. Olhei-os e voltei a sentar.

— Mas na rocha há uma inscrição assinada pelo escocês — eu disse.

— Sim, mas seu corpo não está ali.

— Hoje tive um dia muito ruim, e mais, estou há muito tempo procurando respostas... — Parei, não queria continuar. — Uma mulher me disse que era sua tumba. Quem são vocês? O

que sabem de Aldan Macrae?

— Acalme-se, filha, agora lhe explicaremos. Nós somos Macrae, nossos antepassados pertenciam ao clã de Aldan Macrae. A história deste grande laird e guerreiro, passou de geração após geração. Ninguém sabe onde descansam seus restos, mas ele não só defendeu nossos ancestrais dos ingleses e outros clãs que quiseram se apropriar das terras que pertenciam a nosso clã. Aldan Macrae é uma lenda e um herói para todos nós.

— Por que ele é uma lenda? — Perguntei.

— Aldan Macrae lutou contra os soldados de Simón de Monfort, um de nossos grandes inimigos, um inglês que contava com o apoio da coroa britânica. Ele partiu para o castelo do conde, mas nunca retornou para suas terras. O certo é que seu comandante, Murdor, disse a todos do clã que ele havia morrido lutando contra o inglês a quem ele assassinou com sua espada. Depois de matar Monfort, ele mesmo cravou a espada em seu coração, não podia continuar vivendo sabendo que jamais estaria com a única mulher que amava. Antes de morrer disse para Murdor que pusesse aquela frase em sua tumba, a rocha que você viu. Mas ali não estão seus restos e ninguém sabe onde estão. Murdor mentiu por indicação de Aldan Macrae.

— Mas ela não morreu — eu disse.

— É verdade, e nós sabemos, mas exceto nós ninguém mais sabe.

— Como sabem vocês?

— Porque nosso antepassado é o comandante Murdor e ele

contou a verdade para seus filhos e assim foi passando de geração após geração.

— O que disse o comandante Murdor sobre a mulher? — Perguntei.

— Que ela estava viva, e ele queria protegê-la, daí que desapareceram e partiram para longe, para algum lugar da Escócia. Nem sequer ele soube. Aldan não quis contar a ninguém. Murdor ao relatar a história sempre disse que eles se amavam e que eram almas gêmeas. Ambos fizeram uma promessa e ao final cumpriram. — Rosslyn me olhava. — Agora, juvenzinha, nos diga... por que você chorava? Ninguém sabe daquela pedra. Nós somos os únicos que a visitamos, de fato ela está muito escondida e passa despercebida, nem os turistas vão ali.



— Não posso dizer sinto muito. — Intuí-a que não acreditariam em mim.

— Você é ela não é verdade? A jovem usava uma cruz de David igual a você, e Murdor disse também que, apesar de ter feito a promessa para Aldan Macrae de não dizer a ninguém de sua família, precisou revelar esse segredo para que no futuro a ajudassem a retornar junto a ele.

— Sinto muito, preciso partir — eu disse. Agarrei minhas calças e camisa, já estavam quase secos. — Amanhã virei para lhes devolver a roupa de sua filha. — Saí pela porta com

rapidez.

Tudo o que eu havia escutado me inquietava. Seria verdade que ele não tivesse morrido? Isso me dava um halo de esperança. Então voltaremos a nos encontrar. Deveria meditar tudo o que acontecera, mas eu sabia que no dia seguinte retornaria para falar com os anciões, intuía que eles eram a chave e poderiam me levar até ele.



Diferente do dia anterior havia amanhecido um dia lindo. Dirigi-me à casa dos anciões, Rosslyn estava dando de comer às galinhas que estavam no galinheiro.

— Querida, sabia que voltaríamos a vê-la, entre na casa que em seguida estarei com você. — Sorria.

Sentei-me na mesma cadeira da tarde anterior. Transcorridos alguns minutos ela estava comigo, serviu-me um café com deliciosas bolachas caseiras e se sentou de frente para mim.

— Murdor disse a meus antepassados que o corpo dela desapareceu, ferida, no mesmo lugar onde está a pedra com a inscrição de Aldan — ela começou a falar sem eu lhe perguntar. — Que o laird lhe confessara que Katherine havia dito que pertencia a outra época, do futuro. Ele estava seguro de que ela retornaria junto a ele. É você Katherine?

— Sim, Rosslyn, não sei como apareci lá, nem porque, mas eu sou essa mulher.

— Fizeram uma promessa, querida. São almas gêmeas que estavam destinadas a ficar juntas. — Eu baixei o rosto.

— Quero voltar para ele e não sei como — eu lhe disse.

— Deve terminar a missão que a levou até Aldan. — Nesse momento entendi: o manuscrito e Kinloss, devia levá-lo até lá. — Até que não o entregasse não poderá retornar junto dele. — Colocou sua mão sobre a minha. — Querida, nossa família sempre acreditou que foi assim, Murdor se encarregou de relatar os detalhes para seus filhos e estes aos seus passando de geração após geração. Nossa missão é ajudá-la a retornar ao mundo ao qual pertence.

— Mas como me encontrarei com ele, Rosllyn, não sei o que fazer. Eu o amo. — Tapei o rosto com ambas as mãos.

— Jovenzinha você encontrará a maneira. Murdor disse que vocês se encontraram e partiram para longe destas terras e serem felizes, por isso sei que você achará a forma de retornar para ele. Precisa se apressar em ir o quanto antes a Kinloss, o tempo passa e o portal pode se fechar para sempre. Os perigos estão por aí e também a maldade humana que deseja acabar com o amor de vocês.

— Obrigada, Rosllyn, suas palavras me reconfortaram, precisava escutar tudo o que você disse.

— O destino nos coloca em um lugar e em um momento, por alguma razão, sempre há uma explicação para tudo.

— Pode me ajudar a encontrar um lugar onde alugar um carro para ir a Kinloss? — Eu perguntei.

— Nós a levaremos. Você é a esposa daquele que foi nosso laird, o grande Aldan Macrae. Nosso dever é ajudá-la. — Sorriu.

— Pegue suas coisas da pousada, nós as guardaremos aqui, de toda a maneira não acredito que lhe façam falta para onde você vai. Sei que ele está a esperando. Conforme relatou Murdor, sua tristeza era tal que sua vida não tinha valor sem você. Foi vingá-la sem se importar se perdesse a vida, ele acreditava que você havia morrido embora albergasse a esperança de que cumprisse sua promessa e retornasse junto a ele. Precisa se apressar querida.

Ela estava certa. Quase não consegui dormir. Na manhã seguinte saímos de madrugada. Rosslyn e Carlton estavam animados, contentes e muito emocionados por me ajudar. Olhava pela janela e recordava aqueles campos pelos quais havia cavalgado com Aldan. Quanta saudade eu sentia! Precisava sentir seus beijos, suas carícias, seu sorriso, seus fortes braços me rodeando a cintura e seus bonitos olhos cor mel me olhando. Transcorreram várias horas até que chegamos à abadia, ela estava destruída. A carroça se deteve e recordei tudo o que eu vivera ali.

— É aqui querida? — Perguntou-me Rosslyn.

— Sim, mas está tudo muito mudado, a abadia quase nem parece com a que foi antigamente. Inclusive a paisagem é diferente, menos selvagem.

— Imagino — disse Carlton. — Precisa abrir seu coração e sua alma. Deixe se levar por sua intuição.

— Nós a esperaremos aqui fora. Sinta, tenho certeza de que ele está perto, ambos têm um vínculo tão forte que suas almas se buscam continuamente para se encontrarem outra vez.

Olhei-os, pouco a pouco fui entrando naquelas ruínas. O vento que era forte e desagradável, começou a ser incômodo.

XXXVI

— Murdor! — Eu disse. — Ordenei que você ficasse como chefe do clã. — Murdor nos havia alcançado, ele permanecera escondido até que já estávamos o suficientemente longe de Skye e muito perto do castelo do conde.

— Não posso Aldan, e não vou fazê-lo. Se quiser me mate por desobedecê-lo, mas meu dever e obrigação é acompanhá-lo; além disso, você é meu amigo e eu jamais o abandonaria.

Suas palavras me emocionaram, embora estivesse acostumado a ocultar meus sentimentos.

— Obrigado Murdor. — Kimball e Korvan assentiram dando razão a Murdor.

Estávamos em terras inglesas e devíamos tomar cuidado, os escoceses não eram bem-vindos.

Havíamos escolhido o dia menos indicado para ir ali, havia uma reunião secreta. Numerosos cavaleiros entravam no castelo com o selo da ordem do Dragão. Monfort era o grande mestre. Olhamo-nos, não sabia como faríamos, mas eu precisava acabar com aquele maldito. Kimball nos fez um gesto, roubaríamos as túnicas daqueles homens, já tínhamos experiência naquelas aventuras, não era a primeira vez. Esperamos com paciência até que tivemos a oportunidade de assaltar vários cavaleiros que ficaram inconscientes, olhamo-

nos e sorrimos, os três juntos éramos invencíveis. Fazia tempo que não lutávamos como fazíamos antigamente. Entendíamos somente em nos olhar. Murdor nos conhecia muito bem e não ficava atrás em nossas aventuras. Pusemos nossas capas e ocultamos os rostos. Acessamos o interior do castelo. Seguimos todos os cavaleiros que faziam as típicas reuniões das quais possuía a fama Simón de Monfort. Descemos as escadas em caracol até chegar a uma galeria subterrânea, escura e úmida. Andávamos em fila, passamos a uma grande sala. Havia tochas por toda parte. No centro da estadia havia uma mesa em forma de U, fomos nos sentando ao redor, o conde começou a falar.

— Ainda não temos o manuscrito, mas logo estará sob nosso poder. Sabemos que a jovem está viva. — Ao escutar suas palavras senti uma grande alegria em meu interior. — Ela se dirige a Kinloss, à abadia, e lá ele a espera para pegar o documento e nos trazer até aqui.

— E depois o quê? — Perguntou um dos ali presentes. Estivemos muito tempo esperando. O sacrifício precisa ser realizado, uma delas deve morrer para que a maldição que nos fez a sacerdotisa se extinga com o fogo.

— Será ela? — Perguntou outro cavaleiro.

Simón de Monfort se levantou, vi como ele se movia, inquieto, de um lado para outro.

— Sim, ela morrerá — ele disse. Nesse momento Korvan me segurou pelo braço.

— Acalme-se já passamos por uma situação semelhante. Não permitiremos que isso aconteça — ele sussurrou.

Irromperam na sala os homens que havíamos golpeado.

— Há intrusos! — Todos se levantaram e se produziu uma grande agitação.

— Tirem o capuz! — Gritou Monfort. Murdor agarrou uma tocha e queimou uma das tapeçarias, o fogo despistou os congregados e eu me fixei em Monfort que fugia a grande velocidade por uma das portas traseiras.

Fui atrás dele, percorri passadiços que se comunicavam com o exterior do castelo, a intenção dele era desaparecer, mas eu não permitiria. Corri atrás dele e quando foi pegar seu cavalo o agarrei pela capa e o atirei ao chão, não me escaparia ele devia morrer.

Tirou sua espada e eu a minha. Começamos a lutar, nossos aços se chocavam com força um contra o outro, via o ódio refletido em seus olhos.

— Então era você! — Ele me disse.

— Sim, vim para matá-lo — eu disse.

— Ora, ora, ora! Isso nós veremos escocês.

Ele se movia com grande agilidade, dei-lhe um golpe e sua espada saiu voando, então eu atirei minha espada ao chão e começamos a lutar com os punhos, em seguida eu o derrubei, segurei-o pelo pescoço e elevei meu punho, mas nesse momento senti a ponta de uma adaga que se afundava em meu corpo, Monfort me ferira com a adaga que sempre levava em sua bota, foi a arma que penetrou meu corpo. Caí para trás e ele se levantou, agarrou sua espada e com um sorriso nos lábios foi se aproximando de mim, desfrutando desse momento. Ergui-me apesar da dor.

— Quem vai morrer será você, escocês. — Deu-me um

chute cambaleei. Ele gargalhou ao ver o sangue brotar de meu corpo. Levantou seu aço e justamente nesse instante uma flecha lhe atravessou o coração. Olhei, era Murdor, ele era o melhor com o arco.

Monfort caiu ao chão, um filete de sangue saía por sua boca. Finalmente ela havia morrido.

— Hoje você arderá no inferno — eu lhe sussurrei.

— Feriu você, Aldan! Devemos sair daqui o quanto antes — disse Murdor.

Kimball e Korvan se aproximaram de nós a grande velocidade.

— Vamos! — Gritou Kimball.

Kimball e Murdor me ajudaram, montamos em nossos cavalos e nos afastamos dali.

Detivemo-nos quando pisamos em solo escocês em uma cabana habitada por familiares de Murdor. Em alguma ocasião fomos até ali quando tínhamos algum ferido, estava no caminho em direção a Skye.

— Maldito seja! — Disse Korvan. — Aquele malnascido quase o mata!

Maggie, parente da mãe de meu amigo, saiu para nos receber. Não era a primeira vez que me curava com suas beberagens. Franziu o cenho ao ver-me naquele estado, mas sem dizer nada nos guiou até o interior da cabana.

A mulher limpou a ferida com ervas e depois me preparou um unguento com o qual me lubrificou. Rasgou uma faixa de tecido e foi me enfaixando a ferida.

— Isto fará que não infeccione. Agora deve descansar.

— Isso precisará esperar — eu disse.

— Aldan Macrae! — Grunhiu a mulher, zangada. — Desta vez precisa me ouvir, esta ferida não é como outras que você teve, é fácil que se infecte e se isso ocorrer você pode morrer.

— Obrigado, Maggie, você é fantástica. — Olhei para Murdor. — Vamos!

— Mas você precisa descansar! — disse a aldeã.

— Não posso Maggie, ela corre perigo — eu disse.

— Ela? — Perguntou a mulher.

— Sua esposa — respondeu Murdor por mim.

Kimball e Korvan me observavam com os braços cruzados e as pernas ligeiramente abertas.

— Preciso ir — eu lhes disse.

— Não está bem para cavalgar — disse Kimball preocupado. — Iremos com você.

— Não vocês devem retornar com suas esposas. Depois da morte de Monfort podem ir a seus castelos, recordem que conseguiram nos ver. Sua obrigação é estar com suas famílias. Murdor virá comigo.

Eram tempos difíceis e sabíamos que depois da morte de Monfort o rei inglês podia fazer represálias contra as Highlands e amigos dos escoceses, e eu não queria colocar meus amigos em perigo. Cada um de nós deveria estar onde nos correspondia para defender os nossos, e eles sabiam. Erguemos nossas espadas e juntamos nossos fios, os cavaleiros do Leão se separavam nesse momento, mas sempre seríamos um só coração, uma só espada e uma única força.

— Honra, justiça, fé, esperança e amizade! — Gritamos.

Esse era nosso lema, que sempre nos manteria juntos. Voltaríamos a nos ver, embora desta vez a ordem de Os Cavaleiros do Leão demoraria mais tempo para se reunir. Viriam tempos difíceis.

Vi-os se afastarem. Murdor e eu empreendemos viagem à abadia de Kinloss. Depois do que escutei Monfort falar, carregava esperanças de encontrá-la lá.

XXXVII

Hernes sabia que a veria na abadia, mas sua intenção não era levá-la ao castelo do conde, ele ansiava acabar com sua vida, ficaria satisfeito ao fazê-lo. Além disso, o manuscrito devia ser dele, somente ele possuía o livro do abade Juan de York, o único que continha o grande segredo para poder decifrar o que estava escrito no documento. Gozava somente de pensar em sua recompensa.

Sabia que ela apareceria na abadia, esperaria o momento, intuía que chegaria logo. Esperou que abrissem as portas das cozinhas, calculara a hora exata em que chegavam vários camponeses com sacos de sal e mantimentos para o depósito dos frades. Então entraria sem que ninguém suspeitasse. Nesse momento se lembrou do papel que o soldado do líder dos Macrae lhe entregara, ele havia lido apesar de lhe ser dito que era para o conde de Monfort. Sorriu, jamais o entregaria, ele pensou. Dizia que o laird dos Macrae se dirigia com um grupo de homens, ao castelo, sua intenção era matá-lo e exigia ao conde que acabasse com a vida dele, e, assim, cumprisse a promessa que lhe fizera. Hernes albergava a esperança de que o conde morresse.

Viu chegar os homens com os sacos de comida. Hernes lhes disse que ele os estava esperando para ajudá-los, ao

princípio o olharam incrédulos e hesitavam se lhe davam um saco, mas ao final cederam. A porta foi aberta e começaram a penetrar no interior. Em um momento de descuido dos aldeões, Hernes entrou pelos longos corredores da abadia. Estava muito claro o que ele queria, aquele frade, precisava encontrá-lo.

XXXVIII

Entrei no interior das ruínas. O vento soprava cada vez mais forte. Fui percorrendo a grande esplanada. Quantas lembranças! Recordava com clareza a abadia, se fechasse os olhos podia ver as paredes frias, úmidas, e os longos corredores. Virei-me com rapidez para trás, havia sentido algo, mas não era Aldan, era uma sensação estranha, minha consciência me dizia que me afastasse dali o quanto antes.

— Há alguém aqui? — Eu perguntei. Não vi ninguém, tão somente um corvo que observava do ramo de uma árvore cada um de meus movimentos. Senti um calafrio, precisava ir; além disso, o céu estava coberto de nuvens negras que ameaçavam uma tormenta. Entraria em outro momento.

Andei com rapidez, queria chegar o quanto antes perto de Rosslyn e Carlton. No caminho de volta eu o vi e não foi imaginação, estava ali, ele não me via, mas eu podia distingui-lo, corria oculto atrás da capa negra, era Hernes. Tremi, comecei a correr, devia partir dali o quanto antes. As primeiras gotas de chuva começaram a molhar meu cabelo. Eu havia visto Hernes correr pela abadia! Estremeci somente de pensar. — Aldan! Eu disse em voz alta, onde você está meu amor?

Rosslyn e Carlton estavam me esperando dentro do carro.

— Querida, íamos buscá-la. Há uma pousada muito perto

daqui, pode se chegar andando. Pensamos que nós poderíamos nos instalar ali e passar alguns dias, assim você poderia vir caminhando até aqui. — Eu assenti.

A pousada era muito confortável, havia uma família também alojada. Rosslyn se sentou a meu lado contemplando pela grande janela da sala de estar a chuva e o vento.

— Não sei como retornar, Rosslyn — eu lhe disse com tristeza. — Penso que jamais voltarei a estar com ele.

— Querida, nesta vida tudo o que nos acontece tem uma explicação, um por quê. Encontrará o caminho, ele a chamará. Além disso, Murdor disse...

— Sim, Murdor o disse, mas... e se eu mudar o passado? E se não conseguir retornar?

— Não, Katherine, isso não acontecerá. — Surpreendeu-me que ela me chamasse assim, embora já havia me acostumado mais a esse nome que ao meu. — Sua alma anseia transpassar o portal do tempo, mas há algo que a impede de fazê-lo, e esse algo é sua vontade; uma parte de você tem medo do desconhecido e esse medo é o que não a deixa romper as barreiras do tempo.

— Pode ser que tenha razão.

— Você o ama? — Perguntou-me.

— Sim, muito.

— Então vá com ele — ela me sorriu — e termine sua missão querida.

Rosslyn foi para seu aposento. Ela estava certa, eu sentia medo, ainda tremia com a visão que tivera de Hernes. Por um lado, amava Aldan e só queria estar com ele, mas por outro

sentia pânico dos perigos que me esperavam lá. Devia me desfazer do manuscrito, embora somente fosse escondê-lo entre as ruínas da abadia.

Subi ao meu aposento, estava esgotada, precisava descansar. Fiquei profundamente adormecida.

Aldan! Eu gritei. Estava suando, sabia que ele estava ali.

XXXIX

— Disse que ela estava aqui? — perguntei a Murdor.

— Sim você disse, mas pode ser que tenha se equivocado.

Aldan, nós a vimos desaparecer e estava gravemente ferida.

— Está viva, sinto-a, sei que está aqui.

Desci do meu cavalo e Murdor me imitou.

— Note! — Assinalei a porta que comunicava com as cozinhas. — Não lhe parece estranho?

— Pois agora que o diz, sim. Onde estão os camponeses?

— Faz vários minutos que estamos aqui e a carroça ainda tem sacos em seu interior e ninguém veio buscá-los.

— O que está pensando?

— Dá-me a sensação que os frades da abadia têm visita — disse-lhe.

— Sim, isso parece. — Murdor me olhou. Aproximamo-nos devagar, precisávamos ir com cautela.

Fomos com muito sigilo. Intuíamos que algo não estava bem. Entramos com cautela, não havia ninguém pelos arredores, havia sacos na metade da cozinha, sem armazenar. Seguimos para a cela do frade. Tudo estava em silêncio. Que estranho, eu pensei. De repente observamos que os homens que haviam trazido os sacos saíam dali quase correndo.

— O que querem senhores?

— Por que está tudo tão em silêncio? — Disse Murdor.

— Não sei a que se referem — respondeu um deles.

— Onde estão os frades? — Perguntei-lhes.

— Ocorreu uma tragédia com um deles. Ele se enforcou senhor, apareceu pendurado no teto de madeira em sua cela. Era um frade que sempre nos pagava por trazer os sacos, procuramos por ele e o encontramos morto. Esta abadia está amaldiçoada.

— O que acreditam que aconteceu? — perguntou Murdor.

— Ele se suicidou, havia uma nota escrita por ele; além disso, estava nu. Pelo visto... ele não era tão casto como se acreditava. A mulher com a qual ele se encontrava deve estar muito perto daqui.

— Mulher? Por que supõem que ele estava com uma mulher?

— E com quem senão uma mulher? — Ele respondeu. — Está nu, sem roupa e em seu escrito comenta que uma mulher o levou a perder a cabeça, enfeitiçou-o.

— Tolices! — Eu gritei, estava cansado daquelas ideias absurdas de bruxas e feitiços.

— Bem senhores, nós precisamos ir, porque nesta abadia habita o diabo. — Partiram com rapidez.

Murdor e eu nos olhamos, perplexos ante o que acabávamos de ouvir.

— Por que com você sempre acontecem estas coisas? — Perguntou-me Murdor.

— A que se refere? — perguntei-lhe.

— A que nunca há um momento de tranquilidade. — Sorri

diante de seu comentário.

— Já sabe que se não houver aventura em minha vida eu a buscarei.

— Sim, isso eu não duvido — disse-me com resignação.

Vimos que um frade se metia em uma pequena capela, pareceu-me que era o mesmo frade que me salvara a vida. Murdor e eu o seguimos e nos escondemos atrás de uma das colunas. O frade estava de joelhos em frente ao pequeno altar, nesse momento passou o gigante que estava com ele aquele dia. O frade se levantou e ficou em frente a ele.

— Precisamos encontrá-la antes que eles. — Escutei-os. Saí de meu esconderijo.

— O que está havendo? — Perguntei-lhe. Ao princípio se assustaram, mas em seguida me reconheceram.

— O que fazem aqui? — Disse o irmão enquanto retorcia os dedos, notava-o nervoso. — Veio procurá-la?

— A quem? — Eu perguntei.

— A ela? Sua jovem dama está aqui.

— Katherine? — Meu coração parecia que ia explodir depois de escutar o que ele disse. Murdor e eu cruzamos nossos olhares.

— Sim, está aqui, com tão má sorte que o irmão Adam apareceu morto e todos pensam que foi por causa dela. Viram-na na abadia, mas a moça vinha me procurar e enquanto me esperava aconteceu tudo isto. Quando fui ao seu encontro ela havia desaparecido. Não deve ter saído da abadia, já que todos os irmãos estão procurando-a para acusá-la da morte do frade, pensam que ela está possuída pelo demônio e que o enfeitiçou.

Murdor me observou com preocupação.

— São iguais, mete-se em problemas com rapidez — ele sussurrou.

— Preciso encontrá-la antes que eles! — Eu disse. — Katherine meu amor! Onde você está? Volte para mim!

XL

Nesta noite não pude dormir, o vento soprava com força. Deitei-me na cama e o escutei. Não sei se foi minha vontade de ouvi-lo ou na realidade era ele que me chamava, mas o escutei sussurrar meu nome, sabia que devia ir ali, e embora tivesse medo em uma noite tão escura, com vento e que anunciava tormenta, havia algo inexplicável que me empurrava a ir até à abadia. Vesti-me, guardei somente o manuscrito, deixei as pedras sobre a mesa. Escrevi uma nota para Rosslyn e Carlton os informando do que estava fazendo e a coloquei por baixo da porta de seu aposento. Olhei para o céu. Meu Deus, ajude-me! Eu sussurrei.

A abadia estava perto da pousada. Observei relâmpagos no céu que refletiam o que chegaria em breve. O céu se cobria de raios brancos e pequenas gotas começaram a cair. A abadia parecia tenebrosa, mas apesar do medo que me produzia ao me aproximar dela, eu sabia que nessa noite eu precisava estar ali. Andei devagar e logo comecei outra vez a recordar cada detalhe, a porta principal, os longos corredores, a pequena capela... Fechei os olhos me deixando invadir pelos fantasmas do passado, respirei profundamente e voltei a abri-los, vi-me rodeada de frades que passavam a meu lado sem notar minha presença, estava na linha de tempo que separava os dois

mundos e eu precisava decidir nesse momento se atravessava. A abadia começava a se parecer com a que eu recordava. Então voltei a escutar sua voz, desta vez com clareza. — Katherine! Era um sussurro, virei-me. — Aldan! Gritei. E sem ser consciente disso transpassei a linha do tempo e o espaço, tomei uma decisão, ele.

— O que faz aqui senhorita? — Um frade me analisava com semblante acusatório.

— Estou esperando o irmão Sam, mas não sei se foram avisá-lo.

— Espere aqui — ele disse com frieza.

Sabia que não poderia ficar nesse lugar, algo estranho estava acontecendo, deveria me esconder e fugir assim que tivesse a primeira oportunidade. Fui por uma das galerias estreitas, intuía que pelas cozinhas havia uma porta que comunicava com o exterior. Fui diretamente para lá, escutava gritos e muito ruído, o que estava acontecendo? Olhei para trás para me assegurar de que ninguém me seguia, mas nesse momento choquei com alguém, olhei a pessoa que estava em minha frente, não lhe via o rosto, pois ele o escondia com seu capuz, era um frade. Tirou o capuz e retrocedi ao vê-lo, agarrou com força meu braço. Era Hernes, eu estava muito assustada.

— Sabia que viria até aqui, era somente questão de esperar.

— Solte-me!

— Ora, ora, ora! — Puxou-me com violência me obrigando a ir com ele.

Vários frades estavam no pátio, ao me verem se fez um

grande silêncio. O que acontecia? Intuíra que algo ruim estava ocorrendo.

— Já a encontrei! Tentava escapar, aqui está a endemoninhada — ele disse, enquanto me lançou ao centro dos ali presentes. — Precisamos prendê-la. — O abade se aproximou de mim.

— Sim, levem-na a uma das celas. Mandarei uma carta ao bispo lhe explicando o que aconteceu para que nos visite. Até então a isolaremos. Com seus feitiços pode enfeitiçar a outro de nossos irmãos.

O que ele dizia? A que ele se referia? Eu não entendia nada.

Transcorreu bastante tempo até que a porta da cela escura foi aberta, era Hernes, que me olhava com ódio.

— Onde está o manuscrito?

— Não o tenho e não sei onde está, eu o perdi.

— Não acredito em você, deve tê-lo escondido e sei que sabe onde se encontra. Tem duas opções ou esperar que venha o bispo, julgue-a e a queimem na fogueira, ou me dizer onde está o manuscrito e, nesse caso, eu a ajudarei a sair daqui. — Não confiava naquele homem, sabia que não só queria o manuscrito, mas também minha morte. Não respondi. — Aquele frade, fui eu que o assassinei, e mais, a nota escrita foi para que a culpassem, já que sabia que cedo ou tarde você viria à abadia. Não tem saída. — Não pronunciei palavra alguma. — Muito bem, se for o que quer, darei instruções precisas de que não lhe tragam nem comida, nem água, ao final me dirá. É igual às de sua estirpe, prometi matar a

todas... com você eu cumprirei meu juramento, mas antes me dirá onde o escondeu, por bem ou por mal.

Quando ele saiu suspirei, sabia que aquele monstro era capaz de tudo. Estava sedenta. Havia passado muito tempo, e de fato eu havia perdido a noção do tempo. Meus olhos se acostumaram à escuridão. Este vai ser meu final. Não, precisava ter outra saída. Ouvi ruídos, mas quase não me restavam forças para escutar e me interessar pelo que estava acontecendo. A porta da cela foi aberta com brutalidade, e eu acreditei que estava vendo alucinações, Aldan!

— Katherine! Meu amor — ele me disse enquanto se aproximava. Levantou-me em braços e rodeei seu pescoço. Acaricieei sua bochecha.

— Finalmente o encontrei! Amo você, Aldan Macrae. Cumpri minha promessa, meu escocês. — Apoiei a cabeça sobre seu ombro, feliz, e senti que ele me beijava a cabeça. Agora estava segura, finalmente com ele, voltávamos a estar juntos.

Já nada importava, o que pudesse me acontecer já era secundário. Saímos da abadia, e escutei a voz de Murdor.

— Tome. — Aldan me deu de beber. — Melhor? — Assenti.

— Retornei para você! — Ele sorriu, acariciou minha bochecha com sua mão e retirou uma mecha de cabelo que escapara do penteado. Minha roupa já não era a que eu usava na saída da pousada, voltava a pertencer à época dele. Deixou-me no chão e me beijou. Não deixava de me olhar e me reter entre seus braços. Murdor se virou nos dando as costas, mas eu o via impaciente.

— Quanto senti sua falta! — Disse-lhe.

— Eu também meu amor — Ele disse me estreitando com força entre seus braços. — Mas devemos partir, perseguem-nos.

— Não, Aldan, tenho o manuscrito, preciso entregar ao frade.

— Acalme-se, sei onde ele está. Aguardam-nos no rio. Lá nos esperam com os cavalos. Pode andar? — Ele me perguntou. Assenti.

Começamos a caminhar em direção ao rio, mas nesse instante escutei sua voz, não estávamos sozinhos. Hernes estava atrás de nós, não sabia como ele chegara ali, ameaçava-me com a ponta de sua espada, aproximou-se de mim com grande agilidade e me atraiu até onde ele estava.

— Sabia que você havia me enganado e que tinha o manuscrito — disse.

— Solte-a! — Gritou Aldan.

— Ora, ora, ora! Não, pegarei o documento e depois a matarei. Deveria ter feito isto faz muito tempo.

— Solte-a!

— Aldan Macrae você é um ingênuo. Assim acontece que até os homens de sua confiança o traem e você nem se dá conta.

— Não sei a que se refere! — Respondeu Aldan.

Hernes lhe lançou um papel que extraiu de seu bolso.

— Leia! Um de seus comandantes informa seus passos. Quer que você morra, anseia ser o laird do clã Macrae. — Aldan empalideceu, queria pegar o papel para ver quem o assinava, mas não podia baixar a guarda.

— Não acredito em você — respondeu. Murdor se movia

devagar enquanto ele falava.

— Pouco me importa porque matarei a todos.

Nesse momento o homem que acompanhava o frade lhe deu um golpe pelas costas que o fez cair. Aldan me colocou atrás dele e foi lutar com o Hernes. Golpeavam-se ambos com violência, mas Aldan era ágil e muito rápido e lhe deu um forte golpe no ventre, Hernes caiu ao chão e Murdor afundou seu aço.

— Hoje estará onde lhe corresponde. Apodreça no inferno, lá o espera seu amigo Monfort! — Disse Aldan enquanto Hernes dava seu último suspiro.

Murdor agarrou o papel e empalideceu ao ver seu conteúdo, mostrou-o a Aldan que o dobrou e o guardou.

Abraçou-me com força e me beijou.

— Vamos para casa, meu amor — ele me disse.

Em seguida vi aparecer o frade. Este nos sorriu.

— Isto é para você — disse-lhe Aldan, entregando-lhe o manuscrito.

— Agora os levarei a um lugar seguro. Os dois documentos devem estar afastados dos homens, ao menos no momento, até que chegue o dia em que não queiram matar para obtê-lo.

Observamos ele se afastar. Aldan me colocou em seu cavalo e montou atrás de mim, tapou-me com seu tartan e eu me recostei sobre seu peito, fechei os olhos. Finalmente estava com ele, sentia-me segura, feliz.

Não recordo o tempo que estivemos cavalgando, quando o animal se deteve despertei. Eu adormeci apesar de quão incômodo era ir a cavalo. Não devíamos estar muito longe de

Skye. Aldan me ajudou a descer. Olhou-me e me presenteou com um de seus bonitos sorrisos.

— Voltou — ele me disse. — Senti muita saudade. Onde esteve, milady?

— Retornei e estive bastante tempo me recuperando da ferida, sobrevivi por você. Não sabia como encontrá-lo, mas... — ia contar sobre os anciões de Skye, mas parei a tempo, não queria influir no transcurso dos acontecimentos, tampouco em suas decisões, nem o preocupar mais do que já estava. — Por fim soube que se retornasse à abadia e me desfizesse do manuscrito podia retornar para você. Sentia que você estava ali. Vi você no esculpado.

— E eu a você. Meu coração se rompeu em dois quando não consegui mais te ver — ele me sussurrou.

Agarrou-me pela cintura e me atraiu para ele, baixou seu rosto e nossos lábios se roçaram sentindo a suavidade e o prazer do contato de nossas bocas. Levantou seu olhar e me abraçou com força, como se temesse me perder.

— Não deixarei que volte a sair de meu lado, não suportaria outra vez.

— Não o farei escocês. Eu tampouco suportaria.

Fui ao rio para me assear enquanto Aldan falava com Murdor, não os entendia porque falavam muito baixinho e em gaélico, notava-os preocupados. Parecia-me mentira ver Murdor e saber que seus descendentes recordariam suas histórias e revelações séculos depois. Notei que Aldan tocava as costelas, então notei que tinha sangue.

— Deixe-me ver isso, Aldan! — Ordenei-lhe.

Apresentava bom aspecto, a ferida cicatrizava.

— Estou muito melhor, Katherine. No momento não precisará se preocupar.

— Não faça esforço porque ela abrirá e sangrará como agora.

Tomamos algo e retomamos a viagem, via-os ambos, inquietos, desejando chegar ao castelo.

Quando os aldeões e seus homens nos viram chegar começaram a gritar todos de alegria, as crianças corriam a nosso redor. Aldan lhes sorria. Paramos. Ajudou-me a descer do cavalo. Em seguida seu irmão o viu e se aproximou com rapidez para abraçar Aldan. Ailbert também se aproximou e lhes deu as boas-vindas igualmente a seus outros soldados e comandantes. Apesar da alegria que Aldan mostrava, eu sabia que algo o preocupava. Entramos no castelo, Aldan deu instruções que me acompanhassem aos aposentos, sabia que eu precisava descansar. Ele estava tenso e impaciente e eu não compreendia muito bem o que lhe acontecia porque pouco tempo tivemos, para estar a sós e falar com tranquilidade. Quando entrei no aposento me senti feliz. Asseei-me e olhei pela janela que dava ao pátio de armas, não havia ninguém, reuniram-se. Deitei-me.

— Senhorita — eu me assustei e me endireitei com rapidez,
— o laird Macrae a espera na sala grande para o jantar.

— Muito obrigada, desço em seguida.

Aldan estava sozinho, estranhei que não estivessem nem seu irmão, nem Murdor, nem seus homens. Ao ver-me se levantou, veio para mim e me rodeou com seus braços, sem me

deixar falar me beijou, deixando-me sem palavras, nem fôlego, desejei mais, mas ele piscou e retirou a cadeira para que eu me sentasse.

— Parece mentira estar com você outra vez — ele me disse.
— Jamais tive medo diante de ninguém, nem de nada, mas agora sinto pânico de que desapareça.

— Isso não vai voltar a acontecer, eu já tomei uma decisão, minha vida está junto a você.

— Eu não aguentaria. Chorei sua ausência. Amo você. — Beijou-me. Levantou seu olhar e guardou silêncio, sabia que precisava me dizer algo que o inquietava. — Katherine, nestes dias vai haver muitas mudanças que vão afetar nossas vidas. Os integrantes de meu clã são muito importantes para mim, mas você é mais que todos eles. Sem eles poderia viver, sem você não, minha vida seria um suplício. — Tapou seu rosto com ambas as mãos.

— Posso saber o que está querendo me dizer? — Perguntei-lhe impaciente.

— Simón de Monfort foi morto, e embora Kimball e Korvan estivessem ali, afinal eles não são escoceses e o rei inglês jamais os enfrentaria. Eu estou no ponto de se ficar aqui ponho em perigo a meu clã, a minha gente e a você. Além disso, embora a ordem do Dragão tenha ficado sem mestre pela morte de Monfort, eles voltarão a reorganizar-se, e não só vão querer o manuscrito, o que os trará a você, mas também desejarão se vingar pela morte do conde. Nós vamos partir para muito longe daqui meu amor, para o norte, lá estão o castelo e as terras de minha mãe e acredito que é o momento de ir para lá, naquele

lugar ninguém nos encontrará.

— E não sentirá falta da sua gente e de suas terras? — Aproximei-me dele, ele me agarrou a mão e puxou-me, forçando-me a sentar sobre seus joelhos. Olhou minhas pupilas, acariciou-me a bochecha e sorriu.

— Não, se estiver com você não sentirei falta de nada disto. Além disso, Murdor ficará como chefe e, mesmo assim, irá para nos ver e me deixar a par de tudo o que acontecer. As terras de minha mãe também precisam que eu esteja lá. Lembro-me de ter ido em várias ocasiões, fui muito feliz, aqueles vales têm algo especial, respira-se paz.

— Então empreendamos já a viagem — disse-lhe, rodeando-o pelo pescoço e beijando-o.

— Sim, partiremos em breve, mas antes preciso deixar resolvidos alguns assuntos. Vá preparando suas coisas, seu pai mandou trazer uma arca. Por certo, seu pai está a caminho para vê-la e ficará bem que se despeça. — Eu assenti enquanto revolia seu cabelo com meus dedos. Agarrou-me entre seus braços e foi direto às escadas.

— Posso saber o que está fazendo? — Perguntei-lhe.

— Estou desejando levá-la à cama e lhe demonstrar o muito que a amo. — Subiu as escadas com rapidez e abriu a porta do quarto com a ponta de sua bota, esta fechou-se atrás de nós. Deixou-me sobre a cama e ficou ao meu lado, rodeando-me com seus braços. — Quero fazê-la se sentir única e especial para mim. — Beijou-me.

Como eu precisava e desejava suas carícias! Desejava-o e não queria que parasse. Suas mãos deslizaram por meu corpo

até me fazer tremer com seu roçar. A noite era para nós.

XLI

Eu a observava enquanto dormia, que bonita era e quanto a amava! Não queria despertá-la; além disso devia partir sem que ela estivesse acordada, pois sabia que se desgostaria e queria evitar esse enfrentamento com ela. Era a hora, Kimball já chegara com Elizabeth, Eamon, Begira e o padre Lean. Os quatro ficariam aqui com Katherine enquanto Kimball se unia a mim e meus homens, precisávamos pegar o traidor, depois iria com Katherine para nosso futuro lar, lá seríamos felizes. Além disso, ela devia esperar seu pai, e assim enquanto eu estivesse longe, Katherine poderia se despedir dele.

Apesar de que os cavaleiros da ordem do Leão haviam se despedido, Kimball queria fazer uma viagem até Inverness, lá Beth e Eamon procurariam o frade da abadia de Kinloss, intuía que ele devia estar escondido naquele lugar. Mas sua viagem esperaria alguns dias mais, já que meu amigo se ofereceu para me ajudar assim que soube da traição de um de meus homens. Begira e o padre Lean também os acompanhariam até Inverness.

Todos os meus soldados, inclusive meu irmão, esperavam-me no pátio de armas, Kimball se aproximou de Elizabeth e Eamon.

— Elizabeth, cuide de Katherine.

— Claro que o farei. E vocês se cuidem.

— Logo estaremos de volta, Beth.

— Podemos saber para onde nos dirigimos? — Perguntou Ailbert.

— Às Terras Baixas — eu respondi.

— Para que vamos lá? — Perguntou meu irmão.

— Logo descobrirá — respondeu Murdor.

Cavalgávamos e eu observava o traidor, como podia me ter feito aquilo, eu confiava nele. Mas não se importou em me vender ao conde inglês com a intenção de ser chefe do clã.

— Aldan, quem mais sabe do traidor? — Perguntou Kimball.

— Murdor. O restante de meus homens desconhece a traição.

— Os cavaleiros da ordem do Dragão voltarão a se organizar, vão querer vingança — disse-me Kimball.

— Sei, mas então eu já estarei longe, parecerá como se eu tivesse morrido e a tivesse perdido para sempre. Essa rocha simulará minha tumba e se alguém quiser se vingar, Murdor o levará até lá para que não duvidem do que ele lhes diga.

— Pensou muito.

— Sim, e estou decidido a fazê-lo. É a única maneira da vida dela estar a salvo — eu lhe respondi.

— Virão tempos difíceis para todos. O rei inglês apoia os barões ingleses que querem se apropriar das terras escocesas, reclamam-nas como deles — disse-me Kimball.

— Sim, mas os escoceses jamais permitirão que nos tirem o que nos pertence, se quiserem guerra a terão, Kimball. — Meu

amigo permaneceu em silêncio, olhando à frente.

Havíamos chegado ao ponto limite com as terras inglesas, nesse lugar, cheio de escarpados e repleto de zonas agrestes e selvagens, é onde eu o entregaria. Estava louco por ele ter me causado tanto dano e me vendido aos ingleses só por querer o posto de chefe.

Descemos dos cavalos. Kimball ficou a meu lado, ambos com os braços cruzados e as pernas abertas. Murdor se posicionou atrás de mim.

— O que fazemos aqui? — Perguntou um de meus guerreiros.

— Você acredita no quê, Ailbert? — Perguntei.

— A que se refere Aldan? — Perguntou Ailbert.

— Diga-me você — eu disse com ironia.

— O que acontece? — Perguntou meu irmão.

— Acredito que é hora de que parta para outras terras. Sai um navio em breve à França, deve ir para lá — eu disse. — Na realidade você tem sorte.

— Por que diz isso, Aldan? — Entreguei-lhe o escrito de Hernes, Ailbert o leu e começou a ficar nervoso.

— Não quero voltar a vê-lo pelas terras dos Macrae. E antes que eu me arrependa de não ter lhe dado o castigo que merece, apresse-se a pegar aquele navio.

Ailbert abaixou a cabeça, não pigarreou e se apressou em ir à praia.

— Mas... posso saber por que ele se vai? — Perguntou meu irmão.

— Traiu seu irmão. Vendeu informação aos ingleses em

troca de ficar com o posto de laird — disse Kimball.

— Aproveito agora que estão aqui para lhes dizer que o novo laird vai ser Murdor, até que meu irmão esteja preparado para assumir a chefia do clã — disse a todos os meus soldados.

— Por quê? — Perguntaram ao unísono.

— Amo minha mulher e por culpa dele ela pode correr perigo, não estou disposto a isso. Todos devem acreditar que eu morri e que ela não está viva. Levantarei uma pedra no escarpado onde será gravado meu nome e uma frase que assim o confirme.

— Aonde irá irmão?

— Às terras de nossa mãe, mas isto jamais poderá sair de entre nós.

Assegurei-me vendo dos escarpados que Ailbert embarcava e se afastava das terras escocesas. Por muito que me doesse ele não merecia estar entre nós, nem em nosso clã.

Empreendemos a marcha para Skye, estava desejando ver Katherine e tê-la entre meus braços.

XLII

Eu não entendia por que ele partiu sem se despedir de mim, queria ter lhe dito o muito que o amava e que retornasse logo, abraçá-lo e beijá-lo, mas me senti frustrada ao me levantar e não vê-lo e nem sequer notar o calor de seu corpo a meu lado na cama.

Surpreendi-me ao encontrar Elizabeth e Begira no jardim, também estava com elas o filho de Kimball, Eamon. Aproximei-me deles que sorriram ao me ver.

— Katherine! Que alegria que esteja outra vez junto a nós — disse Elizabeth.

— Sim, retornei, mas Aldan voltou a partir.

— Bem, isto é algo habitual entre os cavaleiros do Leão — disse Beth, era como ela chamava seu marido. Olhou para Eamon. — Eamon, vá ver o padre Lean — ela lhe falou muito devagar. — Ele é mudo, mas melhorou bastante, diz algumas palavras. — Sorriu. — Katherine, há algo que Begira e eu lhe queremos contar. Bem, mais ela. — Olhou para Begira.

— Sim, ao longo de todos estes anos fiz um juramento para que algum dia vocês retornassem para mim. Ana hoje não está, mas a ela também expliquei durante sua última estadia em Essex. Vocês três foram escolhidas, seu sangue é o mesmo e seus antepassados são mulheres de minha estirpe, de meu

sangue, de minha família. Elas fizeram um juramento para que as relíquias sagradas que José de Arimateia trouxe e as de Santo André fossem guardadas e escondidas em algum lugar onde os homens do Dragão não pudessem descobrir. O Santo Graal, um anel e um manuscrito que revelavam o lugar exato onde estão escondidas as relíquias de Santo André. Estas mulheres enfrentaram os cavaleiros do Dragão que queriam possuí-las e profaná-las. A ambição e ânsia de poder os faziam querer apoderar-se delas e utilizá-las para seus ritos satânicos. Mas jamais o permitiríamos. Eu vi morrer a cada uma dessas mulheres, mas cada uma delas deixou uma filha escolhida com um dom especial. O Portal dos Homens só se abriria para elas e passariam os anos e os séculos até que chegasse o momento adequado em que três cavaleiros, escolhidos por seu sangue, as protegeriam e ajudariam a terminar o que não se finalizou. Vocês são essas mulheres e seus homens são os escolhidos para tal missão.

— E você quem é, Begira? — Perguntei.

— Eu sempre estive ao lado de vocês, a todo o momento, para guiá-las e despertar em vocês a inquietação de descobrir quem são na realidade e levá-las ao lugar que lhes corresponde. Eu era a anciã do hospital que Elizabeth encontrou quando retornou a sua época depois de estar com Kimball; a mulher que aparecia em sua vida sem saber quem ela era; a avó da Ana que a guiou à época e o lugar que lhe correspondia junto com sua antepassada, e a pitonisa a que você acudiu e lhe explicou as cartas. O resto vocês precisavam descobrir e eu não podia revelar mais porque poderia colocar

suas vidas em perigo e fazer com que se fechasse o Portal dos Homens, para sempre. — Nesse momento reconheci os olhos da pitonisa, sempre tive a sensação de que a conhecia, agora reconhecia o azul nos olhos de Begira. — Vocês são as descendentes de meu sangue e seus filhos continuarão sua estirpe. Para cada uma eu me manifestei de maneira diferente, mas sempre estive a seu lado para ajudá-las e guiá-las embora nunca se tenham dado conta. O lugar de vocês está aqui, com os homens que foram escolhidos para vocês e que sempre as estiveram procurando e esperando. Suas almas se pertencem, são almas gêmeas que vagaram pelo tempo até encontrar sua outra metade. — Olhei para Beth.

— Eu já sabia e pensávamos em lhe contar isso quando você desapareceu e tememos que nunca retornasse — disse Elizabeth.

— Custa-me entender tudo isto.

— Eu sei — disse Begira. — Com o tempo tudo voltará para o lugar e suas lembranças da época que viveu nestas terras se farão mais presentes e irá esquecendo sua vida futura.

— Só precisa se concentrar em ser feliz com Aldan — disse Elizabeth. — Eu jamais retornaria a minha vida anterior, eu o amo e sem ele nunca seria feliz. — Eamon ria com o padre Lean. Beth o olhava.

— Ele é o guardião — ela disse referindo-se a Eamon, — escolhido para proteger as relíquias. Irá com o padre Lean e o frade até o lugar onde as esconderão e protegerão. Ele agora deverá seguir seu caminho. Sentiremos sua falta, mas ele sabe que é sua missão. Nós os acompanharemos.

Os dias passavam e Aldan não retornava. Agradei que Elizabeth estivesse ali, igual a Begira, sua companhia fazia que durante o dia eu estivesse distraída.

Naquela manhã decidi pegar meu cavalo e ir ao escarpado onde descobri a pedra. Deixei o animal e andei até o limite onde a terra acabava e o mar começava. Observei o horizonte azul, estendi os braços, respirei, sentia-me livre, em paz, eu havia encontrado meu lugar. Fechei os olhos e escutei o fluxo que rompia com violência sobre as rochas, as gaivotas, o murmúrio das folhas roçando as árvores, e, então o senti, sabia que era ele, eu não estava sozinha. Abri os olhos, mas antes de me voltar, senti seus fortes braços me envolvendo a cintura e a suavidade de seus lábios sobre meu pescoço, então me virou para me colocar de frente para ele, não me deu tempo de dizer nada, seus lábios selaram minha boca e eu rodeei seu pescoço, queria alongar aquele momento. Eu o havia esperado tanto tempo que não queria que ele se afastasse de mim. Olhou-me e sorriu.

— Minha escocesa — ele me disse com carinho. — Agora sim, meu amor, temos toda uma vida pela frente para nós. Amo você, ninguém poderá nos separar. Quando parti fiz uma promessa e hoje, finalmente, cumpriu-se.

— Ah, sim? — Eu perguntei enquanto acariciava sua bochecha.

— Sim, finalmente posso descansar porque você está junto a mim e sei que ninguém poderá levá-la de meu lado.

XLIII

Eu acabara de chegar da reunião secreta com meus amigos, os cavaleiros do Leão. Uma semana sem ver minha escocesa, senti muita saudade, não havia noite que eu não olhasse as estrelas e pensasse que era o mesmo céu e a mesma lua que ela estaria observando. Desejava estar com ela, beijar sua boca, perder-me em seu olhar.

Estava orgulhoso de Katherine, adaptou-se às frias terras do norte e às pessoas taciturnas dali; e mais, ganhou o carinho de todos até tal ponto que as mulheres e jovens da aldeia sempre foram até ela para pedir conselhos e não faziam nada sem esperar sua resposta.

Todos os camponeses ao me verem, rodearam-me dando boas-vindas. Desci de um salto, procurando-a.

— Se procura à senhora ela não está, foi à cascata — disse uma das velhas da aldeia sorrindo. Eu agradei.

Entrei pelo espesso bosque e cheguei ao lugar que tanto gostávamos. À minha frente estava a grande cascata azul, como assim a chamavam os aldeões. Em seguida eu a vi, ela gostava de molhar os tornozelos e contemplar a grande queda branca que caía com força de uma grande altura. Observei-a, adorava fazê-lo. Já não conseguia esperar mais, estava a somente alguns passos dela e ansiava envolvê-la com meus braços para

beijá-la. Nesse momento me aproximei para surpreendê-la, mas ela se virou rapidamente, apontava-me com a espada que eu lhe dei de presente, sorria.

— Sabia que era você. O que pensava, que desta vez me surpreenderia? Apreendi a escutar o silêncio da natureza e a identificar qualquer ruído.

— Ah, sim? — Perguntei enquanto me aproximava lentamente de onde ela estava. — E o que vai fazer se eu me aproximar de você? — Eu disse enquanto ela dava pequenos passos para trás conforme eu avançava. Agarrei-a com rapidez pelo pulso e peguei sua espada. — Meu amor, ainda precisa aprender a evitar que peguem sua arma. — Rodeei-a pela cintura e a aproximei de mim. — Eu a ensinarei, embora a advirto que nunca poderá me vencer.

— Ah, não? — Nesse momento roçou com seus lábios meu pescoço e foi me beijando a bochecha até sentir sua boca sobre a minha. Quanto eu precisava dela! Sem me dar conta ela pegou minha espada.

— Meu escocês, nunca relaxe com uma mulher. — Ela me piscou.

— Ora, ora, ora! Quanto a amo Katherine!

Atraí-a para mim e a beijei, agarrei-a nos braços.

— Posso saber aonde me leva Aldan Macrae? — Ela me perguntou.

— Vou demonstrar o tanto que a amo.

FIM

Agradecimentos

A minha irmã, o que faria sem ti! Quero-te muito.

A meu pai, o homem de minha vida.

A meus filhos, amo-os.

A Rosa, meu grande apoio, confidente, leitora zero e uma grande amiga.

A Lola Gude, obrigado por seus ânimos, ajuda e conselhos. Sei que sempre está aí.

A editorial e toda a equipe de profissionais que têm feito possível que A promessa veja a luz.

A todos os leitores que leem minhas novelas e que com seus comentários me animam a seguir escrevendo.

A meus companheiros e companheiras de editorial, grandes escritores que me ajudam a avançar e melhorar neste mundo.

Obrigado, obrigado, obrigado...

Notas

[←1]

Pitonisa: na Grécia antiga, sacerdotisa do deus Apolo e na Antiguidade, mulher que possuía o dom da profecia.